

Tecnomania

Você é um fã de tecnologia? Tem a sensação de estar desinformado ou desatualizado? Confira o caderno **TECNOMANIA** para ficar antenado sobre o que está acontecendo no mundo tecnológico. Leia a entrevista exclusiva feita com o produtor do famoso aplicativo *Angry Birds!* Ainda, reportagem sobre o novo console da Microsoft, o Xbox One; resenhas críticas dos filmes, *Wolverine Imortal* e *Oblivion*. Corra e conecte no nosso caderno!



#8º JOVEM

Entenda mais sobre o mundo adolescente! Encontre curiosidades e reportagens sobre jovens dessa geração e entenda um pouco mais sobre essa fase a partir de entrevistas feitas com uma psicanalista e uma educadora. Isso tudo e muito mais você encontra no **#8º JOVEM!**



Bola Da Vez

Você gosta de praticar esportes? No caderno **BOLA DA VEZ**, você ficará por dentro de tudo que está acontecendo no mundo esportivo. Beckham e Neymar fazem parte do nosso caderno. Confira, ainda, reportagens, entrevista com o jogador de vôlei Léo Mineiro e dicas de filmes que deixará você antenado no mundo da bola! Não perca!



PALADARES

Não é novidade que todos nós apreciamos um bom prato. Não é mesmo? Pois bem, confira em nosso caderno notícias e reportagens para você que é uma formiguinha de plantão - tudo sobre um delicioso chocolate. Ainda, "cozinhamos" para você uma resenha crítica sobre a deliciosa Gelateria Bacio di Latte e uma entrevista com dono do restaurante Jacaré.



CULTURA

Você tem interesse em saber um pouco mais sobre Música, Arte ou filme? Leia a entrevista que fizemos com o tecladista do Titãs, e uma reportagem sobre arte de rua. Abra direto no caderno **CULTURA** e confira tudo isso e muito mais! Veja tudo o que está rolando no mundo cultural de 2013!



UNIDOS PELA MÚSICA

Não é novidade que a música sempre esteve presente em nossas vidas. Algumas fazem parte de nossa história. Não é mesmo? Aqui, no caderno **UNIDOS PELA MÚSICA**, você encontrará tudo sobre os diversos estilos musicais: metal, ópera, música instrumental, pop e eletrônica. Não perca nenhum segundo. Vá ao nosso caderno e aproveite nossas entrevistas, notícias e resenhas!



Editora Chefe
Priscila Pinheiro

Informática
Sandra Maria da Cunha Alves

TECMANIA
Coordenador
João Pedro Grinover Borgneth
Ilustrador
Fabio Abrão Prista
Isabela Del Amonica Allan
Redatores e revisores
Fabio Abrão Prista
Isabela Del Amonica Allan
João Pedro Grinover Borgneth
Niccolo Angelo Zunino
Pedro Venosa de Oliveira Lima

#8º JOVEM
Coordenador
Carolina Hesketh Gomes
Ilustrador
Pedro Freitas Ng
Redatores e revisores
Carolina Hesketh Gomes
Isadora Lazaretti Teixeira
Gabriel de Oliveira Xavier
Maria Fernanda Pires Galvão
Pedro Freitas Ng

PALADARES
Coordenador
Amanda Watson Martins Pereira
Ilustrador
Sabrina Camargo Silvestre
Redatores e revisores
Amanda Watson Martins Pereira
Clara Souza Guimarães Marques
Luca Conti
Maria Thereza Toledo Diederichsen
Ricardo Cestari Giorgi
Sabrina Camargo Silvestre

BOLA DA VEZ
Coordenador
Enzo Codazzi Corrêa de Mendonça
Ilustrador
Sofia Blanco Belmonte
Redatores e revisores
Enzo Codazzi Corrêa de Mendonça
Luiz Felipe Ganef Tavares
Matheus Mandú Rodrigues dos Santos
Natália Bettini Paes Leme
Rogério Delfino Alves Júnior
Sofia Blanco Belmonte

CULTURA
Coordenador
Gabriel Ribeiro Magalhães
Ilustrador
Julia Ribeiro Neubauer Silva
Leonardo da Almeida Ramos Vismona
Redatores e revisores
Gabriel Ribeiro Magalhães
Giovanna Tito Nastas
Julia Ribeiro Neubauer Silva
Leonardo da Almeida Ramos Vismona
Lucas Moraes Figueiredo
Marcello Ferreira Paim

UNIDOS PELA MÚSICA
Coordenador
Tiago Mestriner Costa
Ilustrador
Téo Puliti Serson
Redatores e revisores
Bento Pestana Hubner
Catarina de Melo Saraiva Borges Guimarães
Marina Jordão Whittle
Téo Puliti Serson
Theo Levin Ceccato
Tiago Mestriner Costa

EDITORIAL

No nosso jornal você encontrará as melhores matérias sobre o mundo atual e o universo jovem, para você que está sempre atualizado e querendo saber das últimas notícias. Como nossa classe está sempre sabendo do que está acontecendo no momento, não há nome melhor para nosso jornal que **8º AGORA**. Não perca tempo. Leia as maravilhosas entrevistas, reportagens e notícias que os aguardam!

Como comemorar meio século de história? O caderno **VERA CRUZ - 50 ANOS** foi feito para prestigiar esse evento. Acompanhe sua trajetória desde o início lendo nossa reportagem. Confira a entrevista com a diretora do Ensino Fundamental e saiba mais sobre a orientadora dos 8º anos, Gláucia.

Confira o **TECMANIA** para se atualizar do mundo tecnológico dos games, dos filmes e dos PCs. No nosso caderno você encontrará notícias sobre o Windows 8, entrevistas com especialistas na área de computação e games como o Playstation 4 e Angry Birds, reportagens sobre o novo Xbox One e seus jogos exclusivos. Navegue no nosso caderno e conecte nas novas informações!

Com certeza a adolescência é a fase mais inesquecível da vida. Passamos por várias experiências, tentações e emoções que você lembrará para sempre. No caderno **#8º JOVEM**, você irá conferir reportagens sobre o uso de drogas cada vez mais cedo entre os adolescentes, lerá entrevistas com uma professora de inglês do Vera e com um psicanalista que também trabalha conosco. Vá ao nosso caderno e tire suas dúvidas e se informe sobre os assuntos polêmicos dessa fase tão esperada e odiada!

Já no caderno **PALADARES**, você encontrará uma entrevista com o dono do restaurante Jacaré, contando a fascinante história do lugar; uma notícia sobre um garoto de 14 anos que abriu o próprio restaurante. Além disso, temos uma matéria sobre um restaurante que serve comida potencialmente letal. Ainda, uma resenha crítica sobre a famosa gelateria italiana, *Bacio di Latte*. Venha conhecer o caderno que dá água na boca.

O próprio nome, **BOLA DA VEZ**, já diz tudo. Nesse caderno, você encontrará tudo sobre esportes. Confira como estão os estádios que sediarão a Copa do Mundo e sobre a seleção brasileira. Veja a grande final da Superliga Feminina de Vôlei 12/13. Acompanhe diferentes dicas e opiniões sobre ótimos filmes relacionados ao mundo do esporte, como o filme *Soberano 2*, a conquista do tri-mundial do tricolor paulista. Para quem não é são-paulino, confira a trajetória do grande jogador Neymar, a principal promessa do futebol brasileiro. Para você que gosta de esportes radicais, veja uma notícia inédita sobre o skatista Bob Burnquist. Venha e confira!

Se você gosta de cultura, confira no nosso caderno reportagens, notícias, entrevistas e resenhas sobre o mundo dos livros, filmes e arte. Ainda, resenha crítica do livro *Droga da Obediência*, reportagem sobre arte de rua (pichação e grafite, será a mesma coisa?). Sem contar a entrevista com o tecladista dos Titãs, Sérgio Britto. Confira tudo isso no caderno **CULTURA** - mergulhe no mundo cultural!

Você gosta de escutar uma boa música? Confira o caderno **UNIDOS PELA MÚSICA**; nele você encontrará notícias e reportagens sobre eventos como o *Rock in Rio* e a premiação *Billboard*. Sem contar a imperdível entrevista feita com Ivan Busic e notícias sobre as bandas *Viper* e *Black Sabbath*. Pensa que acabou? Você ficará por dentro da música instrumental brasileira e da ópera através das entrevistas feitas com Luiz Bueno e com o tenor Jean William.

Relaxe! Leia os nossos mais variados cadernos e descubra um pouco mais sobre tecnologia, mundo jovem, culinária, esportes, cultura, música e sobre a nossa escola!

As matérias publicadas neste jornal foram produzidas de acordo com a última versão realizada pelos alunos na sala de informática, após sucessivas revisões. Ainda assim, alguns textos apresentam algumas incorreções gramaticais, semânticas ou estilísticas, uma vez que nossa intenção foi a de respeitar o limite das possibilidades de cada autor/revisor.

ACONTECEU EM 2013

MICROSOFT VS. SONY

Rivalidade entre as maiores empresas fabricantes de jogos, aplicativos e aparelhos portáteis

No começo do ano, a Sony iniciou o conflito com a Microsoft para ver quem lançaria o novo aparelho primeiro: o PlayStation 4 (PS4) ou o novo Xbox One. Sony anunciou que entregaria o PS4 no final do ano. E a Microsoft revidou, dizendo que o novo Xbox seria lançado no meio do ano.

Com seus maiores aliados, a Apple e a Android, a Sony anunciou que os aparelhos

dessas duas marcas poderão “conversar” com o novo console da PlayStation através de Bluetooth.

Mesmo com o esforço da Sony, Microsoft ganha através do prazo de entrega mais curto.



METEORO EXPLODE NA RÚSSIA

2962 edifícios e 361 escolas danificadas

No dia 15/02, sexta-feira, um meteoro caiu na região de Cheliabinsk, perto dos Montes Urais, na Rússia, causando grandes danos materiais e mais de 1000 feridos, entre eles 200 crianças.

O meteoro pesava 10 toneladas e media 12 m de largura. Entrou na atmosfera na velocidade supersônica de 54.000 km/h e explodiu por volta de 30 a 50 km de altura, deixando fragmentos em seis cidades.

O fenômeno deixou um

rastro de luz no céu e provocou um clarão, que foi visto há vários quilômetros de distância.

Ainda não se sabe definitivamente, mas o governo avaliou o prejuízo em 1 bilhão de rublos, aproximadamente 65 milhões de reais.



CICLISTA PERDE BRAÇO

Motorista joga braço da vítima em córrego

Foi na noite de domingo, 10 de março, no cruzamento da Avenida Paulista, em São Paulo, que Alex Siweck, 21 anos, atropelou David Santos Souza, 21. O rapaz pedalava na ciclo-faixa na pista sentido Consolação, por volta das cinco e meia da manhã, quando foi atingido por Alex.

O ciclista seguia em direção ao trabalho, em quanto Alex pegava a avenida após voltar de uma balada sobre efeito de álcool.

A vítima decidiu trocar de faixa reservada aos ciclistas mesmo estando na contramão, quando viu o carro de Alex se aproximar em alta

velocidade. Com o impacto da batida, o ciclista teve seu braço direito arrancado e lançado para dentro do carro do motorista.

Depois do ocorrido, o motorista do carro lançou, em um córrego perto de um posto policial, o braço de David. Após uma hora e quinze minutos, o motorista se entregou na base comunitária da Polícia Militar.

Alex Siweck vai responder por fuga e embriaguez.



ESTUDANTE É MORTO COM TIRO DURANTE ASSALTO

O universitário foi baleado na cabeça em frente ao seu condomínio

Na noite do dia 9/04, por volta das 21h, Victor Hugo Doppman, jovem de 19 anos, foi morto com um tiro na cabeça ao ser abordado por um criminoso de apenas 17 anos. A vítima estava em frente ao portão de seu prédio, localizado na Zona Leste de São Paulo, quando o assaltante puxou sua mochila.

Victor entregou seu celular e, ao fazer o movimento de tirar sua mochila das costas, o bandido ati-

rou. Essa ação foi filmada pelas câmeras de segurança do condomínio. O universitário não reagiu ao crime. Após o disparo, o assassino fugiu de moto.

O garoto foi encontrado caído no chão, pelo porteiro e socorrido pelo SAMU, mas não resistiu aos ferimentos. O assaltante se entregou à polícia no dia seguinte, véspera de completar 18 anos.



BRASILEIROS PERDEM ASTRO MUSICAL

Chorão, vocalista do Charlie Brown Jr, morre em São Paulo

Alexandre Magno Abrão, mais conhecido como Chorão, morreu na madrugada do dia 6 de março em seu apartamento localizado no bairro de Pinheiros.

Não só a banda Charlie Brown Jr, como os seus inúmeros fãs lamentam o falecimento do vocalista. A perda ainda não foi descoberta, porém há fortes indícios de que a causa de sua morte foi overdose, pois ele já era dependente químico há

anos.

Pouco tempo antes de sua morte, moradores relataram que ouviam móveis sendo quebrados. A perícia foi chamada pelo motorista que o encontrou falecido.

Dentro do apartamento, havia um pó branco que foi levado para a análise toxicológica.

A repercussão mundial foi grande e seu prédio amanheceu pichado com mensagens de luto.

FELICIANO É ELEITO PRESIDENTE DA COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA CÂMARA

Petição com mais de 50 mil assinaturas pedem sua saída

O pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP) foi eleito presidente da comissão de direitos humanos e minorias da Câmara dos Deputados, na quinta-feira, 7/3.

Aconteceram manifestações pelo país inteiro contra sua eleição, pois o deputado foi acusado de racismo, homofobia e estelionato. Também indignados com sua eleição, os deputados: Padre Tom (PT-RO), Jean Wyllys (PSOL-RJ), Luiza Erundina (PSB-SP), Luiz Couto (PT-DF), Eri-

ka Kokay (PT-PB), e Janete Pietá (PT-SP) abandonaram o plenário.

Na internet, petições com mais de 50 mil assinaturas pedem sua saída, mas Feliciano diz não estar preocupado.



FALHA NA SEGURANÇA DO IPHONE É CORRIGIDA PELA APPLE

Atualização impede técnicas para burlar o bloqueio do aparelho

O novo sistema IOS 6.1.3 para iPhones, iPods e iPads lançado na terça-feira (19) corrige seis falhas, uma delas sendo o erro que permitia utilizar os recursos do telefone sem o uso da senha. A nova atualização do sistema impede o uso de "jailbreak", que ficou disponível por 43 dias e foi utilizado em 18 milhões de iPhones, segundo a loja alternativa Cydia.

O boletim de segurança, AP-

PLE-SA-2013-03-19-1, revela o conteúdo da atualização e menciona os hackers que descobriram todas as falhas - inclusive aquelas utilizadas para fazer o "jailbreak", um método para instalar aplicativos fora da iTunes App Store.

O usuário do YouTube, "videodebarraquito", que publicou um vídeo demonstrando como "invadir" o iPhone, foi mencionado também.

BRASIL CHORA A MORTE DE CHORÃO

Ex-cantor da banda Charlie Brown Jr morre por overdose

Alexandre Magno Abrão (Chorão) é encontrado morto em seu apartamento por overdose. O motorista do cantor acionou o SAMU quando encontrou o vocalista desacordado. Chorão morreu às 19h40, porém foi encontrado pela manhã. Em suas roupas, havia um pó branco, ainda foram encontrados remédios e garrafas de cerveja. O vizinho de Chorão afirma ter ouvido batidas fortes na parede.

O vocalista da banda Charlies Brown Jr estava passando por alguns problemas pessoais. Recentemente, passou por um divórcio em virtude de seu vício com as drogas. Graziela, sua ex-mulher, diz que se separou dele como um incentivo

para ele largar as drogas e que voltaria quando o ex-marido conseguisse: "Tentei de tudo, mas perdi a guerra." disse ela.

Alexandre nasceu em São Paulo e, com 17 anos, mudou-se para Santos, onde ganhou seu famoso apelido. Sua banda foi muito bem sucedida por ser uma mistura de vários estilos musicais. Segundo os médicos, sua saúde era boa, ele já estava de viagem marcada para os Estados Unidos.

Com a morte de Chorão, o



MORRE PRESIDENTE VENEZUELANO

Hugo Chávez perde luta contra o câncer

No dia 5 de março, morreu o presidente da Venezuela Hugo Rafael Chávez Frias.

Chávez já sofria de câncer desde junho de 2011. No decorrer de sua doença, o presidente fez quatro cirurgias. Porém, após um tempo, não resistiu aos tratamentos e acabou morrendo.

Hugo Chávez, ao descobrir que estava doente e temendo a morte, apontou um sucessor: Nicolás Maduro.

Cidadãos venezuelanos passaram horas para se despedir de Hugo. O velório ocorreu na Academia Militar da Venezuela.



GAROTO DE 14 ANOS TORNA-SE CHEF

Menino começou a cozinhar porque não gostava da comida da mãe

O americano Flynn McGarry (14) foi recentemente convidado a se tornar chef do restaurante Bier Beis em Beverly Hills, Califórnia, por uma noite.

A empreitada foi um tremendo sucesso! Todos os lugares do restaurante já foram vendidos para a noite a um altíssimo preço, 327 dólares por pessoa.

Flynn nunca gostou muito da comida de sua mãe, Meg, por isso aos 11 anos começou a fazer os próprios pratos. Três anos depois abriu um restaurante no próprio quarto.

O Eureka produz jantares mensais ao preço de 150 dólares por pessoa.



TORCEDOR MORRE EM PARTIDA CONTRA CORINTHIANS

A vítima foi atingida por um sinalizador e morreu antes mesmo de chegar ao hospital

No dia 20 de fevereiro, em Oruro, na Bolívia, timão estreia na Libertadores contra San Jose. Durante esse evento, um jovem de 14 anos morreu atingido por um sinalizador.

A vítima, Kevin Beltran Espada, estava na arquibancada quando foi atingido por um sinalizador. Outro torcedor do San Jose ficou ferido, mas sobreviveu.

Os 12 corintianos suspeitos de lançar o sinalizador contra a torcida do time adversário foram detidos pela polícia de Oruro e estão presos desde então.

O clube afirmou que a família da vítima recusou a

ajuda oferecida pela instituição, ressaltando que nada vai desfazer a tragédia e acabar com a dor dos parentes. Decisão que foi respeitada pela instituição.

A identidade de quem disparou o sinalizador ainda não foi revelada.

O caso inédito aconteceu na Copa Libertadores da América, fato que causou tanta repercussão.



Torcida do time boliviano, San Jose

OSCAR: PRINCIPAIS VENCEDORES

Diversas surpresas ocorrem durante a cerimônia de entrega do Oscar 2013, na noite do dia 24 de março. Uma delas foi a participação da primeira dama dos Estados Unidos, Michelle Obama, que entrou ao vivo, diretamente da Casa Branca.

Michelle organizou o *grand finale* ao anunciar que o vencedor do prêmio do melhor filme - *Argo*, dirigido por Ben Affleck, que também produziu e atuou.

Ang Lee recebeu o troféu de melhor diretor, por *As Aventuras de Pi*, filme que causou comoção nas redes sociais, que da-

vam como certa, a vitória de Steven Spielberg, com o longa *Lincoln*.

Por fim, o comediante Joan Riveis se recusou a se desculpar pelo comentário anti-semita que fez em relação a Heidi Klum - comentário infeliz feito ao vestido usado pela atriz durante o Oscar. Nem mesmo esse evento tirou o brilho dos vitoriosos e do glamour da primeira dama dos Estados Unidos.



A VOLTA DO BLACK SABBATH

Deuses do metal voltam em turnê mundial

O príncipe das trevas, Ozzy Osbourne, está novamente a frente do seu exército. Agora é oficial: Black Sabbath voltou com sua formação original, exceto pelo baterista Bill Ward, vaga que foi ocupada por Brad Wilk.

A volta da banda traz boas notícias: o anúncio de um disco de músicas inéditas, chamado *13* e a nova turnê mundial que começará no dia 12/06, no *Download Fest*, na Inglaterra.

O Black Sabbath foi formado em Birmingham em 1969. A banda lançou muitos CDs, entre eles o clássico *Paranoid*, mas a banda acabou quando o segundo vocalista saiu. A banda só voltou a se reunir agora - notícia fantástica para todos headbanger espalhados pelo mundo.



INTEL COMPRA PROFUSION

Intel investe em empresa brasileira de software

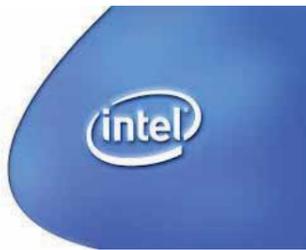
A Intel anunciou a compra da empresa de software, Profusion. A fusão foi concluída no início desse ano.

Nuno Simões, diretor de software da Intel, afirma que no Brasil, não há nenhuma previsão de a Intel fazer novas aquisições.

A empresa, responsável pelo desenvolvimento de aplicações e tecnologia da WEB para dispositivos de consumo, faz desenvolvimento na linguagem HTML5. Esse foi o motivo maior para a Intel comprar a Profusion.

Com essa aquisição, a área de desenvolvimento de software da Intel, aumentou seus investimentos no Brasil.

Com isso, a Intel tornará uma empresa maior, terá mais opções para desenvolvimento de software, além de um inquestionável reconhecimento no país.



BAR É FECHADO APÓS VENDER BEBIDAS A MENORES DE 18 ANOS

Donos de bar levam multa de R\$ 10 mil

Bar, localizado em São José, é fechado durante a madrugada depois que menores de idade foram flagrados consumindo bebidas alcóolicas.

Após denúncia, fiscais visitaram o estabelecimento e abordaram adolescentes que consumiam drogas e álcool no local.

Durante essa operação, a equipe constatou que o comércio não possuía licença, concedida por autoridades, para vender produtos. O prédio foi fechado e os donos receberam uma multa de R\$ 10 mil. A reabertura, ficou condicionada ao pagamento.

O senado acaba de aprovar um projeto que torna um crime a venda, o fornecimento e a entrega de bebidas alcóolicas a menores de 18 anos. A proposta que segue agora para a Câmara prevê punição de 2 a 4 anos de cadeia em casos de flagrante. Os estabelecimentos onde os produtos são vendidos aos menores estão sujeitos a multas de R\$ 3 mil a R\$ 10 mil. Além da interdição do estabelecimento enquanto a multa não for paga.



Policiais após fechamento do bar

RESTAURANTE SERVE COMIDA MORTAL

Clientes têm que assinar um testamento antes de pedir os pratos

Localizado em uma cripta em Londres, o restaurante Café de Mort abriu suas portas nas noites do dia 26 e 27 de fevereiro de 2013, servindo seis pratos potencialmente fatais. O projeto foi realizado pelo apresentador de TV e especialista em comida, Gregg Wallace, junto a empresa *Remember a Charity*.

O objetivo foi lembrar as pessoas da imprevisibilidade da vida e da importância de cuidar do que nos é importante; ainda, incentivá-las a doar seus bens quando morrerem.

Os pratos servidos apresentavam: baiacu, Chilli Ghost (pimenta mais forte do

mundo), cianureto de hidrogênio (substância mortal) e um trio de toxinas. Apesar de serem pratos perigosos, eles só oferecem risco se não forem preparados corretamente.

Mesmo com o risco, o "restaurante" teve casa cheia nas duas noites, mostrando o sucesso da tal comida mortal.



SKATISTA BRASILEIRO CONQUISTA SUA 23ª MEDALHA

Apenas a uma medalha de alcançar o recordista mundial

Bob Burnquist, skatista carioca, conquista sua 23ª medalha na competição X-games que ocorreu durante o período de 18/04 a 21/04, em Foz do Iguaçu, Paraná.

O brasileiro ganhou sua 10ª medalha de ouro na final do Skate Big Air com a nota de 88,33, no Parque Infraero.

Para ganhar o ouro, Bob apresentou uma manobra inovadora, conhecida como *720 de front*, conquistando a nota máxima.

O carioca está perto de

igualar seu número de medalhas com o maior recordista e lenda do esporte, Dave Mirra, que hoje tem 24 medalhas conquistadas nessa modalidade.



RENAN CALHEIROS É ELEITO PRESIDENTE DO SENADO

Com 56 votos, Renan conquista o senado

Renan Calheiros (PMDB-AL) foi eleito presidente do senado, com 56 votos, no dia 1/2/13, assim derrotando seu rival Pedro Taques (PDT-MT), com 18 votos.

De volta ao seu posto, o senador se vê envolvido em um escândalo, após denunciado do ao STF (Supremo Tribunal Federal) por desvio de dinheiro público e falsidade ideológica. Para a vitória, contou com o apoio do PT e do Palácio do Planalto.

Em seu discurso, Renan diz ao jornal Diário de São Paulo, que criará a secretaria de transparência da casa, que cuidará dos problemas da sociedade relativa a lei de acesso à informação.



MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO MUNDO VOLTA AO RIO

Ingressos acabam em apenas 4 horas

Entre os dias 13 e 21 de setembro, na Cidade do Rock, Rio de Janeiro será palco para um dos maiores festivais do mundo, o Rock in Rio.

A edição deste ano terá os ingressos diminuídos de 100 mil, vendidos em 2012, para apenas 85 mil, a fim de proporcionar ao público maior conforto. Com a diminuição dos ingressos, a bilheteria bateu recorde no tempo de venda da história do festival: 4 horas e 4 minutos.

Nesse ano, teremos junções de bandas, como Sepultura com Zé Ramalho e Nando Reis mais Samuel Rosa. Haverá também homenagens ao cantor e compositor Cazusa, com performance de Ney Matogrosso, Maria Gadu e Freja.



VALE-CULTURA NÃO SERVIRÁ PARA A TV PAGA

Há pouco tempo, foi dito que vale cultura poderia pagar a conta de TV

A Ministra da Cultura, Marta Suplicy, negou um dos antigos benefícios do vale cultura, que poderia ser usado para a TV paga.

Dia 26 de dezembro, a Presidente Dilma Rousseff aprovou o projeto de lei que criaria o vale-cultura. Esta lei concede R\$50,00 por mês aos trabalhadores que recebem até cinco salários mínimos (R\$3.039,00). O dinheiro poderá ser gasto na compra de ingressos para show, espetáculos e na aquisição de produtos como DVD's, livros, revistas, e até então TV paga.

O vale havia causado um pouco de controvérsias, pois ele também beneficiava a compra de produtos considerados fúteis como revistas de novelas e revistas pornográficas.

Recentemente a Ministra finalmente negou a assinatura de TV, no Centro Brasileiro Britânico, em São Paulo, contribuindo ainda mais com o escândalo da nova lei.



BOTÃO "INICIAR" VOLTA EM WINDOWS 8

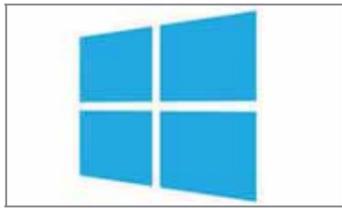
Segundo o site *The Verge*, sistema poderá ser iniciado na área de trabalho

Botão "iniciar" pode voltar em nova atualização do Windows 8, segundo a reportagem publicada no site *The Verge*. Este botão surgiu no Windows 95 e foi retirado na última versão do sistema. O site afirma que o recurso parecerá com o logotipo da Microsoft.

Outra mudança da nova atualização de iniciar o sistema sem passar pela interface em blocos, uma das principais

novas características do novo Windows.

O site *The Verge* diz que embora o sistema não tenha sido feito para receber tal recurso, ele será introduzido futuramente.



Botão iniciar do Windows 8

RJ FATURA SUPERLIGA FEMININA DE VÔLEI

Unilever desestabiliza Osasco após perder os dois primeiros sets

No dia 7 de abril de 2013, no Ibirapuera, foi decidido mais uma final da Superliga Feminina de Voleibol, entre Rio de Janeiro e Osasco.

No primeiro set, só houve equilíbrio nos primeiros pontos da partida, porém após um tempo, o time Sollys começou a dominar com clareza o jogo e abriu uma vantagem de 2-0 com 25-22 e 25-19.

Já no 3º e 4º sets veio a parte mais intrigante do jogo, o Unilever deslançou abrindo uma vantagem de 4 pontos, com fortes ataques de Gabi e

Natália. Osasco permitiu que o seu adversário empatasse o jogo por 2-2 e levasse para o tie-break.

No último e decisivo set, mesmo com o placar apertado, o time de Osasco acabou deixando o Rio fechar o jogo e ganhar o título da Superliga.



ALAMBRADO DE ARENA DESABA

Após comemoração de gol, oito pessoas se feriram

O alambrado da Arena Grêmio desabou após a comemoração do gol feito por Elano, aos 16 minutos do segundo tempo. O jogo, que aconteceu no dia 30 de janeiro, foi interrompido por sete minutos após os torcedores do Grêmio caírem, ocasionando a tradicional avalanche - termo usado para designar a queda dos torcedores da parte alta da arquibancada em direção a parte de baixo, onde é localizado o alambrado.

A partida da primeira fase da Taça Libertadores, entre Grêmio e LDU (Equador) terminou 1 a 0 para o Grêmio, que se classificou para a próxima fase da competição após vencer de 5 a 4 na disputa de pênaltis. Com essa vitória, ainda na Pré-Libertadores, o time brasileiro se classificou para a fase de grupos da competição.

Oito torcedores se feriram, três desses foram levados para o hospital. O Grêmio anunciou que irá bloquear o setor onde aconteceu o acidente até que sejam feitas investigações para evitar mais problemas.

O confronto contra a LDU foi a primeira partida oficial da Arena, que já havia recebido um amistoso anteriormente.



WATCH DOGS É ANUNCIADO PARA PS3 E PS4

Jogo de hackers é exposto nas E3 de 2012 e 2013

Jogo Watch Dogs foi apresentado pela primeira vez na E3 2012. Dessa vez, o evento aconteceu na E3 2013, a maior feira de videogames do mundo. O evento que acontece nos EUA anunciará o lançamento do jogo para os consoles PS3 e PS4.

Watch Dogs, que é de mundo aberto, o jogador controla um personagem que é um hacker, e para cumprir seus objetivos, como por exemplo, pegar criminosos ou se esconder de perseguidores hackeando dispositivos eletrônicos como semáforos e celulares. O que resta ao jogador é descobrir quais dispositivos serão melhor utilizados aos objetivos propostos. Vale lembrar que esses objetivos não precisam ser cumpridos, já que o jogo é de mundo aberto.

O jogo foi produzido pela produtora francesa Ubisoft, que também produziu as séries: Assassin's Creed, Far Cry e Prince of Persia.



INCÊNDIO NA BOATE EM SANTA MARIA

Sinalizador alcança espuma que era usada como isolamento acústico

No dia 27 de janeiro de 2013, um incêndio destruiu a casa noturna Kiss, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul. O fogo foi provocado por integrantes da banda que tocava aquela noite.

A Boate Kiss continha uma espuma utilizada como isolamento acústico que, para o local, era inapropriada. Com isso, quando o cantor da banda acendeu um sinalizador para realizar um efeito pirotécnico, a chama do objeto acabou atingindo a espuma.

Por enquanto, o número

de mortos é de 241 por inalação da fumaça tóxica que causou pneumonia química ou queimaduras pelo fogo.

Os dois sócios da casa noturna e dois dos músicos da banda foram culpados pelo acontecimento e estão presos temporariamente até que a polícia termine de analisar o caso.



BENTO XVI RENUNCIA AO PAPADO

Primeiro papa a renunciar em quase 600 anos

Às 11h30 da manhã, de 11 de fevereiro, o papa Bento XVI anunciou a renúncia de seu papado diante de todos os cardeais no consistório, no Vaticano.

Ele foi o primeiro papa a renunciar desde Gregório XII, em 1415. Seu gesto foi inesperado e de grande coragem, tendo em vista o momento de crise que a igreja católica está enfrentando.

O pontífice declarou que sua desistência foi em virtude de sua idade avançada e seus problemas de saúde, mas a mídia indica que haveria mais fatores.

A imprensa quando indica que havia mais motivos para a saída de Bento XVI, menciona a rede de prostituição de jovens seminaristas, descoberto em

2010. Ainda, um documento que conta os abismos nada espirituais nos quais a igreja havia caído: corrupção, guerras pelo poder, finanças obscuras, roubo massivo de documentos secretos e lavagem de dinheiro.

Algumas pessoas acham que o papa não estava representando bem a igreja e que o Vaticano está querendo encobrir o vazamento de informações confidenciais, mas outras acham que foi um gesto admirável, pois ele reconheceu suas fragilidades e mostrou que ele não é uma pessoa que quer o poder só para ele.

O novo santo padre será escolhido pelos cardeais a partir de março.



TRÊS DIAS DE LOLLAPALOOZA

60 mil ingressos foram esgotados no último dia

No último dia do festival Lollapalooza (31/03), no Jockey Club, 60 mil ingressos foram esgotados. A principal atração foi a banda Pearl Jam que subiu ao palco Cidade Jardim às 20h50, com um atraso de 5 minutos. Foi ela ainda que fechou o evento.

A banda criou polêmica ao vetar a transmissão do show pelo canal a cabo Multishow. Eles dizem que seguem a política de não liberar a transmissão de seus shows em festivais e, nesse caso, não abriram mão do Lollapalooza Brasil.

Outro destaque do último dia foi a apresentação do Planet Hemp, que fechou a programação do Palco Butantã, e surpreendeu todo mundo ao fazer uma homenagem ao cantor Choroão.

No final da noite, a organização do evento anunciou que a edição de 2014 do Lollapalooza está confirmada e deve ser realizada no feriado da Páscoa.



Vera Cruz 50 anos Toda a história da escola, de 1963 até 2013

No dia 21 de setembro de 2013 a Escola Vera Cruz comemorou seus 50 anos de existência. Foi uma grande conquista para todos que participaram da instituição desde o seu início. Gostaríamos de relatar nesta reportagem a história da escola em que estudamos.

Quando tudo começou...



A Escola Experimental Vera Cruz iniciou seu projeto educacional em 1963, com menos de 100 crianças, com jardim e pré. O Vera era uma pequena escola localizada numa casa em frente à igreja N. S. do Perpétuo Socorro, em Pinheiros. Sua criação atendia à demanda de pais que, naquele momento, buscavam um espaço escolar onde meninos e meninas tivessem acesso a educação pré-escolar e primária. O "fazer escola" se aperfeiçoou, novas unidades foram surgindo como resposta às necessidades de ampliação do projeto pedagógico e da comunidade.

A partir da pré-escola, foram montadas as primeiras séries do primário. O início do 1º ano do primário foi em 1964, e em 1967 a escola já contava com uma sequência de Jardim I à 4ª série. Nesse período, o Vera Cruz mudou de endereço duas vezes: em 1965, para a Rua Alves Guimarães e, em 1966, para a Rua Frei Caneca.

Em 1971, a escola funcionava na Av. Brasil, mas no ano seguinte, o ginásio iria ser inaugurado num novo prédio, na Praça Professora Emília Barbosa Lima. As obras da nova unidade atrasaram e o ano letivo não quis saber de esperar: o Vera teve que alugar um espaço dentro do colégio vizinho, o Santa Clara. Cerca de 50 alunos da quinta série do Vera estudaram em duas salas isoladas das demais, com horários de recreio diferentes, sem contato com os estudantes do Santa Clara. "Ficamos lá até outubro, aproximadamente, quando finalmente chegou o dia da mudança para o novo prédio! E lá fomos nós, descendo a Rua Bernarda Luís em direção à Nazaré Paulista, com carteiras e cadeiras sobre as cabeças, carregando tudo no braço, mas bem contentes por inaugurar as novíssimas instalações da escola, contou Annette Schwartzman, ex-aluna da escola.

Ninguém melhor do que os primeiros

Os 50 anos do Vera têm muitas histórias que ficaram na memória de quem passou por

aqui. Logo no começo, a escola passou por grandes mudanças que evoluíram ao longo dos anos que tornaram a escola uma referência de ensino.

Inicialmente a instituição era uma de escola experimental, trabalhando com estratégias que hoje se provaram eficazes, como: o T.P, trabalho pessoal; aulas de Matemática, momento descontraído em que os alunos aprendem brincando com cubos e placas de madeira; ou Biologia, recolhendo, herborizando e catalogando folhas diferentes nas aulas de botânica. "Iniciativas ousadas e inovadoras", diz Annete Schwartzman, ex-aluna da primeira turma até o 9º ano. "Nós fomos as "cobaiais" que inauguraram a quinta, sexta, sétima e oitava série, mas as turmas seguintes continuavam chegando a cada ano, aumentando a quantidade de alunos da escola", completa a ex-aluna.

As matérias eram quase as mesmas: Matemática, Português, Ciências, Estudos sociais, Artes e Educação Física, mas não existia Trabalho Rítmico.



Aula de Educação Física

Em geral, o dia começava com o TP, as aulas eram de 50 minutos e aulas duplas de 1h40. "Chegávamos às 7h na escola, antes mesmo do primeiro horário, para jogar bola. Eu e mais uma meia dúzia de fanáticos por futebol", disse o ex-aluno Sérgio Fausto.

Na época não era necessário usar uniforme, só nas aulas de Educação Física, mas a moda era exatamente a inversa da atual: os meninos usavam shorts justinhos, e as meninas uns calções largos. Nessa mesma época, houve a mudança para as calças de elanca.

Em contato com antigos alunos, eles se dizem felizes por terem estudado no Vera Cruz e elogiaram bastante a escola. "Acho que o que foi mais marcante para mim foi o convívio com as pessoas. Podíamos dizer o que pensávamos, escrever sem preocupação de sermos repreendidos pelos professores... Meninos e meninas se juntavam, se misturavam, sem clubes do Bolinha e da Luluzinha. O Brasil era muito mais autoritário e conservador do que é hoje. O Vera era um espaço de liberdade", diz Sergio Fausto.



Vera nos anos atuais

Nos anos que se seguiram, o Vera Cruz

ampliou muito o seu atendimento: desenvolveu seu próprio curso de inglês, constituiu o Ensino Fundamental, criou o Ensino Médio e fez o pré-dio da educação infantil. Entre suas ações voltadas para a comunidade, organizou o projeto Ilha de Vera Cruz, que tem como objetivo a Educação de Jovens e Adultos iletrados ou que não conseguiram completar a escola. Ao todo, o Vera Cruz possui cinco unidades.



Uma das unidades: Educação Infantil

A educação infantil tem períodos matutinos e vespertinos que duram das 8h às 12h15 e das 13h às 17h15, respectivamente. As aulas do ensino fundamental II (do 3º ao 5º ano) se iniciam às 13h e terminam às 17h40. O EF III (do 6º ao 9º ano) dura das 7h45 às 12h30.

A partir do EF2, a rotina se inicia com o TP, onde os alunos realizam lições dadas pelos professores. Porém no EF III só existem quatro dias de TP na semana.

Em seguida, acontece a aula coletiva, de uma hora e meia de duração, seguida de um intervalo de meia hora. No final do dia, acontece outra aula coletiva.

A partir do 6º ano é obrigatório o aprendizado de inglês que tem como duração uma 1h15. A polivalência dos professores existe até o 7º ano. A partir do 8º ano se tem um professor especialista para cada matéria.

As aulas do ensino médio acontecem das 7h15 às 13h15, com cinco aulas de uma hora de duração. Em dois dias da semana os alunos entram às 8h20, mas saem às 16h40, em virtude do integral.

A diferença quanto às outras escolas é que se aprende algo útil e interessante para cada faixa etária e isso faz com que os alunos se interessem por estudar.

Finalizaremos a reportagem com a fala de uma ex-aluna, Annette: "sinto-me uma felizarda por ter estudado no Vera, já sentia isso na época e não pensei duas vezes antes de colocar meus filhos na escola. Só guardo ótimas lembranças dessa época e tenho certeza que a escola me ensinou a pensar. Não decorei todas as datas históricas, nem as fórmulas de física ou os elementos da tabela periódica, mas sei raciocinar, investigar, analisar e, modéstia parte, virei uma profissional respeitada e bem-sucedida na minha área, o jornalismo".

Parabéns ao Vera Cruz que tem ampliado cada vez mais seus serviços à comunidade. Desejamos que daqui a 50 anos, em 2063, outros alunos estejam escrevendo uma reportagem comemorando o centenário.

Entrevista com Stella Galli Mercadante

Stella Galli Mercadante, a diretora do Ensino Fundamental do Vera Cruz, teve e tem um papel muito importante na história da escola. Em 1973, ela entrou como fundadora do ginásio do Vera (atual fundamental III). Não há ninguém melhor que ela para nos contar mais sobre sua contribuição. Na entrevista para o nosso jornal, Stella nos contou sobre sua própria vida profissional e sua importante relação com a escola a partir de 1973.

Jornal: Qual é a sua formação inicial?

Stella: Eu fiz Pedagogia na PUC, depois fiz uma especialização em Psicologia Clínica voltada para a formação de psicólogo clínico, por 3 anos. No meio deste processo, eu participava de política universitária e minha função era educação de adultos.

O objetivo era que eu fizesse uma cartilha para a educação de adultos mas eu questionava a cartilha de alfabetização, não achava que era a melhor forma de alfabetizar um adulto. E eu soube de uma experiência, do Paulo Freire, em Angicos, no norte do Brasil. Eu mandei uma carta para ele dizendo que eu gostaria de saber sobre o projeto (alfabetizar em 40 horas).

Quando ele estava passando por São Paulo, me ligou e eu fui conhecer mais sobre... Eu fiquei apaixonada! A gente montou o movimento de cultura popular de São Paulo para trabalhar com a alfabetização de adultos, dentro do sistema Paulo Freire. Este trabalho foi minha grande formação como educadora, eu trabalhei dois anos e meio discutindo, pensando, aprendendo e realizando o trabalho com ele.

Quando ele me contou sobre o projeto, eu fiquei tão entusiasmada que eu fui até a minha faculdade e pedi para a freiras, que eram as diretoras, me emprestarem uma sala, chamei um monte de pessoas que trabalhavam comigo na política universitária. Assim, Paulo Freire contou para todos sua ideia. A partir daí, a gente montou o movimento de cultura popular de São Paulo ligada a ação popular que era do partido político de que eu participava. Esse projeto se espalhou por São Paulo.

Quando veio o golpe militar, o projeto foi considerado comunista. Paulo Freire foi preso, tivemos que parar com todas as nossas atividades e muitas outras pessoas do projeto também foram presas, eu ainda era estudante e ainda tinha mais um ano de curso. A gente parou de se encontrar, foram tempos muitos difíceis. Neste ano eu terminei meu curso e abri uma clínica com algumas pessoas para atender crianças.

J: O que é educação para você?

S: Educação para mim é um processo de ensino aprendizagem. Antigamente, só se falava no ensino; o professor ensinava e o aluno

aprendia. Hoje temos que enxergar o processo em conjunto. Que situações de ensino eu devo proporcionar para cada faixa etária de idade para que o aprendizado tenha algum significado e a pessoa realmente integre aquele conhecimento na sua vida.

A ideia é uma escola onde se aprende: onde nós aprendemos ensinando e os alunos ensinam aprendendo, é um processo que integra aprender e ensinar.

Todo o nosso trabalho está voltado para o conceito de aprendizagem que diz o seguinte: eu aprendo comigo mesmo, por isso a existência do TP (trabalho pessoal) nessa escola. Nessa atividade eu entro em contato com o texto, eu penso, eu vejo o que eu não entendi, eu procuro o atendimento...

A medida que eu vou trabalhando individualmente eu também vou percebendo como eu aprendo: eu aprendo melhor português do que matemática, eu levo mais tempo para fazer uma ficha de estudos sociais do que uma de ciências. Não é só aprender o conteúdo, é aprender como eu aprendo. É como eu entendo educação e é o grande foco do trabalho do Vera Cruz.

E tem também o aprender com o outro, que é o trabalho em grupo. Discussão em grupo, na qual muitas vezes vocês são portadores de conhecimento, colocando suas ideias, suas diferentes opiniões, hipóteses. E a ideia é que os diferentes olhares dão uma noção melhor do conteúdo tratado.

J: A escola Vera Cruz inovou colocando professores polivalentes no 6º e 7º ano. Como foi o processo de formação desses professores que antes eram especialistas?

S: Nós convidamos muitos professores do GEPE e inventamos a polivalência na 5ª série. Nós chamamos duas professoras com 10 anos de sala de aula e as desafiamos a virarem professoras polivalentes. Elas aceitaram porque elas estavam mais interessadas no processo de aprender do que no ensinar português. Essa foi a grande inovação que até hoje nenhuma escola teve. Daí em diante, fomos estruturando, formando pessoas, chamando assessores: professores especialistas que ajudavam na formação do professor polivalente. Quando o professor polivalente chega aqui na escola, ele normalmente é especialista em alguma área e ele tem que entrar em contato com as outras matérias e saber não só o conteúdo da matéria mas o como ensiná-lo, que hoje se chama didática.

A gente leva essa proposta para outras escolas. Levamos para escolas públicas e as professoras que eram, por exemplo, de matemática, diziam: *Eu sou melhor professora de português do que de matemática. Como eu sei muito de matemática, eu não tenho muito a percepção da dificuldade do outro. Como eu tive que aprender português e vi aquela*

dificuldade eu sou melhor professora de português. Então é muito interessante essa possibilidade do professor se tornar polivalente, se tornar um professor que está olhando a aprendizagem em quatro áreas e cada uma tem um aspecto de desenvolvimento cognitivo, de desenvolvimento atitudinal... As matérias todas complementam e ajudam a formar competência que vão fazer vocês continuarem aprendendo o resto da vida. Hoje em dia ninguém sai da escola achando que sabe tudo.

J: Quais experiências educacionais você vivenciou antes do Vera Cruz que te ajudaram a criar um método de ensino tão diferente?

S: Em 1968 eu fui convidada para trabalhar no projeto do Ginásio Experimental Pluricurricular Estadual (GEPE). Eu vendi minha parte da clínica onde estava trabalhando, e fui para GEPE porque eu queria mesmo educação e era uma experiência nova.

O projeto visava alunos e alunas de classe social bem baixa... Fiquei lá 4 anos, ajudei a formar a primeira turma, mas uma hora o governo foi cortando os investimentos e, no final de 1971, um grande grupo de professores, inclusive eu, saiu dessa escola.

No GEPE, fizemos várias experiências para conseguir uma ligação maior entre os professores, alunos e conteúdo com o objetivo de diminuir o índice de reprovação para o ginásio. Isso porque, no Brasil, os alunos tinham 50% de reprovação do 4º pro 5º ano. Mas, percebemos que o problema era a estrutura.

Assim, nós criamos outra estrutura: a polivalência do 5º ano ao 8º, para que os professores continuassem vendo o aluno de um ponto de vista integrado e dando continuidade ao processo de aprendizado. Não era só ensinar, era acompanhar e aprender.

Nas duas primeiras turmas ficou esse sistema. Depois cortamos a polivalência na 7ª série (8º ano). Hoje com a ideia de que todos têm direito a educação, o sistema de ensino brasileiro funciona da seguinte forma: educação infantil, ensino fundamental I e II (aqui no Vera é II e III) e o ensino médio, fazem parte da educação básica. Todo brasileiro tem direito de fazer a educação básica.

J: Sabemos que você entra no Vera em 1973 e a partir disso inicia o ginásio (ensino fundamental III). Qual o cargo que você ocupava quando o início do trabalho? Como foi esse processo de criação?

S: Em 1972, eu fui convidada para montar o ginásio do Vera Cruz, que se iniciou em 1973. Eu entrei como orientadora pedagógica. Foi nesse ano que foi criada uma lei na qual o ginásio tinha que dar continuidade ao primário. Até aquela época, você fazia o primário, até o quarto ano.

Para entrar no ginásio você fazia um quinto ano e fazia um teste. Quem passava, ia para o ginásio; quem não passava, parava de estudar, não fazia ginásio. Ou seja, havia uma seleção dos melhores alunos que continuariam a estudar. Com a democratização do ensino, ou seja, com a ideia de que o ensino deve ser para todos, surge essa lei. O Vera Cruz já tinha um primário, até o 5º ano. Com a lei, ela teve que escolher entre fazer um convênio o com um ginásio de outra escola, ou construir seu próprio. Nós queríamos criar um ginásio que realmente desse continuidade ao projeto que o Vera já tinha. Percebemos que o TP deveria continuar, na medida em que tínhamos criado o Vera dentro de uma proposta que visava o trabalho individual.

A pergunta foi: *Como fazer com que o projeto continuasse?* No Brasil, os alunos tinham 50% de reprovação do 4º para o 5º ano por que saíam do primário com 1 professor e se debatiam com 11 professores no ginásio, com o foco voltado para o conteúdo das matérias. Enquanto no primário, o foco era o aprendizado e o desenvolvimento do aluno.

A Escola Vera Cruz acompanhou no seu desenvolvimento esse processo de democratização do ensino no Brasil. Ela já tinha educação infantil, entendia que a educação começava na infância, tinha que ser mista... Depois ela constrói o primário, o ginásio e o ensino médio. Esse processo foi construído ano a ano porque o que a gente queria era fazer um conteúdo que fosse adequado à faixa de idade do aluno. Não é porque disseram que temos que ensinar raiz quadrada no 5º ano que nós vamos ensinar, nós começamos a pensar o que da matemática seria interessante, importante e significativo para cada faixa de idade.

J: Que diferenças você percebe entre os alunos antigos, de 50 anos atrás, em relação aos estudantes atuais?

S: No corredor da entrada temos as fotos das turmas. Podemos ver claramente a diferença de tamanho, de postura, de roupa, de olhar, de jeito de estar nessas fotos... Estamos fazendo um livro que vai ser lançado para comemorar os 50 anos da escola, são depoimentos de ex-alunos, da década de 60 até 90.

A escola também mudou em função dessas gerações, por exemplo: a escola dos anos 70, no final da ditadura, era uma escola que se caracterizava pela busca da liberdade porque na sociedade daquela época não se podia nem falar, não podia conversar num restaurante porque se você falasse alguma coisa, alguém podia te denunciar... Aqui a gente criou um espaço onde os alunos podiam se expressar.

A partir dos anos 80 e 90, quando começa o processo de democratização no Brasil, passamos a focar na formação de um cidadão: *Como vamos atuar nesse mundo agora que é possível atuar no mundo?* E hoje com a tecnologia a escola tem que fazer o aluno perceber que eu estou no meu quarto sozinho, mas quando eu ponho no computador eu estou falando com o mundo, então cria um conflito entre o privado e o público. A escola tem que ajudar vocês, até mesmo nós, a diferenciar esses dois conceitos. E a escola é um lugar público, quando você entra aqui você tem que adquirir valores públicos, valores de convivência pública, com o outro.

Então os alunos mudam, a escola muda, o mundo muda... O aluno de hoje, por exemplo, a escola precisa trabalhar tempo de concentração porque a criança está muito acostuma-

da a ter respostas imediatas e a escola tem que mostrar que para transformar, você tem que suar um pouco, não é só apertar um botão... Até a questão de apertar botão endurece o pulso e assim temos que pensar em como trabalhar esse corpo porque elas estão com dificuldade em escrever o oito e o cinco, por exemplo, já que precisam de uma flexibilidade que os joguinhos não exigem.

J: O que você sente quando pensa que contribuiu com a construção de uma escola inovadora e hoje, depois de 50 anos, percebe que muitas das pessoas formadas pela escola fazem grande diferença no mundo?

S: Eu estou muito orgulhosa com o livro que vai ser lançado. Ele tem muitos depoimentos de alunos, sobre o que eles são hoje, e muitos se referem à contribuição do Vera para a formação deles. Eu pedi depoimentos de alunos que hoje estão fazendo alguma coisa no mundo, o conhecimento tem que estar relacionado com aquilo que você tem interesse e também tem que estar relacionado com uma atuação produtiva e transformadora no mundo e essa é a ideia da escola: ser um lugar onde pessoas são formadas para transformar o mundo e não que vão ficar repetindo as coisas que acontecem todos os dias.



Entrevista com Gláucia Affonso

Há mais de 24 anos no Vera Cruz, Gláucia Affonso, ex-aluna do Vera e orientadora do ensino fundamental, nos contará um pouco sobre sua trajetória na área da educação.

Jornal: Sabemos que você passou a sua infância (dos 3 aos 11anos) no Chile, quais as diferenças no método de ensino desses países?

Gláucia: Na época em que vivi no Chile, estudei numa escola de freiras de ensino tradicional, só de meninas, o "Compañia de Maria". Na época, havia poucas escolas com métodos mais inovadores e democráticos no mundo em geral, esse movimento começou mais adiante, sei que hoje a educação no Chile é considerada uma das melhores do mundo. Quando cheguei ao Brasil em 1973 e conheci o Vera Cruz, foi uma grata surpresa pois era uma escola com uma proposta diferente, baseada no movimento da Escola Nova. A relação dos alunos com os professores era mais

próxima, menos formal, eu era avaliada com conceitos e não com notas, havia muitas atividades em grupo e com uso de materiais concretos e não só de livros e cadernos. Era pedido aos alunos que lessem livros literários (isso eu não tinha no Chile), havia Estudos do Meio e acampamentos como atividades complementares à sala de aula. Não havia aula de religião, a escola era laica e estava mais de acordo com o jeito com que meus pais nos educavam em casa. Além disso, a organização do tempo escolar era diferente, dividida em Trabalho Pessoal e Aula Coletiva; eu gostei muito disso tudo, passei a ir para a escola com felicidade.

J: Quando voltou para o Brasil, conseguiu se adaptar facilmente? As diferenças eram muito drásticas?

G: A volta ao Brasil exigiu adaptações de mim e de minha família porque meu pai não pôde voltar conosco pois era exilado político; voltamos os quatro filhos e minha mãe. Eu sabia falar bem em Português porque meus

pais sempre fizeram questão de que falássemos Português em casa, o Espanhol só falávamos com quem fosse chileno; isso fez com que tivéssemos a língua garantida e facilitou a adaptação. Eu e meus irmãos tivemos aulas particulares para aprendermos alguns conteúdos mas foi por pouco tempo.

J: O Vera Cruz fez parte da sua vida. Sente muitas diferenças entre a escola na qual estudou e o Vera?

G: A família nos acolheu muito, tenho vários primos e convivi muito com eles desde que chegamos de volta. Nessa época eu era uma menina tímida e estranhava um pouco o jeito extrovertido de ser dos brasileiros. Sofri um pouco para fazer amigos quando cheguei ao Vera Cruz pois as pessoas estudavam juntas há muitos anos, tinham muita intimidade. Cheguei na 6ª série, atual 7º ano e cursei até a 8ª série e nesse período fui me soltando e fiz amigos especiais que tenho até hoje.

J: Você não fez colegial no Vera Cruz, e sim no Equipe. Quais as diferenças no método de ensino entre dessas duas escolas?

G: Quando cheguei à 8ª série, o Vera Cruz não tinha colegial e propôs aos alunos que fizéssemos pesquisas em várias escolas para conhecer os métodos e contar aos colegas. Foi uma troca muito legal. Meus dois irmãos mais velhos já haviam estudado no Equipe e eu já queria estudar lá mas confirmei com a visita que fiz ao colégio e ao ouvir as pesquisas que outros colegas fizeram.

O Equipe também era uma escola mais aberta e democrática como Vera, mas não tinha Trabalho Pessoal, a gente tinha aulas expositivas, trabalhos em grupo, assistia a filmes e tinha também uma relação próxima com os professores; para mim foi uma continuidade, pois embora houvesse variações, ambas as escolas tinham como princípio o diálogo e a aprendizagem significativa.

J: Você fez pedagogia na PUC, trabalhou na escola Crie e só depois no Vera. O que lhe fez traçar este caminho?

G: Sai do colegial e cursei Filosofia na USP por 6 meses, aí percebi que não era aquilo que queria e fiz outro vestibular para Pedagogia na PUC. Logo comecei a trabalhar no Crie, o que fez com que os estudos ganhassem ainda mais sentido, pois eu tinha a sala de aula. Mais adiante, o Crie passou por reformulações e eu sai de lá por não concordar com elas.

Resolvi dedicar-me à faculdade somente até que foi preciso fazer estágio para a mesma; nesse momento fui fazer estágio no Vera Cruz porque conhecia e admirava a proposta e se me selecionassem poderia trabalhar lá. O estágio durava uns dois ou três meses e a gente observava todas as faixas etárias da educação infantil, antiga pré escola, depois escolhia uma série e observava por um mês, havia reuniões com a coordenação (Heitor Fecarotta e Márcia Lopez) para discutirmos o que observávamos e ao final entregávamos um relatório. Aprendi muito e fiquei torcendo para ser chamada. A notícia veio no final das férias quando eu voltei de uma viagem e logo comecei a trabalhar como auxiliar do Jardim I (3/4 anos), eu tinha 22/23 anos.

J: Ao longo dos anos, como você se relaciona com os alunos de diferentes idades e personalidades?

G: Trabalhei muitos anos com os pequenos, do berçário ao 2º ano e achei que essa era a faixa etária com que me dava bem, mas quando mudei para o EF 2 percebi que também me dou bem com os adolescentes. Na verdade gosto de trabalhar com educação e gosto das histórias das pessoas, dos caminhos delas, das descobertas, então a idade não importa, importa você se abrir para estabelecer contato com o outro.

J: Partindo de suas experiências na escola Vera Cruz, que pontos positivos e negativos você encontra no método dessa escola?

G: Acho difícil fazer uma análise desse tipo em poucas linhas, mas em termos gerais poderia dizer que o aspecto mais positivo do Vera Cruz é que é um lugar onde trabalhamos em equipe, estudamos em equipe, pensamos em equipe. É uma escola que trabalha com princípios e valores e respeita o pensamento do aluno, eu me identifico com isso. O ponto negativo nem sei se pode ser chamado assim... pelo fato de tomarmos decisões em equipe, as decisões às vezes demoram, pois não dependem do que eu acho ou quero, mas do que foi “costurado” nas várias instâncias da escola. Quando digo que isso não é exatamente negativo é porque esse funcionamento, apesar de às vezes ser demorado, gera decisões consistentes e isso em Educação é fundamental.

J: Suas duas filhas estudaram no Vera, assim como você. Ao acompanhar o aprendizado delas, quais foram as semelhanças e diferenças que encontrou em relação ao seu?

G: Identifiquei os mesmos princípios presentes no meu tempo de aluna mas com atividades e materiais diferentes. Quando eu era aluna, por exemplo, as fichas eram impressas no mimeógrafo – a Elza que hoje é secretária geral rodava as cópias e as trazia para a sala no Trabalho Pessoal (TP), muitas vezes os textos tinham sido criados na semana anterior, tudo estava sendo construído. Minhas filhas já pegaram o material emblocado e impresso na gráfica, vocês usufruíram das fichas coloridas e da pasta fichário.

J: O que suas filhas sentiam em relação ao ensino da escola? Elas gostavam? Desejaram mudar de escola em algum momento?

G: Minhas filhas sempre gostaram muito de estudar no Vera Cruz, elas iam felizes para a escola e voltavam cheias de assunto. É claro que aqui e ali tinham críticas a alguns aspectos, como aconteceria em qualquer lugar, mas nunca nada que fosse significativo.

J: Você trabalha no Vera Cruz há muito tempo. No decorrer deste período, qual foi a pior e a melhor questão que já vivenciou na escola?

G: Fica muito difícil falar o que foi a melhor e a pior situação pois quando estamos vivenciando aquilo parece que é o que há de melhor ou de pior. O trabalho na escola é muito dinâmico, a gente se surpreende a todo momento, quando espera e quando não.

J: Você se relaciona bem com os professores e alunos atuais?

G: Me relaciono bem com os professores e alunos em geral, gosto de acompanhar o grupo de alunos nessa fase de tantas transfor-

mações (6º ao 9º ano), gosto de conversar com eles, de saber o que e como pensam. Os professores são muito engajados e participantes e isso enriquece muito o trabalho.

J: Você já contribuiu em vários assuntos da escola. Quais desses você considera mais importante?

G: As escolas têm sido desafiadas a de fato oferecer Educação a todos e o Vera não está fora desse movimento. Sempre foi uma escola que se baseou no princípio da heterogeneidade mas tem recebido alunos com diversas necessidades diferenciadas o que tem nos feito estudar e buscar novas soluções. Temos avançado muito nesse sentido e penso que tenho contribuído com essa questão que julgo da maior relevância, fiz inclusive uma pós graduação em Educação Inclusiva.

J: O Vera Cruz promove várias comemorações e eventos. Qual sua atuação em relação a estes festivais?

G: Há eventos que são mais gerais como as comemorações do aniversário do Vera Cruz, nessas eu ajudo com artesanato para o “Feito por nós” e trabalho no dia da festa. Quando se trata de um evento da série que eu oriento, é preciso revisar o planejamento, discutir como fazer o evento acontecer com a equipe, providenciar ou pedir para que sejam providenciados materiais, lanche, e por fim comparecer ao evento e receber pais e alunos.

J: Você está no Vera há mais de 24 anos. Como se sente sabendo que este ano ele completa 50 anos?

G: Fico muito feliz e orgulhosa em ver que o Vera Cruz continua firme e forte. Principalmente quando penso que quando estudei aqui a escola era pequena, com uma proposta diferente do que era vigente na época e hoje o projeto se solidificou e se ampliou.

J: Trabalhando no Vera todo este tempo, você pensa em sair do ramo da pedagogia?

G: Não penso em sair da pedagogia, ao contrário, o que vem ocorrendo é que venho diversificando dentro da própria pedagogia. Explico – além de trabalhar no Vera Cruz, venho trabalhando em assessorias a outras instituições, fiz contribuições em livros didáticos, dei aula em faculdade de Pedagogia e na pós graduação em Educação Inclusiva. Adoro trabalhar com Educação.



Fabio Abrão Prista

Isabela Del Amonica Allan

João Pedro Grinover Borgneth

TecMania

Niccolo Angelo Zunino

Pedro Venosa de Oliveira Lima

FACEBOOK NÃO É MAIS A ESCOLHA DOS JOVENS AMERICANOS *Maioria dos jovens está migrando para outras redes sociais*



A rede social Facebook está perdendo acessos por parte dos jovens americanos. A tendência de adolescentes deixarem esta rede social já vem sendo observada e é motivada em grande parte pela chegada dos pais ao site de relacionamento.

Uma pesquisa americana, conduzida pelo Pew Research Center, levanta dados sobre o Facebook e o Twitter. Os pesquisadores concluem que houve uma migração de uma rede social para a outra.

O site do instituto Pew publicou amostras da pesquisa. Os pesquisadores chegaram a conclusão que jovens abandonam a rede em virtude da falta de privacidade.

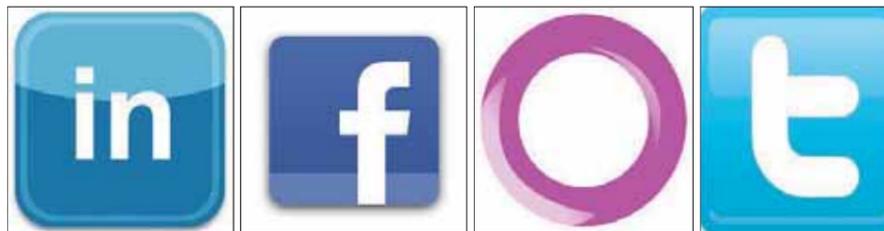
Em entrevista ao jornal "O Estado de São Paulo", um jovem diz: "É uma droga... porque aí [os pais] começa a fazer perguntas do tipo porque você está fazendo isso ou aquilo?. Se não tenho privacidade, pelo menos eu deveria ter em uma rede social."

Outro motivo para a saída dos jovens do Facebook é o excesso de publicações com muito "drama".

O estudo indicou também que jovens estão compartilhando cada vez mais informações pessoais nas redes sociais.

REDES SOCIAIS

Estas são algumas das principais redes sociais acessadas pelos jovens:



Logo do linkedIn Logo do Facebook Logo do Orkut Logo do Twitter

O Twitter é uma rede social e servidor para microblogging que permite postagens com até 140 caracteres e de visualização pública.

O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 com objetivo de criar e manter relações entre os membros, além de poder compartilhar informações com seus amigos.

O LinkedIn é um site de negócios com formato de rede social, o site foi criado em 2002 mas seu lançamento ocorreu em 2003.

O Facebook é uma rede social fundada em 2004. Cada membro pode ter o seu perfil e interagir com os outros, se comunicando com cada um deles.

Devido a falta de privacidade, jovens deixam a rede social Facebook e migram para outras redes como o Twitter. Qual será a próxima rede social que terá grande adesão pelo público jovens?

TOM CRUISE SALVA O MUNDO... DE NOVO

Desta vez ele nos salva de uma espaçonave alienígena

Nesse filme de ficção científica e ação, dirigido por Joseph Kosinski, Tom Cruise interpreta Jack Harper, um responsável pela manutenção de equipamentos de segurança do planeta Terra (que está destruído por uma guerra contra alienígenas), no ano de 2077. O filme agrada tanto amantes da ficção científica ou adoradores de ação.

O filme é inspirado nos quadrinhos, escritos pelo roteirista, produtor e diretor do filme Joseph Kosinski. No elenco da obra constam: Olga Kurylenko (Julia), Morgan Freeman (Malcom Beech), Tom Cruise (Jack Harper), Andrea Risenborough (Vika).

Oblivion apresenta um certo humor que é bem explorado, há muita adrenalina e ótimos efeitos especiais.



MIGHTY EAGLE - ÁGUIA PODEROSA



Nascido na Finlândia, Peter Vesterbacka é atualmente diretor de marketing da Rovio, a empresa por trás do Angry Birds. Ele está incluído entre as 100 pessoas mais influentes de 2011 pela revista Time.

Ele é co-fundador da Wreckamovie, uma comunidade on-line do filme de Star Wreck Studios. Um dos famosos lançamentos de Star Wreck é Star Wreck: In The Pirkinning, filme finlandês com mais de 8 milhões de downloads em todo o mundo.

Em 2000, ele fez parte da fundação do Mobile Monday, uma comunidade de visionários e desenvolvedores da indústria móvel.

Jornal: Sabemos que em 2003 foi o período que você deu início a startup Rovio. Como é, hoje em dia, ter a marca reconhecida em todo mundo?

Peter Vesterbacka: A sensação é incrível. Nosso trabalho é acima de tudo muito divertido e em poucos anos já descobrimos que as oportunidades de criar produtos com Angry Birds no mundo inteiro são infinitas. Viajo muito pelo mundo todo e é impressionante descobrir como nossa marca é conhecida nos lugares mais diferenciados.

J: O jogo para plataformas móveis já tem mais de 1,7 bilhão de downloads desde seu lançamento em 2009. Foi difícil divulgar o jogo na época?

PV: O jogo cresceu a uma velocidade impressionante. Fomos favorecidos porque criamos um jogo para smartphones e tablets que é muito simples de jogar, usa muito a tecnologia touch screen e já podia ter uma grande distribuição nas lojas de aplicativos. Hoje, somos o maior mobile game do mundo. Não imaginávamos que chegaríamos a cem milhões de downloads e hoje já são quase 2 bilhões. Nossa estratégia de licenciar produtos com a marca ajudou muito a divulgar o jogo e nos tornar conhecidos no mundo todo.

J: Hoje o Angry Birds é muito

mais do que um jogo, são diversos produtos como bichos de pelúcia e chicletes. Quanto isto representa no faturamento da marca?

PV: Os produtos já representam quase 50% do nosso faturamento. Temos brinquedos, refrigerantes, roupas, cadernos, copos e ainda lançaremos muito mais produtos Angry Birds.

J: Temos informações de que serão lançados também parques de diversões para a marca. Que tipos de brinquedos serão disponibilizados no parque? Há previsão de quando e onde serão instalados esses parques?

PV: Preferimos construir parques menores, para que possamos instalá-los em diversos lugares e para que nossos fãs visitem com mais frequência. No Brasil teremos três modelos diferentes de playgrounds, que serão construídos dentro de shoppings da BRMalls. Os parques serão lançados em São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro e Curitiba. Os primeiros estarão prontos já para as férias de julho.

J: Uma versão chamada Angry Birds Space foi lançada em parceria com a Nasa. Qual foi a sensação de trabalhar com uma grande empresa como essa?

PV: No Angry Birds sempre acreditamos que podemos fazer as coisas de forma diferente. Esta parceria com a Nasa foi uma prova de que não há limites para promover nossa marca e mostra como o Angry Birds é realmente um grande sucesso.

J: A Angry Birds Space foi lançada justamente no espaço. Qual é a intenção de causar esse impacto nas pessoas? Afinal, não é algo muito comum um jogo ser lançado no espaço. Quais outras ideias poderiam ser lançadas em lugares incomuns como esse?

PV: A intenção é justamente gerar um reconhecimento da nossa marca no mundo todo. Quando lançamos o jogo no espaço o vídeo teve milhões de visualizações no YouTube, o que acabou ajudando a divulgar a

marca e impulsionar os downloads do jogo. Estamos prontos para desenvolver ideias tão diferentes como essa para continuar fazendo do Angry Birds um grande sucesso. Nossos fãs podem continuar aguardando muitas surpresas.

J: Até mesmo em lugares em que o jogo não pode ser jogado vocês são reconhecidos. Teve uma vez que um homem lhe fez um sinal de quem está arremessando o pássaro. Como é ter essa espécie de linguagem de sinais?

PV: O Angry Birds tornou-se uma mania mundial. Quando encontrei, em Barcelona, um coreano que não falava inglês, o homem apontou para o pássaro em meu casaco e fez o sinal do estilingue. Tive a certeza de que estamos realmente construindo uma marca universal.

J: São quase 5 anos de Angry Birds, e depois de tanto tempo a marca continua fazendo sucesso. De onde surgiu essa ideia?

PV: Um designer da Rovio, Jaakko, fez o desenho do pássaro e todos na empresa se apaixonaram pelo personagem. Depois que o protótipo do jogo foi criado, nunca mais paramos de crescer e viramos, rapidamente, uma grande febre.

J: A ação mais recente da marca foi o lançamento do Angry Birds Friends para Facebook. E agora, quais são os planos daqui para frente?

PV: Nossa estratégia é baseada justamente em surpreender nossos fãs. Tudo que posso dizer é que pretendemos continuar divertindo e levando o Angry Birds para os smartphones, tablets e centenas de produtos que nem sequer imaginamos, além de estar trabalhando para o lançamento do nosso filme 3D para 1 de Julho de 2016, junto com a Sony Pictures Entertainment.

OPINIÃO DE UMA ESPECIALISTA

Ana Venosa conversa sobre vários assuntos da Intel



Ana Venosa tem 20 anos de experiência nas áreas de Finanças e Administração na América Latina e nos EUA. Atualmente, Ana ocupa o cargo de "Operations Finance Controller". Antes disso, Ana foi gerente de Finanças Distribuidor Worldwide, também nos EUA. Antes de se mudar para os EUA, Ana passou 10 anos na Intel América Latina, localizada em São Paulo, Brasil, onde ocupou vários cargos de gerente de finanças. Ana ingressou na Intel, em 1998, como Gerente de compras, responsável pelo estabelecimento de infraestrutura para suportar a expansão da Intel na região da América Latina.

Ela começou sua carreira profissional como engenheira civil em um grande grupo brasileiro de shopping centers e depois, na Bayer. Antes de ingressar na Intel, Ana trabalhou na Oracle Brasil como gerente administrativa. Ana é formada em Engenharia Civil, pela Universidade Mackenzie, Brasil e MBA Executivo pela São Paulo Business School / Rotman Instituto de Management, no Canadá.

"Todo mundo tem a mesma importância e eu gosto desse trabalho onde se pode atingir resultados efetivos"

Jornal : Como começou a Intel?

Ana Venosa: A Intel foi fundada por dois condutores chamados Gorber Dur que fundou uma empresa de memória chamada NM Electronics e depois mudaram para Intel, isso aconteceu no ano de 1968.

J: Quais foram os primeiros colaboradores e desafios?

AV: Ender Grove, um engenheiro químico que dirigiu a empresa no começo dos anos noventa. O primeiro desafio foi criar o micro processador.

J: Por que escolheram a Califórnia como sua primeira sede?

AV: Eles escolheram a Califórnia porque lá tinha muita inovação tecnológica.

J: Por que a Intel comprou a empresa Profusion?

AV: A Intel comprou a Profusion porque eles tinham vários softwares que a Intel se interessou e quis aprender mais sobre esse tema.

J: Qual é a importância do Brasil na estratégia da Intel? Qual é o papel que a Profusion tem nesse caso?

AV: O Brasil tem mercados que estão crescendo em tecnologia e a Intel se interessou e está usando isso para fazer mais clientes virem comprar.

J: Qual é a sua função dentro da Empresa?

AV: Eu trabalho como gerente e controlo vários pontos dentro da empresa, como por exemplo, as despesas.

J: Como você começou na Intel? E o que você aprendeu por lá?

AV: Eu comecei como gerente de compras e fui responsável pela infraestrutura. Depois de muitos anos, virei gerente financeira. Lá, eu aprendi a gerenciar projetos, gerenciar assuntos difíceis, fazer um business etc.

J: Como você enxerga a tecnologia presente no nosso cotidiano nos próximos 5 anos?

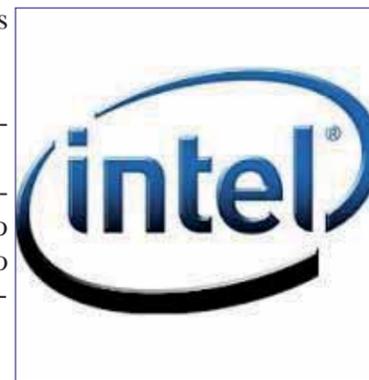
AV: A tecnologia evoluiu muito e vai continuar evoluindo, principalmente na área de comunicação, de segurança e de diversão.

J: Como é trabalhar, como alguém importante na Intel? E como você se sente?

AV: Todo mundo tem a mesma importância, eu não acho que eu tenho muito mais importância do que os outros. Gosto bastante desse trabalho coletivo e também é um ambiente que pudesse atingir resultados efetivos.

J: Gostaríamos de saber qual o foco da Intel para o futuro?

AV: A Intel tem o objetivo de levar a tecnologia ao mundo através do desenvolvimento de produtos, tanto na área de computação pessoal, quanto do dia a dia.



É ANUNCIADO PLAYSTATION 4

Novo console é mais potente que a antiga geração de videogames

Felipe Amaral é engenheiro e gerente de TI, conhecedor de tecnologia e está sempre antenado em novos lançamentos.

Jornal: Choveram críticas sobre o novo console. Para você, o que será o grande diferencial em relação ao console anterior?

Felipe Amaral: Acredito que o alto potencial de processamento permitirá que os desenvolvedores de jogos criem jogos mais elaborados, com melhores gráficos e mais envolventes. Isso, somado ao touch pad e compartilhamento instantâneo, devem ser os grandes trunfos do PS4.

J: Você acredita que o novo controlador trará mudanças significativas em relação aos anteriores?

F: Com certeza, pois já faz muito tempo desde que a geração anterior foi lançada e, com os avanços de tecnologia, a SONY conseguirá mudar o jeito que interagimos com o videogame e outros jogadores, tornando a experiência mais atraente. Além disso, o remote play deverá revolucionar, levando todo o potencial do PS4 aonde quer que o gamer deseje, através do Playstation Vita (portátil com tela integrada).

J: O botão "compartilhar", localizado no controlador, inovará para aqueles que trabalham compartilhando conteúdo no site "YouTube"?

F: Pelo que foi divulgado oficialmente, a inovação virá para o Facebook e outras redes sociais, pois facilitará o compartilhamento a ponto de torná-lo

quase instantâneo.

J: Um novo jogo exclusivo foi apresentado também. Você acredita que ele será um jogo diferenciado?

F: Sim, a tendência é que quase todos os novos jogos para o PS4 tenham alguma característica singular pela capacidade de processamento e interação que o console dispõe.

J: Com todos os novos componentes, você acredita que o preço do aparelho sofrerá um aumento abusivo quando chegar ao Brasil?

F: Não acho que a SONY deixe o preço ficar muito abusivo, baseado nos últimos consoles lançados.

J: Os usuários ainda têm muitas dúvidas sobre o novo console, por exemplo, se o aparelho aceitará jogos que já foram rodados em outros aparelhos do mesmo tipo. Você nos esclareceria essa questão?

F: Realmente não houve uma definição oficial, mas este seria um ponto pouco relevante, na minha opinião. Com a evolução dos jogos e novo console acredito que os jogadores queiram experimentar as novidades e evoluir. Apenas uma pequena parcela de jogadores saudosistas devem manter o videogame anterior após adquirirem o novo, ao menos até se apegarem às novidades.

J: Sabemos que o novo joystick conta com uma tela tátil. Qual será a finalidade deste recurso?

F: Ainda não conseguimos saber exatamente sua finalidade, mas com certeza trará novas maneiras de interação, mas ágeis e intuitivas do que as atuais. Acredito que a navegação, por menus e sites, deve ser melhorada com isso, no mínimo.

J: Dizem que o PS4 é um console "social". Isso é verdade?

F: Provavelmente o dizem por prover interação com outros jogadores de maneira inovadora, principalmente com o botão share.

J: Atualmente o desempenho gráfico de computadores superou o dos videogames da geração atual, acredita que o novo console seja comparável graficamente a um computador super potente ou o superará?

F: O avanço dos videogames será sempre muito próximo aos dos computadores, mas sempre poderá existir um computador mais potente do que o videogame, dependendo de quanto o jogador está disposto a desembolsar para montar sua máquina. Normalmente, se compararmos um computador na mesma faixa de preço do videogame da mesma geração haverá grande chance do console superar a capacidade do PC.



XBOX ONE

O fim do Xbox 360

A nova caixa preta da Microsoft, o Xbox One, terá, segundo a empresa, um novo e magnífico sistema. O novo Xbox contará com sistemas de Blu-ray e Internet Explorer.

O novo aparelho tem chegada prevista para o final de 2013, em 21 países. Com o preço de R\$ 2.200,00.

Console

O aparelho terá, como principal função, ser uma central de entretenimento, podendo ser uma interface para TV ao vivo, tocador de filmes e músicas.

Além disso, o console terá possíveis jogos exclusivos que podem ser lidos pela nova tecnologia de melhores gráficos. O console terá uma tecnologia refletiva invisível e LEDs que se comunicarão com o videogame e com o Kinect (um sensor de movimentos), permitindo a sincronização mais rápida e simples das informações.

Os jogos

Além do novo console, a Microsoft também apresentará novos jogos, os divulgados mais recentemente foram:

Forza Motorsport 5: Jogo de corrida com quadros gráficos muito além do normal, simulação quase real.



Halo 5: Jogo de tiro, exibido por conta de servidores dedicados e da ajuda da computação na nuvem.



Comparação dos Xboxs

Em relação ao Xbox 360, o Xbox One é uma caixa preta maior do que o console antigo e, além de ser um reproduzidor de videogame, será uma central de entretenimento, podendo ser uma interface para a TV ao vivo e também será um tocador de músicas e reproduzidor de filmes.



O RETORNO DE WOLVERINE

Samurai de Aço e perseguição de vilões

No mundo do cinema, "Wolverine Imortal" é um filme totalmente repleto de ação e tecnologia avançada, muitas delas realmente consideradas atualmente como cientificamente fictícias.

Com uma trama tão variada, podemos dizer que tem um começo melancólico, afinal pode-se perceber que o protagonista sofre muito com a morte de sua amada, porém o desenvolvimento é esperançoso, levando a um final surpreendente.

A trama consiste em Wolverine sendo levado ao Japão por uma samurai chamada Yukio. Chegando lá, ele encontra um velho que ele salvou na segunda guerra mundial. O senhor, que é o dono de uma grande empresa de tecnologia avançada, pede ao herói que lhe dê sua imortalidade. O herói nega, o velho morre e, no dia seguinte da sua morte, foram enterrá-lo; mas o protagonista estava meio atordoado com o sonho que teve na noite anterior ao funeral.

No dia do enterro do velho, um grupo de vilões chega ao funeral para sequestrar a neta do falecido, a herdeira da grande empresa. Sentindo a obrigação de protegê-la, o herói vem ao seu socorro, mas é ferido. Será que Wolverine irá salvar Mariko (a herdeira) e reconquistar sua imortalidade?

Digamos que a imortalidade pode não ser algo tão vantajoso como pensamos, pois perde-se tantas pessoas próximas em sua vida e continua tendo a "obrigação" de viver ou, quem sabe, simplesmente sobreviver, já que muitos apenas concluem o ato de estar vivo, mas não tem uma vida realmente aproveitada e vivida.

Armas com mira inteligente e força espetacular podem ser bastante úteis para a humanidade, mas também perigosas se não forem usadas com inteligência. Isso pode ser visto na cena quando Wolverine luta com o Samurai de Aço ou durante a perseguição de vilões atrás de uma herdeira de uma grande empresa de tecnologia.

Quem sabe, futuramente, essa tecnologia não venha fazer parte do mundo real?



Wolverine Imortal - Capa

COMO ENCARAR ESSA GALERA

Maitê trabalha com jovens de diferentes idades

Ser professor não é fácil. É preciso estar sempre atualizado, fazer muitos cursos e ainda compreender a cabeça dos adolescentes. O segredo para ter uma carreira bem sucedida, ser querido pelos alunos e reconhecido como bom educador são os temas dessa entrevista concedida pela Professora de inglês, Maitê Azevedo. Ela tem o desafio de ensinar um idioma estrangeiro, muito importante na formação de todos os alunos. Saiba, agora, como ela faz para se manter em harmonia com a profissão que escolheu e adora.



Jornal: Você leciona para pessoas de diferentes idades há 11 anos. Durante esse tempo, o que foi que mais te chamou atenção em relação ao comportamento dos adolescentes?

Maitê Azevedo: Acho que foi a abertura deles, as novidades, a energia dos adolescentes, a disposição, as curiosidades... Acho que é isso.

J: Tem alguma preferência em lecionar alguma idade específica?

MA: Ah, eu gosto dos alunos entre 13 e 15 anos.

J: Como você soluciona os probleminhas que acontecem durante a aula, como por exemplo, discussão entre alunos?

MA: Chamando para conversar e, às vezes, chamando a orientadora para aju-

dar, quando é o caso. Mas, no geral, sempre foram coisas fáceis de serem resolvidas.

J: Onde foi que você iniciou sua carreira?

MA: Foi no Yázigi, que é uma escola de inglês.

J: Você teve alguma experiência fora do país para aprimorar seu inglês?

MA: Já fui morar na Inglaterra duas vezes para, cada vez mais, aprimorar meu inglês.

J: Você se relaciona bem com seus alunos?

MA: Na minha opinião, sim.

J: Já houve algum tipo de conflito ou discussão?

MA: Não me lembro de nenhum tipo de discussão grave! Mas tem as "coisinhas", às vezes, algo desrespeitoso, acho que nada muito difícil de ser resolvido.

J: Lecionar deve ser uma tarefa árdua. Qual foi o motivo que te levou a seguir esse caminho?

MA: Os motivos...? Ah!, foram coincidências. Na faculdade, comecei a dar aulas de inglês para uma amiga. Essa amiga me chamou para dar aulas no Yázigi. Depois comecei a dar aulas na Cultura Inglesa. Na época em que eu ainda estudava na faculdade, gostava da escola, do ambiente com bastante gente, dos alunos. Uma profissão que não é monótona. Sempre gostei!

J: Qual sua especialização?

MA: Eu estudei Ciências Sociais, depois fiz licenciatura para dar aulas de inglês. Fiz proficiência em inglês e, desde sempre, estou fazendo cursos. Fiz pós graduação em educação lúdica.

J: Você faz cursos de reciclagem?

MA: Faço sim, todo semestre, o tempo todo!

"Já fui morar na Inglaterra duas vezes para, cada vez mais, aprimorar meu inglês."

J: Sabendo que seu público é adolescente, você já fez algum curso de psicopedagogia ou psicologia para compreender melhor os jovens?

MA: Já fiz. Não curso superior, mas já fiz cursos livres e também li muito sobre o assunto.

J: Você tem alguma coisa a dizer sobre o seu trabalho?

MA: É uma delícia! Eu acho muito gostoso dar aula. Eu gosto, me sinto bem no final do dia!



A MENTIRA

"Se alguém perguntar, fui eu"

Olive (Emma Stone) era uma estudante cuja presença não era notada por ninguém. Quando sua melhor amiga, Rhiannon (Alyson Michalka), a convida para passar um final de semana acampando; como desculpa, ela fala que tem um encontro com um calouro da universidade, Jorgie (Fictício).

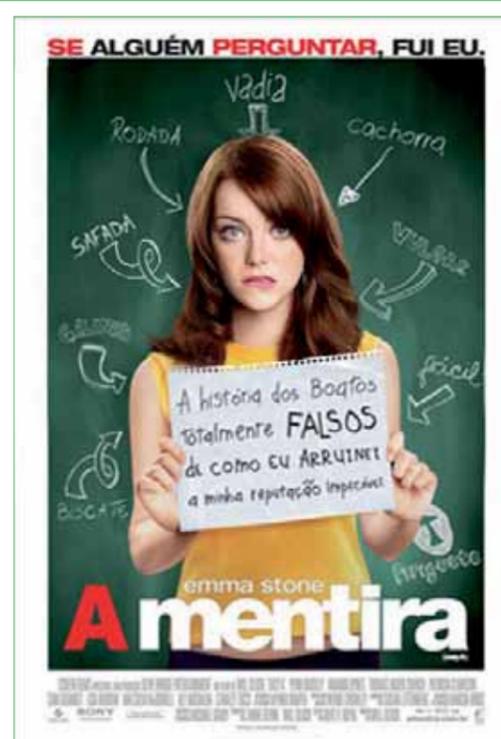
Na segunda, Olive diz para sua amiga, Rhiannon, que perdeu sua virgindade com Jorgie. Marianne (Amanda Bynes), a certinha do colégio, espalha para todos os alunos. Olive sofre do efeito bola de neve e se torna a garota popular do colégio. Seu amigo gay, Brandon (Dan Byrd), tem a ideia de falar para todos que ele e Olive tiveram uma noite de amor. Com isso, ele poderia ser visto como heterossexual. Olive torna-se uma figura "fácil" do colégio.

O filme poderia ficar menos monótono se o diretor do filme pudesse tirar as cenas que ela conta suas mentiras na frente de uma webcam.

Fora essas cenas o filme é muito repetitivo. O elenco é composto por bons atores como Emma Stone, ganhadora do prêmio *MTV Movie Awards* como melhor atriz.

A trilha sonora do filme é composta por vários cantores como Natasha Bedingfield, Jessie J entre outros.

O filme, lançado em 2010, foi indicado para 13 prêmios e ganhou 4 deles (Melhor filme de comédia, Melhor atriz, Melhor filme: Comédia ou Romance e Melhor atriz: comédia ou romance). O longa é baseado no livro *The Scarlet Letter*, por isso que Olive usa a letra "A" em suas roupas.



UMA FASE INESQUECÍVEL DA VIDA

“O namoro não pode entrar na fase de acomodação”

A adolescência é encarada como uma fase da vida que acontecem diversas mudanças no corpo e na vida social de cada um dos indivíduos. Atualmente, os adolescentes têm em mente uma dúvida muito polêmica em relação a vida amorosa: o que é mais vantajoso, ficar ou namorar? Há diversas controvérsias e explicações para esse "obstáculo".

Já aos 11 anos, os adolescentes começam a enfrentar várias transformações e, aos 15, dificilmente reconhece a criança que foi a somente 4 anos atrás. Torna-se outro jovem, mas se sente desadaptado e assustado. Isto é claramente a puberdade agindo. Esta, refere-se ao período que se manifestam as características sexuais secundárias, com transformações no corpo e alterações no metabolismo. A Dra. Laura Marisa Calejon — psicóloga e professora de Psicologia do Desenvolvimento nas Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo — define puberdade e adolescência como épocas marcantes no processo evolutivo de todo ser humano.

Erik Erikson, psicanalista e teórico da psicologia do desenvolvimento, diz *“a identidade que o adolescente quer esclarecer é quem é ele, qual será o seu papel na sociedade? Um adulto ou uma criança? Com essas dúvidas, os adolescentes preocupam-se muito com sua aparência aos olhos dos outros, comparada a sua própria opinião de si mesmo e tenta se ajustar aos “estilos atuais” com a dúvida de o que ele é está “certo” e se agrada os outros.*

“O corpo em transformação passa a ser outro corpo”- afirma Laura Calejon e, tanto o menino como a menina podem encarar as primeiras manifestações do corpo adulto como uma aquisição importante ou como a perda de sua infância, um tempo que está se acabando.”

Ficar ou Namorar?

Não se sabe o que será o dia de amanhã após uma “ficada”, já que a característica do adolescente é mudar facilmente de opinião entre querer algo mais sério e voltar daqui a algum tempo a namorar com mais seriedade e compromisso.



Ficar

Namorar

Conhecendo os adolescentes, sabemos que isso é um tanto difícil, já que o “ficar” é comum nos adolescentes que ainda estão pensando mais em quantidade.

É mais fácil entender uma adolescente que hoje sai com um garoto, mas já pensando em convidar outro para ir ao cinema, só porque é mais bonito do que

uma jovem de 20 anos.

O especialista comenta que a idade indicada para as mulheres iniciarem a vida amorosa e assumirem um compromisso é por volta dos 18 anos e, os homens, por volta dos 21 anos, pois demoram um pouco mais para amadurecer. Já a idade indicada para o homem casar é por volta dos 30 anos, quando já viveu muitas experiências e a mulher, segundo o especialista, é criada para o casamento, mas concorda que aos 21 anos é uma idade boa.

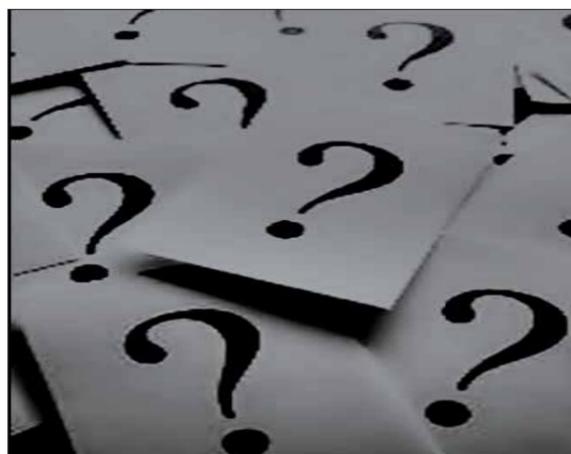
Alexandre Bez, formado em psicologia, diz que o tempo suficiente de um casal se conhecer e ter “metas” é de três anos. Se morarem juntos, dois anos são excelentes para viver a experiência. “O namoro não pode entrar na fase de acomodação, pois nesse caso é muito difícil partir para algo mais concreto”, diz o psicólogo. Mas, para homens e mulheres nada é tão difícil. Ele comenta que, em alguns casos, o casal pode manter um relacionamento como o namoro pelo resto da vida, mas desde que exista um acordo de não construir algo mais concreto, como o casamento. “Hoje em dia é muito comum ver mulheres que passaram dos 40 anos com esse tipo de acordo, pois já passaram por uma experiência negativa com o casamento ou temem ficar sozinhas”, comenta.

“Ficar com”

Foi na década de 80 que essa expressão começou a ser utilizada. Esse termo representa apenas um contato físico durante um curto período; pode ser uma noite, uma festa ou então apenas alguns minutos sem compromisso.

Algumas mulheres preferem esse tipo de comportamento, pois tem mais liberdade para escolherem alguém sem que tenha um compromisso depois. Mas cuidado para uma banalização das relações, quando jovens ficam “usando” o outro apenas como um “objeto”, o que leva a causar sentimentos ruins em um dos “indivíduos”.

Tendo em vista, várias maneiras diferentes de pensar sobre ficar ou namorar, os jovens preferem ficar do que namorar, já que esse tipo de relação oferece algo mais simples, sem preocupações ou muitas regras. Os adolescentes preferem levar uma vida sem compromisso ao ficarem “presos” a alguém.



“QUEM TRAZ O OLHAR DO ESTRANHAMENTO É O JOVEM”

Nádia nos conta um pouco sobre comportamento jovem

Nádia já ocupou os cargos de auxiliar e orientadora. Agora, a assistente de direção nos conta sobre sua vida profissional no âmbito escolar e em seu consultório. Respondendo às perguntas entusiasmadamente, Nádia recebeu muito bem nossa equipe, concedendo-nos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre ela e sua vida profissional.

Comportamento Jovem: Com tantos anos de carreira, queremos saber quantos anos você tem de Vera? Foi aqui que você iniciou sua carreira?

Nádia: São 32 anos de carreira. Não comecei aqui. Trabalhei dando aula de psicologia em um curso de formação de professores e, de psicologia de desenvolvimento, em uma faculdade. Depois, fiz saúde pública, trabalhei com saúde ocupacional, mas nunca deixei de dar aula para adultos. Vim para o Vera, em 1981, meus filhos estudaram aqui, e eu tinha muito interesse de conhecer a escola. Tinha uma vaga para auxiliar. Claro, ocupei a vaga só para ver como era, sem deixar meu trabalho de educadora de saúde educacional. Chamaram-me então para ser orientadora e depois para assistente de direção.

CJ: Como foi para você o processo de mudança de cargo: auxiliar para orientadora e depois para assistente de direção?

N: Senti-me muito lisonjeada, não foi fácil, porque eu também estava em dúvida se deixaria a outra profissão, pois como auxiliar, acumulei, mas aceitei bem. Quando deixei de ser orientadora, também deixei pensando em sair da escola, achei que tinha dado meu tempo de orientadora, mas então ela me chamou para ser assistente, e aceitei, fiquei de novo bastante lisonjeada.

CJ: Você já teve experiência em diversos cargos. Conte-nos um pouco sobre a especificidade de cada um deles.

N: Olha, auxiliar, embora eu tenha ficado pouco tempo, para mim é uma função muito importante na escola porque quando você está em contato com os alunos e professores, você tem como enxergar bem a estrutura inteira da escola, você enxerga tanto a dinâmica dos alunos, seus colegas e funcionamento da escola, você não está com uma responsabilidade de gerenciar um grupo, você tem a sua responsabilidade, mas a responsável pela classe é a professora. Achei maravilhoso, pois isso dá o distanciamento que me permitiu, na época, fazer uma análise boa da instituição. Orientação, eu acho que é a função mais gostosa da escola porque acompanha os alunos, você se sente como responsável por todo este período crítico dos alunos: de se despedir da infância para entrar na juventude, é um período não nomeado, é muito gostoso. Para mim é o “filé mignon” (risos) da escola, embora seja bastante cansativo; exigente, eu diria. É importante ler perfeitamente a necessidade de cada aluno, sem perder de vista que o objetivo é com o

coletivo. Então muitas vezes você fala assim: “Para ele, isso seria melhor; mas para o grupo, não”. Então, não pensem que é gostoso. Falavam para mim: você é chata. Eu respondia: eu ganho para ser chata. O orientador tem um desafio muito grande, pois quando ele não tem um grupo na frente, para não perder de vista o grupo precisa estar se vigiando: meu foco é a série.

CJ: Seu cargo pode ser considerado de confiança, já que exerce a função de diretora quando a Stella está ausente. Você já teve que tomar alguma decisão difícil?

N: Sabe o que acontece: tanto a Stella, que é a diretora, quanto eu, quanto a Vera tem uma vantagem e uma desvantagem no Vera. A gente sempre toma decisões em conjunto, tudo é muito conversado. Nem mesmo a diretora toma uma decisão apenas da cabeça dela. Toda decisão é repensada e, por isso que fica difícil. Voltando a falar do orientador: às vezes, ele chega e fala: “deixa eu fazer isso”. Não há esta autoridade, as regras da escola foram decididas no coletivo. Então ninguém tem a autoridade de tomar decisão que não seja coletiva. Todas as decisões que a gente toma são em grupo.

CJ: Como é trabalhar com a Stella?

N: Muito bom, a Stella é uma pessoa extremamente inteligente. Às vezes, ela tem um jeito muito forte de se expressar, dando a impressão que ela não vai te ouvir. Se você falar para ela: eu não penso assim, ela pensa e retoma. Então ela escuta. Ela é uma pessoa das que conheço que tem mais compromisso com a educação. É impressionante, um papelzinho no chão, ela não diz que é sujeira, mas sim: que medida educativa eu devo tomar para que este papel saia do chão. Ela pensa em ações educativas.

CJ: Seu trabalho é centrado no atendimento dos pais? Como funciona?

N: Não, meu trabalho fica sendo um todo. Eu sou uma interlocutora da Stella. Há situações em que os pais demandam uma relação mais institucional.

CJ: Sabendo que sua formação é em pedagogia, como foi partir para a psicanálise?

N: Depois da pedagogia fiz educação em saúde pública, quando trabalhei muito com análise institucional, que é muito interessante analisar uma instituição. Quando eu vim para a orientação, fiquei muito voltada à minha experiência de fazer a análise institucional mais a convivência com os alunos. Comecei a fazer psicanálise para fazer meu

trabalho de orientadora e descobri coisas diferentes. O lugar do psicanalista é ajudar o humano a se deparar com ele mesmo, descobrir sua história e seus desejos. Embora ajude a ler as situações, a ação da escola deve ser educativa e não psicanalítica.

CJ: Quais são os casos mais recorrentes em seu consultório?

N: Tem uma variedade: as separações, as pessoas resolvendo seus lutos, pessoas que não sabem o que fazer, querendo descobrir seus desejos, não sabendo lidar sua emotividade, agressividade, questões de como lidar com dor, luto, perdas.

CJ: Como é lidar com os jovens?

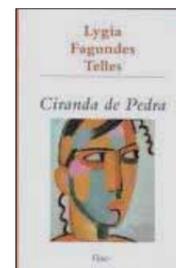
N: Olha, trabalhar com jovem é muito bom, tem vida. O olhar de jovem é diferente de um adulto, é muito questionador. Tem um jeito de enxergar que dificulta. Ele está chegando no mundo construído e por isso aponta o que acha estranho. É muito fascinante, pois quem está em uma sociedade já se acostumou. Quem traz o olhar do estranhamento é o jovem: “sou do contra”, não é isso. Se você tiver esta perspectiva de que ele está enxergando pontos que não estão sendo vistos, é muito bom. O que mais sofri quando deixei a orientação foi isso, falei: “vou começar a ficar velha.”

CJ: Qual foi o último curso que você fez?

N: Atualmente estou fazendo Freud e a filosofia, é um curso com bastante psicanálise. Você não pode parar de fazer curso e, na realidade, faço dois: este e um outro sobre conceitos de transferências de Freud.

CJ: Há alguma leitura que você recomendaria para adolescentes?

N: Embora eu sempre indique livros, no momento me deu um flash, existem muitos livros bons. Se eu me lembrar de algum falo para a Priscila, mas Ciranda de Pedra, por exemplo, é um ótimo livro.



Ciranda de pedra é um livro de Lygia Fagundes; aborda temas como problemas com a juventude (1954)

QUEM QUER SER UM MILIONÁRIO

Através de um jogo, sua vida pode mudar

O filme *Quem quer ser um milionário* é a história de um menino que vive na Índia, com uma condição financeira desfavorável. Por isso, resolve participar de um programa que se chama *Quem quer ser um milionário*, de perguntas e respostas, com o prêmio de 1.000.000 de dólares. Também resolve participar desse programa com o objetivo de mostrar para Latika seu paradeiro, para que assim possam se reencontrarem.

O protagonista usa memórias de cenas da sua infância para responder às perguntas.

Na última pergunta feita pelo apresentador, ele podia fazer uma ligação a alguém e

liga para Latika. Mas para você saber se é um final feliz, só assistindo ao filme, já que aventura, romance e justiça fazem parte da história.

O enredo é composto por ótimos atores, como Jamal Malik (Dev Patel) protagonista, Latika (Freida Pinto), seu amor de infância, Salim Malik (Azharuddin Mohammed Ismail), seu irmão, Shahrukh Khan (Anil Kapoor) sendo o apresentador do programa.

O diretor Danny Boyle conseguiu dinamizar o filme, deixando-o sem cenas monótonas. Mas a cena que mais me marcou foi a que Jamal e seu irmão Salim, conseguem su-

bir em cima de um trem para fugir das mãos do “perigo” em busca da liberdade. Porém, Latika não consegue subir no trem e fica para trás.



Amanda Watson Martins Pereira

Clara Souza Guimarães Marques

Luca Conti



Maria Thereza Toledo Diederichsen

Ricardo Cestari Giorgi

Sabrina Camargo Silvestre

CHOCOLATE: PAIXÃO MUNDIAL

Inicialmente exclusivo da nobreza, o chocolate delicia todas as classes sociais

Descoberto pelos maias e astecas, povos antigos da América Latina, o chocolate sobreviveu ao tempo e está disseminado por todo o mapa.

Desconhecido pelos europeus na Antiguidade, o chocolate só chegou na Europa na Idade Média, na forma de uma bebida quente e amarga, exclusiva da nobreza medieval e, depois, renascentista. Desde então sofreu várias transformações até chegar ao chocolate que conhecemos e amamos atualmente.

Influência Cultural

Além de estar espalhado por todo o mundo, o chocolate está presente em várias culturas ao redor do globo. Além de assumir um papel importante em diversas festividades.

Um desses eventos é a Páscoa, quando o chocolate aparece na forma dos famosos ovos, geralmente com recheio ou brindes. Esse costume surgiu com a nobreza medieval europeia, que presenteava amigos e parentes com ovos de ouro cravejados de pedras preciosas. Apesar do costume ter começado na Europa, a tradição nos ovos de Páscoa não acontece nesse continente.

Outra ocasião na qual o chocolate é vital, é o dia dos namorados. Esse costume começou quando Luís XIV, rei da França, recebeu de sua noiva uma cesta em formato de coração, repleta de chocolates.

O chocolate também aparece em livros e filmes famosos, como: a Fantástica Fábrica de Chocolate, Sangue e Chocolate, dentre outros.

Tipos de Chocolate

O chocolate existe em vários sabores, dentro dos quais os principais são: amargo, ao leite, branco, couverture e diet. O tipo mais puro é o amargo que, além de cacau torrado, leva apenas açúcar e pode variar entre extra amargo, amargo e meio amargo, dependendo da porcentagem do cacau.

Outro tipo conhecido é o chocolate ao leite, que usa 40% de cacau e leite em pó ou leite condensado, criando um gosto suave e doce, porém não tão doce quanto o chocolate branco,

que é mais industrializado, levando manteiga de cacau, leite, açúcar e lecitina.

Chocolates menos conhecidos são o couverture e o diet. O couverture é usado principalmente por confeitores, e é rico em manteiga de cacau. Já o diet é uma mistura de manteiga de cacau, leite em pó e sacarina, (substituto do açúcar) e vanilina. Apesar de não ter açúcar, é extremamente calórico.

Todos esse chocolates aparecem nas mais diversas formas, indo desde pequenos bombons, como trufas; sem contar as barras, bolos, mousses.

Mesmo todos sendo muito apreciados, o que é mais vendido de todos eles é o ao leite.



Melhores Lojas de Chocolate do Mundo

Segundo a revista National Geographic, a melhor loja de chocolate do mundo é a Teuscher, na Suíça, representando o melhor da produção desse produto típico local. A Teuscher é seguida pela Vouges Haut-Chocolat, localizada em Chicago, que conta com ingredientes refinados, selecionados a dedo pela dona. A terceira loja é a Scharfen Berger Chocolat Maker, também nos EUA, e é especializada em chocolate amargo.

Em seguida, vem a Jaques Torres Chocolat, em NY, que se parece com uma pequena chocolateria europeia, que te convida a sentar e tomar um delicioso chocolate quente. Outro estabelecimento imperdível é a Normam Love Confection. Lá, os chocolates são pintados a mão com ingredientes como banana, morango e castanhas.

As seguintes lojas do ranking são: Varlhona, na França; Godiva Chocolatier, na Bélgica; Richard Donnelly Fine Chocolats, nos EUA; Richart, em Paris; a Puccini Bomboni, na Holanda.

Não importa quando ou onde, o chocolate sempre está presente nas mais variadas formas.

AMOR AO PRAZER DE COMER

A comida é mais que uma satisfação fisiológica, é uma paixão mundial

Nem compulsivos, nem glutões, os *Foodies* são os aficionados em comida e bebida, que não escolhem o restaurante pelo preço ou a comida pela sua cara. Eles provam os mais variados pratos nos mais diversos estabelecimentos. Para os *Foodies*, não há limites em relação à comida.

O termo informal para definir essa classe particular de viciados em comida e bebida é a palavra “foodie”. Ela foi criada em 1981 por Paul Levy e Ann Barr, no título do livro “The Official Foodie Handbook”, publicado em 1984.

Gostam não apenas de comer mas de conhecer sobre culinária. O *Foodie* típico gosta de atividades que incluem indústria de alimentos, Enologia (cultura do vinho), criação de cervejas, ciência dos alimentos, seguir inaugurações, fechamentos e reinaugurações de restaurantes, tendências culinárias, saúde e turismo culinário.

Foodies Paulistanos

Em São Paulo, a cidade mais famosa pela gastronomia do Brasil, é também a terra dos *Foodies*. Os mais de 13 mil restaurantes estão quase sempre cheios com o intenso movimento gastronômico da cidade. Há lugares de todo tipo, desde barraquinhas de cachorro quente a um dos melhores restaurantes do mundo, o D.O.M.

A maior parte dos *Foodies* paulistanos têm menos de 30 anos, não tem filhos e recebem salários de R\$ 3.500,0 a R\$ 12.000,00.

Ao invés de gastarem em eletrônicos ou arte, investem em pratos principais e sobremesas. Alguns chegam a reservar até 60% de seu orçamento para prazeres gastronômicos, como diz a *Foodie* Valeska de Oliveira, 35, Gerente da Plataforma de Empresas do banco Itaú, que chega a “investir” quase 40% do salário em restaurantes, bares e principalmente docerias. “Meu pai sempre me disse para não economizar dinheiro em comida”. Ainda ressaltou que os melhores dias para sair para comer em SP são terça, quarta e quinta-feira. “Domingo, só com muito pi-que”.

De onde vem toda essa paixão por comida

A maior parte dos *Foodies* desenvolve sua paixão ainda quando criança pelo incentivo dos pais, que levam os filhos a diversos restaurantes e estimulando seus paladares.

O Advogado Octávio Bocchino, 35, confirma a situação: “vou a restaurantes desde pequeno e sempre gostei de comida. Minha avó me incentivava a provar todo o tipo de coisa. Lembro-me da primeira que comi sushi, eu tinha 3 para quatro anos”. Octavio gasta quase 1/3 do seu salário em restaurantes e sai para jantar fora pelo menos 3 vezes por semana. Quando via-



Octavio Bocchino

ja, um de seus principais passeios é a ida a restaurantes. Agora ele está fazendo um curso de culinária para poder cozinhar em casa para os amigos.

Não seria de surpreender que pessoas como Octavio e Valeska tenham boas dicas

para desfrutar ao máximo os prazeres gastronômicos que a capital paulista oferece. Aí vão as dicas dos *Foodies* para comer bem em São Paulo:

1) Explore – Procure lugares com bom custo benefício; explore a Liberdade, o Bom Retiro e bairros fora do circuito.

2) Calcule – Conheça os ingredientes para saber se está pagando um preço justo por sua comida.

3) Almoce – Quando puder, almoce; o preço é mais barato que o jantar. Opte por menus executivos, sem truques.

4) Corte – Deixe de fora o *couvert* ou divida a entrada quando estiver acompanhado.

5) Arrisque – Vá a feiras gastronômicas; prove pratos diferentes nos restaurantes que você já frequenta.

6) Lei Seca – Desapegue de bebidas alcoólicas ou dispense o vinho. Prefira os restaurantes que não cobram a rolha, ou seja, não cobram se você trazer seu próprio vinho.

Foodies e os altos preços

Apesar de gastarem uma boa parte de seus salários em comida, os *Foodies* então sempre de olho e reclamando dos altos preços na cidade. E por isso o site “Boicota SP” foi criado. Ele reúne reclamações de clientes em relação ao alto preço dos estabelecimentos. Em apenas uma semana recebeu mais de 200 reclamações e acumulou mais de 30 mil “Likes” em sua página do *Facebook*. Apesar de haver muitas críticas, há também argumentos em defesa dos estabelecimentos “boicotados”: a principal razão alegada pelos defensores dos restaurantes é alto custo dos ingredientes.

Inspirado no “Boicota SP” foi criado o site “SP Honesta”, que opera na mão contrária: apresentar lugares bons e baratos para os consumidores.

Incomodados com os altos preços, os *Foodies* tiveram que reduzir suas idas a restaurantes, cozinhando com mais frequência em casa e utilizando métodos para não gastarem tanto. Uma das alternativas é frequentar lugares híbridos, bares-restaurante, onde é possível optar por algo diferente do prato principal, que facilmente elevam a conta a R\$ 100,00. Gastam menos pedindo fartos petiscos e bebidas que substituem uma refeição. Outra alternativa é reservar mesas em sites e aplicativos que oferecem descontos.

Caros ou não alguns restaurantes se destacam entre a preferência dos *Foodies* paulistanos, como o MANÍ, que serve comida contemporânea, e apesar de ter um preço salgado, é excelente. O cliente sente gosto em pagar caro em troca de uma boa refeição, onde o serviço recebe destaque pela qualidade. Outro queridinho é o *Almanara*, que tem um preço justo, tradição e ainda oferece um bom rodízio em seu principal endereço (próximo a Praça da República).

Vale ressaltar que a maioria das “troca de ideias” sobre comida e restaurantes entre os *Foodies*,



Comida do MANÍ

são feitas nas redes sociais. Há diversas páginas no *Facebook*, por exemplo, com receitas e dicas de restaurantes para a comunidade *Foodies*. Quem nunca viu a foto de um prato no *Instagram* ?

Obesidade

O que é obesidade? Obesidade é o acúmulo de gordura no corpo causado por um consumo de gordura ou glicose (glicose se não for gasta é transformada em gordura) na alimentação, superior àquela utilizada pelo organismo para sua manutenção. Ou seja, a ingestão é maior que o gasto.

Pessoas obesas tem maior chance de desenvolver doenças como pressão alta, diabetes, problemas nas articulações, questões respiratórias, pedra na vesícula e até câncer. Sendo uma doença provocada pela maior ingestão energética que gasto, a forma mais simples de tratar a obesidade e a reeducação alimentar e a prática de atividades físicas, mudança para um estilo de vida mais saudável. Além de dietas há também tratamentos com medicamentos, mas esta nunca pode ser a única maneira de tratar da obesidade, pois pode trazer diversas reações negativas, como: nervosismo, insônia, aumento da pressão sanguínea, taquicardias, boca seca e intestino



preso; sem contar com a possibilidade de dependência que a medicação pode provocar. O tratamento deve ser rigorosamente monitorado e até restrito a alguns pacientes.

Curiosamente a maioria dos *Foodies* não têm problemas graves de excesso de peso talvez pelo fato de muitos se interessarem por uma alimentação saudável, ou por terem medo de fazer dieta e abrir mão de seus prazeres gastronômicos. Perguntamos à nutricionista Lucimara Wessely, se ela acreditava que o aumento da quantidade de pessoas acima do peso nas últimas décadas, estava relacionado a um maior consumo em restaurantes e/ou “crescimento gastronômico”, e ela nos respondeu que não: “acho que tem mais a ver com o aumento da oferta e o marketing sobre os produtos alimentícios” ressaltando que “as pessoas estão mais preocupadas com a praticidade, do que com a qualidade da comida”. Ainda perguntamos se ela atendia muitos *Foodies*: “depende, eu atendo mais as pessoas que desejam fazer uma reeducação alimentar.

“Não acho que alguém com o paladar apurado como o *Foodie*, vá abrir mão deste gosto por uma dieta sem sal”.

Foodies Vs. Gourmet

O *Gourmet* é uma pessoa com gosto peculiar em comida e vinho. Possui um paladar apurado e sofisticado e tem um prévio, ou avançado, entendimento de culinária ou gastronomia como o *gourmand*. Porém o *gourmand* pode significar àquele que come em grandes quantidades, ou até mesmo um comedor voraz, diferente do *gourmet* que prefere apreciar uma nobre refeição, independente de sua quantidade.

Gourmet também é o nome que se dá a uma cozinha ou produto alimentar que esteja associado à “haute cuisine”(alta cozinha), uma alusão aos ideais da arte culinária. Portanto, quando um restaurante ou prato diz-se *gourmet* significa que está reservado à paladares mais refinados.

Diferente dos *Foodies* os *Gourmets* são mais exigentes e tem um gosto mais rebuscado reservando seus prazeres ao que há de melhor e costumam ir a restaurantes mais caros. Não provam de tudo o que está na



Prato gourmet

“moda, ou novidades do menu, preferindo pratos mais elaborados e sofisticados. Os *Foodies* dizem que os *Gourmets* são elitistas e antiquados. Os perfis dos *Gourmets* são diferentes dos *Foodies*. Os *Gourmets* tendem a ser mais velhos e mais endinheirados que os *Foodies*.

Gastronomia pelo Mundo

Segundo a revista britânica “Restaurant” os dez melhores restaurantes do mundo são:

1º LUGAR – El Celler De Can Roca

Localizado em Girona, na Espanha o restaurante dos 3 irmãos Juan, Josef e Jordi Roca tem como característica o uso de ingredientes tradicionais.



El Celler De Can Roca

2º LUGAR – Noma

Em um salão amplo e naturalmente iluminado em Copenhague - Dinamarca, o restaurante do chef René Redzepi (atual melhor chef do mundo), o Noma tem cardápio marcado pela presença de ingredientes locais da Escandinávia.

3º LUGAR – Osteria Francescana

Do Chef Massimo Bottura, o pequeno restaurante de 12 mesas fica em um salão de decoração clássica em Modena, na Itália, e traz em seu cardápio pratos italianos tradicionais e outros mais experimentais.

4º LUGAR - Mugaritz

Também na Espanha o restaurante do Chef Andoni Luís Aduriz fica em San Sebastian, numa casa cercada por árvores, oferece um menu degustação personalizado para cada cliente.

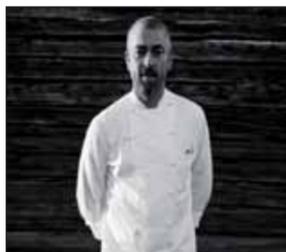
5º LUGAR - Eleven Madison Park

Comandado pelo Chef suíço Daniel Humm, o salão nova-iorquino, com uma ampla vista para o Madison Square Park, oferece somente menu degustação, que é constantemente modificado.

6º LUGAR - D.O.M

O restaurante do aclamado chef brasileiro Alex Atala, o quarto melhor chefe do mundo, não é apenas o melhor de São Paulo e do Brasil. Oferece pratos elaborados com

ingredientes tipicamente brasileiros em três tipos de menu degustação.



Alex Atala

7º LUGAR - Dinner By Heston Blumenthal

O londrino chefiado por Ashley Palmer Watts recupera pratos tradicionais da culinária inglesa em um salão envidraçado com vista para sua cozinha e o Hyde Park.

8º LUGAR - Arzak

Outro restaurante da Espanha e também em San Sebastian, os chefs Juan Mari e Elena Arzak, pai e filha, servem cardápio baseado na culinária Basca.

9º LUGAR - Steinreck

Na capital Austríaca, o chefe Heinz Reitbauer recupera tradicionais pratos locais com ingredientes raros, servidos *à la carte*, ou no menu degustação.

10º LUGAR - Vendôme

Em Bergisch Gladbach, na Alemanha e comandado pelo chef Joachin Wissler, o Vendôme combina ingredientes tradicionais germânicos e técnicas moderna, num hotel da região de Colônia.

Não há dúvida que os deliciosos pratos servidos nestes melhores restaurantes do mundo custam caro e as reservas são difíceis de se conseguir. A média dos preços das refeições varia de R\$ 300 a R\$ 650 por pessoa, sem contar o vinho.

Crescimento da gastronomia no Brasil

No Brasil, o setor gastronômico já emprega mais que a construção civil. O salário de um chefe num restaurante de médio-padrão chega facilmente a cinco mil reais. A gastronomia movimentou só no ano passado R\$ 180 bilhões, crescendo mais de 80% em cinco anos.

O número de instituições com cursos de formação em gastronomia também cresceu junto com o número de formandos. Há dez ou quinze anos os profissionais “caíam” nas cozinhas e o trabalho era considerado um subemprego. Hoje a profissão é escolhida, reconhecida e disputada. Quando as pessoas decidem fazer faculdade de gastronomia, pensam que no futuro passarão o dia cercados de aromas, criando novas receitas. Só que a realidade está bem distante disso.

Para começar a criar suas próprias receitas e assinar seus pratos, um chefe tem de percorrer um longo caminho entre cozinhas e panelas. O início é como ajudante do ajudante. Muitos meses para conseguir uma promoção e passar a ajudante e assim permanecer por anos, até passar a sub chefe e com muita sorte e algum financiamento, ser o chefe de seu próprio restaurante. Para conquistar seu próprio programa num canal de televisão, é preciso ter nascido iluminado.

Perguntamos à especialista em Comunicação, Gestão e Marketing – Adriana Souza, se o crescimento econômico e gastronômico no Brasil refinou o paladar dos brasileiros; ela respondeu: “Não necessariamente, mas a mesa do brasileiro cresceu. Agora ele tem mais acesso a diferentes produtos e consequentemente pode ampliar as suas preferências gastronômicas, mas isso não significa

que o paladar do brasileiro ficou mais refinado.”

Sendo *Foodies* ou *Gourmets* os amantes de comida não têm de se preocupar com qual será o próximo prato que irão degustar, pois a cada temporada a gastronomia vai crescendo e se renovando, conquistando cada vez mais, o coração e o estômago das pessoas pelo mundo.

Descubra se você é um Foodie

Descubra se você é um *foodie*, um gourmet, ou apenas alguém que vê a comida como nada mais que uma parte do seu dia.

Escolha a resposta que mais te define!

Quantas vezes você sai para comer fora por semana?

A) Pelo menos 3 vezes, saio para comer sempre que posso.

B) Pelo menos 2 vezes em bons restaurantes aclamados pela crítica

C) Quando preciso ou nos finais de semana.

Se você pudesse escolher um lugar para viajar qual escolheria?

A) Nova York, lá é cheio de lugares cool para comer. Os nova-iorquinos tem sorte porque milhares das novidades do mundo gastronômico são lançadas lá.

B) Espanha, vários dos melhores restaurantes do mundo se localizam lá!

C) Algum lugar legal, cheio de passeios interessantes.

Se você pudesse conhecer uma dessas pessoas qual delas gostaria de conhecer?

A) Jaime Oliver, as receitas rápidas dele são incríveis!

B) Um chefe aclamadíssimo, que conseguisse me surpreender com o que preparasse.

C) Brad Pitt, acho os filmes dele muito legais.

Que tipo de prato você escolheria num restaurante?

A) Aquele que for mais criativo.

B) Aquele que tiver os ingredientes mais *vintages*. Como trufas.

C) Qualquer um que tiver um gosto bom.

Qual o máximo de dinheiro que você pagaria numa refeição?

A) Não tão caro. O que importa é o sabor.

B) O quanto for preciso para provar um prato realmente estonteante.

C) Não sei se gastaria com comida, prefiro comprar algo que tenha um prazer mais duradouro.

Resultados:

Mais A) Parabéns, você é um *foodie*! Você explora os mais diferentes pratos nos mais variados restaurantes. Em suas viagens, você experimenta de tudo!

Mais B) Parabéns, você é um gourmet! Gosta de tudo do bom e do melhor e seu paladar é difícil de agradar. Você é muito refinado!

Mais C) Para você, comida não é um grande evento, explore mais lugares e experimente mais pratos e você pode se tornar um *foodie*!

BAR OU RESTAURANTE

O “Jacaré” conta quais as diferenças e como se administra um bar e um restaurante



Marcelo, o proprietário do Jacaré, na Villa Madalena

Mesmo sem nunca ter feito nenhum curso, Marcelo Silvestre (49), o Jacaré, dono e administrador de um dos mais famosos bares/restaurantes da Vila Madalena, o Jacaré Grill, nos conta como abriu seu estabelecimento, há 23 anos e como o administra e cria os deliciosos pratos de seu cardápio.

JORNAL: Depois de abrir o Jacaré, você abriu um outro bar, o Jaca, como você administrava ambos?

MARCELO SILVESTRE: O Jaca veio depois que o Jacaré já tinha uns 10 anos. O Jacaré estava bem estruturado. Funcionava praticamente sozinho e tinha uma equipe bem montada. Então eu tinha tempo para administrar outro restaurante. A administração dos dois não conflitou em nenhum momento.

J: Sabemos que a sua formação não é administração. Foi difícil, no começo, abrir um bar?

MS: Eu nunca imaginei ter um bar na vida, foi um acaso da vida que colocou esse bar nas minhas mãos. Eu tive de aprender a administrá-lo sozinho. Eu não tinha conhecimento nenhum de administração de bar e restaurante. Aprendi tudo no dia a dia, me consultando com outros donos de bares, viajando, vendo como os outros bares de estados e países diferentes funcionavam. Não fiz nenhum curso, aprendi tudo na marra.

J: Por que você deixou de administrar o Jaca?

MS: Eu não parei de administrar o Jaca. Eu recebi uma oferta de compra, uma oferta irrecusável. Passei o ponto. Mas administrá-lo era bem simples. O local era pequeno e fácil de tomar conta.

J: Você abriu o Jacaré como um bar, em 1990. Em 2007, expandiu o estabelecimento tornando-o um restaurante. Quais foram as adaptações que você fez no estabelecimento?

MS: Primeiro de tudo: mudança estrutural na cozinha. Uma cozinha para atender um bar é bem pequena e simples. Uma cozinha para atender um restaurante requer equipamentos caros e variados, que muitas vezes não encontramos aqui no Brasil. Tive de reeducar todo mundo na cozinha. Todos tiveram de fazer cursos. Os garçons tiveram de se adaptar ao cardápio de restaurante, que é bem diferente do de bar. Tiveram de fazer cursos para poder explicar ao cliente que tipo de comida ele está servindo, qual o ponto certo para comer a carne...

J: Mas por que você transformou o seu bar num bar restaurante?

MS: Não foi uma escolha minha, na verdade. Os clientes me levaram a fazer essa mudança. Eles começaram a pedir para que abrissemos para o horário de almoço, queriam pratos diferentes e o cardápio foi mudando de bar para restaurante. Hoje em dia, eu classifico o Jacaré como um bar com opção a restaurante.

J: Como você se inspirou para criar o cardápio do Jacaré? Quais as exigências da clientela quanto ao cardápio de um bar? E de um restaurante?

MS: Os clientes gostam de algo específico, de um lugar que gostam de frequentar. Então ele sugere para o proprietário. Se o proprietário for esperto em tentar agradar seu cliente, ele irá atrás de sua sugestão. Então, da próxima vez que o cliente vier, ele já o apresentará à novidade. Se o prato for aprovado, ele irá para o cardápio.

J: Já que você disse que o cardápio de um bar e de um restaurante são bem diferentes qual é essa diferença?

MS: É enorme. Um bar tem praticamente só porções, petiscos, *finger food*, coisas que você divide com os amigos na mesa. Num restaurante, o prato é individual e mais elaborado, o atendimento é diferenciado. Muitas vezes, o prato acompanha uma bebida como vinho.

J: Qual o prato carro chefe da casa?

MS: O carro chefe desde que o Jacaré abriu é a picanha. Sempre foi. Vendemos 2 mil quilos só de picanha por mês.

J: Sabendo que você fez um curso de sushi e nenhum de carnes, por que você abriu uma churrasceria?

MS: Não sou japonês (risos), ia ficar bem estranho, eu, um português, atrás de um balcão de restaurante japonês. Eu fiz o curso por lazer, para servir aos amigos e fazer em casa, não é algo que eu sou ou quero me profissionalizar. E carne é algo que eu fiz a vida inteira. A família sempre se reuniu. Meu avô tinha um açougue. Meus tios trabalharam num açougue. Então desde pequeno eu convivo com carnes.

J: Você pensa em colocar sushi no cardápio do seu restaurante?

MS: Não, não penso de jeito nenhum (risos).

J: Quantos funcionários trabalham para você?

MS: No momento... 42.

J: Qual a diferença entre os funcionários de bar e de restaurante?

MS: É a mesma coisa, o número de funcionários varia de acordo com o tamanho do lugar.

J: Mas os funcionários tem de se comportar de uma maneira diferente?

MS: Sim, completamente. E sempre é bom ter um funcionário que limpe as mesas, junto com o garçom.

J: Quem é, digamos, o chefe, por aqui, que elabora os pratos?

MS: Os pratos são elaborados pela Cintia. Ela os elabora e depois vai na cozinha testá-los.

J: Quem é Cintia?

MS: Cintia é a minha esposa, é minha sócia e trabalha comigo. Muitos dos pratos que ela elabora são fusões de pratos que vimos em outros lugares. Viajamos muito e constantemente vemos coisas diferentes, pratos, molhos, saladas, um preparo diferente de carne que não há no Brasil, e tentamos adaptá-las para o Jacaré.

J: Mais alguém da família trabalha aqui no Jacaré?

MS: Sim, minha irmã. Minha irmã gerencia tudo, cuida da parte de compras, estoque, controle de garçons e escala de horários.

J: Mais alguém da sua família é dono de restaurante?

MS: Restaurante não. Bar. Eu tenho um primo e uma tia que têm mais dois bares aqui, na Vila Madalena, começaram depois de mim. Parece que se empolgaram e foram no embalo.

J: É difícil manter um estabelecimento como o seu de portas abertas? O fato de ser um bar restaurante torna isso mais fácil?

MS: Não, pelo contrário. Bar/restaurante é o meio de comércio mais taxado de imposto que existe em São Paulo. Então é muito difícil de manter aberto. Paga-se muito imposto, muitas leis a serem seguidas. A prefeitura nos alerta constantemente com o Psiu e frequentemente somos supervisionados por bombeiros e fiscais de trabalho. É super difícil manter um bar aberto como o Jacaré, há 23 anos. Também há diversos problemas com a equipe. Se alguém pede as contas temos de remontar a equipe inteira.

J: Mas a variedade que existe entre os cardápios de bar e restaurante ajuda a ter mais clientes?

MS: Sim, ajuda, é como eu te falei anteriormente. Você pode vir um dia com seus amigos para tomar uma cerveja e comer alguns petiscos. Num outro dia você pode vir com sua família, seu pai, sua mãe, sua avó, sentar numa mesa e almoçar ou jantar maravilhosamente. Então sempre é bom esse binômio BAR-RESTAURANTE. Não tem como eu perder o cliente. Se ele vier para o bar, desfrutará de tal. Se ele vier para o restaurante, desfrutará de um restaurante.

J: Não é novidade que a Vila Madalena é um bairro bem conhecido por seus bares e restaurantes. O que faz o Jacaré mesmo após 23 anos ser tão disputado pela clientela?

MS: Uma porção de coisas. O ponto, que é muito bom. A qualidade da comida, que é excelente. As reformas que eu faço constantemente adaptando o local para deixar os clientes mais confortáveis. Eles percebem que estão gastando dinheiro aqui, mas que estão recebendo melhorias em troca, cadeiras mais confortáveis, banheiros limpos, televisores para assistirem futebol. O atendimento também é muito bom. Esse é o diferencial do Jacaré. O atendimento, uma boa comida e o cliente sempre satisfeito.

J: O local também é bastante perigoso. Os frequentes arrastões a bares na Vila te preocupam?

MS: Não, não me preocupam pois a Polícia Militar nos orientou; bares abertos e envidraçados com fatores como mesas na calçada, como o Jacaré, são mais difíceis de serem assaltados do que bares pequenos com uma porta só. Nestes é possível entrar e fechar o local. Também trabalhamos com uma empresa de segurança 24 horas por dia então é bem improvável que algo aconteça por aqui.

J: Apesar de ser convocado todos os anos você não venceu nenhuma vez o “Comida de Boteco”. Que pontos você acha que precisam melhorar em seu estabelecimento para finalmente vencer o prêmio?

MS: Eu acho o “Comida de Boteco” um projeto mal organizado, porque ele mistura restaurantes japoneses, restaurantes mexicanos, restaurantes vegetarianos, nordestinos, os de comida típica brasileira e Bistrôs... Então o critério da montagem do evento é complicado. Portanto fica difícil saber o que os jurados querem. O que fazer para ganhar. Como será a avaliação. Eu acho o ponto de julgamento falho. O fato do juiz visitar o local. E é por isso que esse ano eu não quis participar. Não por nunca ter ganho, mas porque eu acho a organização falha. Acho que o prêmio é direcionado para alguém que realmente não mereceu.

J: Como é que você se inspirou ao dar o nome de Jacaré para o restaurante?

MS: Jacaré já era o meu apelido desde que eu nasci. Porque meu pai era o primeiro Jacaré. Meu pai virou Jacaré, quando tinha 6 anos de idade, porque ele cabulava aula no colégio onde estudava aqui na Vila Madalena. Ele fugia para o rio Pinheiros, que era limpo, um lugar onde todo mundo pescava, nadava... Tinha até prainha de areia. Ele ficava o dia inteiro lá no rio. Lá, havia um senhor que pescava e dizia: “Poxa, você parece um jacaré, você não sai do rio, todo dia você está no rio. Seu jacaré, seu jacaré.” E ele virou o Jacaré com seis anos. E eu, quando nasci, virei jacarezinho, Jacaré - estou aqui até hoje.

“Eu nunca imaginei ter um bar na minha vida, foi um acaso da vida que colocou esse bar nas minhas mãos”

A HISTÓRIA DE UMA CRIANÇA COM FOME

Filme conta a história do chef britânico Nigel Slater

Toast, a história de uma criança com fome, é a adaptação cinematográfica do livro biográfico do chef de cozinha britânico Nigel Slater, que conta como ele chegou às cozinhas.

Desde pequeno, Nigel (interpretado por Oscar Kennedy) se apaixonou por comida, em virtude da falta de talento da sua mãe (interpretada por Victoria Hamilton) no fogão. Até os nove anos, nunca havia comido nada que não fosse proveniente de uma lata. A dieta alternativa é justamente torradas, o que inspira o nome do livro e filme.

A relação de Nigel com seu pai (interpretado por Ken Stott) nunca tinha sido muito boa, ele reprimia a afeição do filho pela culinária e os dois não tinham nenhuma proximidade. Tal relação só piora quando a mãe morre de asma.

A dieta também não muda muito, em vista que o pai também não cozinhava, até que este contrata uma faxineira. A extravagante Srta. Potter (interpretada por Helena Bonham Carter) é uma excelente cozinheira e começa a conquistar o coração do Sr. Slater da maneira como se conquista o coração de um homem, pelo estômago.

Apesar da faxineira, rapidamente, conquistar o pai de Nigel, ele não a tolera e tudo só piora quando os três se mudam para o campo e ela torna-se sua madras-ta.

Quando mais velho (interpretado por Freddie Highmore), Nigel finalmente vai às cozinhas, ingressando nas aulas de economia doméstica e trabalhando num restaurante. É assim que começa a batalha culinária entre ele e Helena pela atenção do Sr. Slater.

Nigel até se sai muito bem, deixando Srta. Potter com um pouquinho de inveja, porém ele não consegue superar seu

merengue de limão, o favorito do pai.

Nigel passa noites em claro tentando descobrir a receita e aperfeiçoá-la e quando finalmente atinge a meta, mal consegue mostrar o resultado ao “juiz” da batalha. O pai de Nigel morre de ataque cardíaco de tanto comer.

Cheio de drama, o filme apresenta pontas cômicas, principalmente quando Helena Bonham Carter entra em cena. Suas expressões singulares e o jeito vulgar não exagerado de sua personagem levam os telespectadores aos risos. Freddie Highmore também está ótimo no papel, o “Charlie” da Fantástica Fábrica de Chocolate (versão Tim Burton) demonstra maturidade, deixando o público com vontade de vê-lo mais em cena. O próprio Nigel Slater aparece brevemente no filme, comendo uma torrada (risos). O ator estreado Oscar Kennedy também traz à vida com qualidade o pequeno Nigel.

O filme começa um pouco lento, mas a chapa realmente esquenta quando a batalha culinária começa.

O final inesperado nos deixa uma útil mensagem: precisamos ter coragem para tomar atitudes na vida.

A trilha sonora, que conta com If you go away (de Ne Me Quitte Pas) como música tema, não é muito boa, só acrescenta mais drama ao

filme, mas combina com sua época (1960).

Toast foi filmado em 2010, estreando primeiro na TV e só chegando aos cinemas em agosto de 2011. Ganhou um prêmio no Festival Internacional de Berlim no mesmo ano.

Extremamente bem dirigido por S.J. Clarkson, Toast ganha nossa recomendação. O filme é de dar água na boca (ou nos olhos), a história de Nigel Slater é tanto comovente quanto inspiradora.

“A história de Nigel Slater é tanto comovente quanto inspiradora”



UM VERDADEIRO GELATO

Atuando como uma “representante” do sorvete italiano no Brasil, a Bacio di Latte apresenta 30 sabores deliciosos

Distribuída em seis lojas na metrópole, (Moema, JK Iguatemi, Vila Madalena, Morumbi, Bela Cintra e Oscar Freire), a Bacio di Latte está sempre cheia, com filas que vão de cinco minutos até meia hora, dependendo do dia e hora, embora alguns digam que seja um preço a se pagar pela textura e variedade dos sabores, que são consideráveis.

Os sabores de creme e chocolate são feitos à base de leite integral fresco e creme de leite, dando incrível maciez e cremosidade à massa. Já os de fruta são feitas à base de água e açúcar orgânico, montados como um sorbet, mas mantendo a mesma textura que os outros.

Não há uso de conservantes, e os ingredientes são todos naturais e de alta qualidade, porém, isso faz com que o público seja um tanto seletivo, pois o preço torna-se alto: um pote de 100g custa R\$ 8,00; 130g custa

R\$10,00 e 160 g, R\$ 12,00.

Entretanto, os preços são justificados a partir do ótimo atendimento, já que os atendentes são pacientes e bem instruídos, sabem responder aos questionamentos dos clientes. Inclusive, sabem indicar os melhores sabores e combinações, além de dar amostras.

Essa combinação de fatores faz a Bacio di Latte imperdível. Todos os que provam garantem que vale a pena enfrentar a fila e os altos preços.



Sabores pistache, Bacio di Latte e Chocolate

CLIENTE OCULTO: QUEM REALMENTE FAZ O RESTAURANTE

“Eu avalio quase todos os tipos de restaurantes”

Você já pensou em ser pago para comer? Há três anos, esse é o trabalho de Fabio Iguelka. Na verdade, ele não faz só isso, ele é um cliente oculto, uma pessoa que vai aos restaurantes parecendo um cliente normal, mas avalia o serviço, a comida, o ambiente. Depois do serviço feito, conta ao dono do restaurante, para ele saber o que melhorar no seu estabelecimento.

Jornal: Sabemos que esse tipo de trabalho não é muito comum. Como começou?

Fabio Iguelka: Uma amiga minha montou essa empresa, chamada OnYou, e ela precisava de voluntários. Como eu me interessei pela ideia, comecei a trabalhar com isso.

“Eu acho que a pior característica de um restaurante é um atendimento ruim”

J: Você se prepara antes de ir aos restaurantes? O que você faz?

F.I.: Eu me preparo muito. Eu tenho um questionário de mais ou menos cinco páginas com vários itens que eu preciso observar, então antes de ir ao restaurante eu leio todo o questionário e tento memorizar a maioria, pois como o cliente é oculto, eu não posso mostrar esse questionário.

J: É preciso ser discreto, pois o objetivo é parecer um cliente comum. Como você faz para avaliar precisamente sem ser descoberto?

F.I.: Como eu não posso ser descoberto, não dá para anotar nada, eu tenho que memorizar tudo, desde nome de quem me atendeu, como estão vestidos, a comida, o ambiente. Às vezes eu anoto alguma informação no celular, mas a maioria eu tenho que decorar.

J: Você já foi descoberto alguma vez?

F.I. Não, mas eu acho que, uma vez, já desconfiaram. O garçom passou a me atender muito melhor que as outras mesas, respondendo tudo de forma muito completa e passando meus pedidos na frente.

J: Para poder avaliar de forma coerente, o seu perfil deve ser compatível com o do cliente típico do lugar. Que tipo de restaurantes você costuma avaliar?

F.I.: Na verdade, eu avalio quase todos os tipos de estabelecimentos: lanchonete, restaurante japonês, churrascaria etc... Principalmente porque eu trabalho com restaurantes também em outras situações.

J: Alguma vez você já se deparou com um lugar fora de condições? Como você fez para contar ao dono o estado de seu estabelecimento?

F.I.: Sim, uma vez. O restaurante era novo, e estava muito desorganizado, com o atendimento muito confuso, até a comida estava sem qualidade. Mas eu não conto ao dono pessoalmente, eu preencho aquele formulário e a empresa envia ao dono.

J: Existem restaurantes destinados a grupos mais específicos que outros, como para família. Você já levou sua família para avaliar um restaurante? Você faz alguma preparação com eles? Funciona?

F.I.: Já fui várias vezes, quando o restaurante é destinado à família não tem como eu ir sozinho. Já fui só com a minha esposa ou, às vezes, todo mundo, e todos ajudam a avaliar. Eu faço uma preparação, mas é mais uma conversa para avisar para se comportar, não perguntar nada estranho para o garçom ou ficar cochichando – costuma funcionar bem, tem sempre bons resultados.

J: As empresas dessa área costumam oferecer cursos preparatórios antes de deixar os clientes ocultos trabalharem. Você passou por algum?

F.I.: Não, eu não, porque quando eu comecei a empresa era muito nova e não tinha estrutura suficiente para oferecer cursos, mas atualmente existe essa possibilidade.

J: O dono sabe quem é que vai visitar o restaurante, e que dia ou que horário que vai?

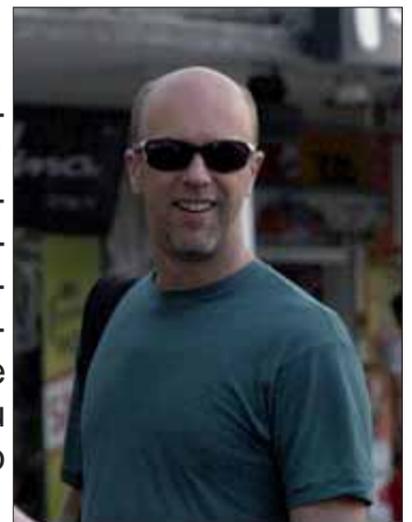
F.I.: Não, nem a identidade da pessoa nem a hora, mas ele pode pedir se quer avaliar o horário de almoço, fim de semana, jantar etc... e o que ele quer que seja avaliado (serviço, qualidade da comida etc...)

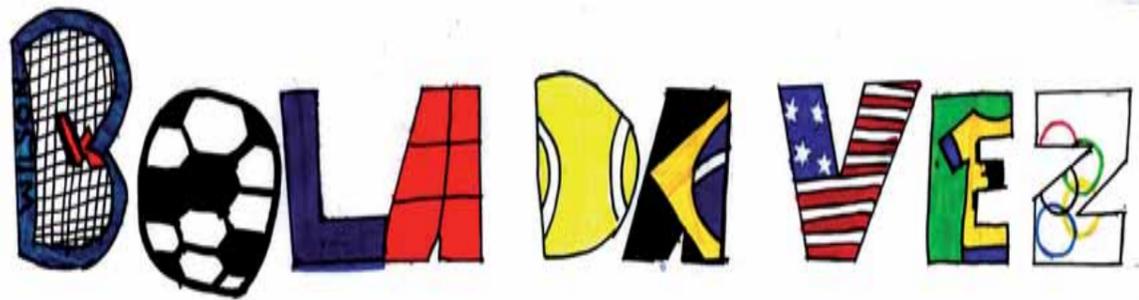
J: Para você, qual é a pior característica que um restaurante pode ter? O que marca positivamente sua impressão do restaurante?

F.I.: Eu acho que a pior característica de um restaurante é um atendimento ruim, se o garçom não sabe como se relacionar. E a melhor característica é uma boa recepção, se te conduzem imediatamente para uma mesa. Se tiver espera, dizer quanto tempo vai demorar.

J: Para você, qual é a melhor parte desse trabalho?

F.I.: É uma boa oportunidade para conhecer restaurantes novos, que podem ser bons para ir depois, mas principalmente comer de graça, já que eu sou reembolsado pelo que eu gasto.





MUNDIAIS NO BRASIL

O Brasil receberá a Copa das Confederações e a Copa do Mundo

A Copa das Confederações é um torneio internacional, onde cada continente tem um representante. Além desses, se classifica o país que sediará o campeonato e a atual Campeã mundial, no caso, o Brasil e a Espanha.

Seis cidades foram selecionadas para receber os jogos da Copa das Confederações. As cidade e seus estádios são: Brasília (Mané Garrincha), Rio de Janeiro (Maracanã), Recife (Arena Pernambuco), Belo Horizonte (Mineirão), Fortaleza (Castelão) e Salvador (Arena Fonte Nova). As equipes que participarão são, do grupo A: Brasil, Japão, Itália e México. No grupo B: Espanha, Taiti, Uruguai e Nigéria.

Estádios

O estádio Mané Garrincha, em Brasília, que receberá a abertura da Copa das Confederações, tem capacidade para 72 mil pessoas e teve aproximadamente o custo de 1 bilhão de reais. Ele receberá apenas o jogo de abertura entre Brasil e Japão (15/06).

O estádio Mineirão, em Belo Horizonte, receberá os jogos entre Taiti X Nigéria (17/06) e Japão X México (22/06), além de uma das semifinais (26/06). Esse estádio, que foi reformado, custou aproximadamente 696 milhões de reais, e tem a capacidade para, aproximadamente, 62 mil pessoas.

Reformado, o estádio Castelão, em Fortaleza, receberá o jogo entre Brasil X México (19/06) e Nigéria X Espanha (23/06), além desses, ainda receberá uma semifinal (27/06). Esse estádio suporta 64 mil pessoas, e custou, aproximadamente, 518,6 milhões de reais.

A Arena Pernambuco, em Recife, receberá os seguintes jogos: Espanha X Uruguai (16/06), Itália X Japão (19/06) e Uruguai X Taiti (23/06). A Arena Pernambuco suporta 46 mil torcedores e custou aproximadamente 529,5 milhões de reais.

O tradicional Maracanã, localizado no Rio de Janeiro, receberá os seguintes jogos: a final (30/06), México X Itália (16/06) e Espanha X Taiti (20/06). Tem capacidade para 78 mil pessoas e custou aproximadamente 1,2 bilhões de reais. A Arena Fonte Nova, em Salvador, receberá os jogos Nigéria X Uruguai (20/06) e Brasil X Itália (22/06), além

desses, receberá a disputa pelo terceiro lugar (30/06).



Novo estádio do Maracanã, Rio de Janeiro

Seleção brasileira

O Brasil realizou diversos amistosos preparatórios, com Luiz Felipe Scolari no comando. Ele dirigiu a equipe nos seguintes jogos: Inglaterra 2X1 Brasil, Bolívia 0X4 Brasil, Brasil 1X1 Chile, Itália 2X2 Brasil, Brasil 2X2 Inglaterra, Brasil 3X0 França e Rússia 1X1 Brasil.



Seleção brasileira reunida antes do jogo

Os jogadores convocados por Luiz Felipe Scolari (Felipão) para disputar a Copa das Confederações foram: Goleiros: Júlio Cesar (QPR), Diego Cavalieri (FLU) e Jefferson (BOT). Laterais: Daniel Alves (BAR), Marcelo (RMA), Felipe Luís (ATM) e Jean (FLU). Zagueiros: Tiago Silva (PSG), David Luiz (CHE), Dante (BAY) e Rever (CAM). Volantes: Hernanes (LAZ), Fernando (GRE), Luís Gustavo (BAY) e Paulinho (COR). Meio-campo: Jádson (SPO), Oscar (CHE). Atacantes: Hulk (Zen), Fred (FLU), Neymar (BAR), Jô (CAM), Lucas (PSG) e Bernard (CAM).

Copa do Mundo

Para participar da Copa do Mundo, as seleções competem em um torneio chamado Eliminatórias da Copa, cada continente disputa um campeonato para conseguir se classificar. Na Europa, 13 times se classificam; na África, são 5 vagas disponíveis; na América do Sul, 5

equipes se classificam, incluindo o Brasil, por ser o país sede da Copa; na Ásia, são 4 vagas abertas; na América do Norte, Central e Caribe, são 3 vagas. A Oceania é a única confederação que não possui vaga garantida.

As cidades-sedes da Copa do Mundo serão: São Paulo (Arena Corinthians), Rio de Janeiro (Maracanã), Brasília (Mané Garrincha), Belo Horizonte (Mineirão), Porto Alegre (Beira-Rio), Cuiabá (Arena Pantanal), Curitiba (Arena da Baixada), Fortaleza (Castelão), Manaus (Arena Amazônia), Natal (Arena das Dunas), Recife (Arena Pernambuco) e Salvador (Arena Fonte Nova).

A FIFA exige que os estádios que receberão a Copa tenham pelo menos capacidade para 40 mil torcedores e o estádio da abertura deverá ter, no mínimo, 60 mil assentos e, no de encerramento, mais de 80 mil lugares. Ela também exige cadeiras numeradas individuais com o encosto de 30cm de altura. Banheiros limpos, corredores de entrada e saída largas e também ordena que possua tribuna de imprensa bem equipadas. Também é preciso disponibilizar hospitais e estacionamentos próximos aos estádios.

O prazo final para as obras foi para o dia 31 de dezembro de 2012.

Apenas 3 estádios ficaram prontos no prazo atribuído pela FIFA: Castelão (Fortaleza), Mineirão (Belo Horizonte) e Arena Fonte Nova (Salvador). A FIFA teria prometido que 31 de dezembro de 2012 seria o prazo final para a entrega dos estádios, mas como o objetivo não foi cumprido, a Federação Internacional de Futebol Associado prolongou o prazo para 15 de abril de 2013.



Slogan da Copa das Confederações FIFA 2013

ÍDOLO BRASILEIRO DÁ ADEUS AO SANTOS

Após 228 jogos, com 138 gols marcados e seis títulos conquistados, o camisa 11 do Peixe deixa o clube

Após permanecer 9 anos gloriosos no time da Villa Belmiro, Neymar da Silva Santos Jr., recebeu propostas dos gigantes times espanhóis, Barcelona e Real Madri, que foram sonhos de infância do menino.



Neymar na infância

O craque santista chegou às categorias de base do clube aos 11 anos, 2003, e desde então foi considerado muito habilidoso. Com o passar do tempo, ele fez testes em clubes incluindo o Real Madri, onde foi aprovado, porém o clube da baixada santista fez questão de pagar R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) para que o garoto ficasse.

CARREIRA

Aos 17 anos de idade, Neymar estreou pelo time profissional do Santos, no dia 17 de março de 2009 diante do Oeste de Itápolis pelo campeonato paulista no Pacaembu. Tido como promessa no futebol brasileiro, o craque santista não decepcionou, pois após uma semana de sua estreia, marcou seu primeiro gol no profissional contra o Mogi Mirim. Com grandes atuações, o garoto cresceu no futebol e levou o Peixe para as finais do paulista, eliminando o Palmeiras.

Com a chegada de Dorival Júnior e do atacante Robinho, arrancaram de Neymar seu melhor futebol, o auge de sua carreira. Ao lado de seu amigo Paulo Henrique Ganso, o trio santista levou o clube praiano a praticar seu melhor futebol, uma equipe extremamente ofensiva que recebeu o nome de Meninos Da Vila.

O primeiro semestre de 2010 foi totalmente santista, pois faturaram um campeonato paulista com show dos meninos da vila. Conquistaram também a Copa do Brasil, com grande goleadas como 10 X 0, no Narvilense e, 9X 1, no Ituano. Os espetáculos feitos por Ganso e Neymar protagonizaram a grande pressão para a convocação da dupla para o mundial na África do Sul, porém o ex-técnico da seleção Dunga ignorou os pedidos. Quando o Brasil foi eliminado da Copa do mundo, surgiram várias críticas ao treinador por não ter convocado os craques santistas. Dessa forma, só conseguiu uma chance já no cargo de Mano Menezes, em agosto, contra os Estados Unidos.

O ano de 2011 foi dominado pelo time Alvinegro, onde conquistaram o paulista e a Libertadores da América. O Santos voltou a se destacar no cenário internacional, depois de 48 anos, graças as atuações incríveis de seu camisa 11. Com isso, o time da baixada santista foi ao mundial de clubes da FIFA e se classificou para a final após uma vitória fácil diante do Kashuua e com um golaço de seu menino de ouro. Já na final, com o gigante Barcelona, o time santista foi derrotado facilmente, com uma brilhante partida de Lionel



Neymar na Libertadores

Messi.

Superando a derrota no mundial, Neymar se consagrava mais ainda pelo prêmio Puska de gol mais bonito do planeta, feito contra o Flamengo, no Brasileirão, apesar da derrota.

Agora, em 2012, não houve só alegria no centésimo aniversário do clube, o menino de ouro santista não foi capaz de erguer novamente a taça libertadores. Porém, nesse mesmo ano, ganhou a recopa, seu último título pelo Santos.

CONTRATAÇÕES

No ano de 2013, não há nada mais relevante para se falar do que a negociação do craque santista com o gigante Barcelona. Porém, não era só ele que estava interessado no jogador brasileiro. O empresário do garoto, Wagner Ribeiro expôs sete clubes que demonstravam interesse no jogador: “eram dois da Inglaterra, um da Alemanha, dois da Espanha, um da Itália e até um da Arábia”. Mas, os mais cotados eram os rivais espanhóis Real Madrid e Barcelona.

O Santos informou, no dia 31/5/13, que iria escolher seu destino. O valor do negócio não foi divulgado, mas estava em cerca de 65 a 74 milhões de reais.

O último jogo de Neymar na Vila Belmiro teve apenas 4758 pagantes, porém o camisa 11 faria ainda um último jogo pelo campeonato brasileiro, contra o Flamengo, no Estádio Nacional de Brasília, Mané Garrincha. O clube praiano despede de seu maior jogador após era-Pelé. Ele divulgou sua saída numa foto em uma rede social (Instagram), escrevendo: “Galera!! Estou reunido aqui com amigos e familiares e eles me ajudaram a escrever algumas coisas

aqui... É que não vou aguentar até segunda-feira... Minha família e meus amigos já sabem minha decisão. Segunda-feira, assino contrato com o Barcelona. Quero agradecer aos torcedores do Santos por esses 9 anos incríveis. Meu sentido pelo clube e pela torcida nunca mudará. É eterno! Só um clube como o Santos FC poderia me proporcionar tudo o que vivi fora e dentro de campo. Sou grato a maravilhosa torcida do Peixe, que me apoiou mesmo nos momentos mais difíceis. Títulos, gols, dribles, comemorações e canções que a torcida criou para mim estarão sempre em meu coração... Fiz questão de jogar a partida amanhã (domingo), em Brasília. Quero ter a oportunidade de mais uma vez entrar em campo com o manto e ouvir a torcida gritar meu nome. Como diz o hino: “é um orgulho que nem todos podem ter... “É um momento diferente para mim, triste (despedida) e alegre (novo desafio). Que Deus me abençoe nas minhas escolhas... E estarei sempre em Santos !! #Toiss”, escreveu.

Depois de extrema ansiedade dos torcedores do Santos, do Barcelona e de diversos outros amantes de futebol, Neymar foi apresentado no estádio de seu atual clube, o Camp Nou, no dia 03/06/13, onde foi recepcionado por 56 mil torcedores lotando as arquibancadas. Essa apresentação quebrou o recorde do suéco Zlatan Ibrahimovic, em 2009, na sua chegada ao clube, com aproximadamente 50 mil torcedores. Ao responder algumas perguntas da repórter, Neymar disse as seguintes palavras: “Boa tarde a todos. Sinto-me muito feliz, pensei toda a vida no Barça e agora realizo o meu sonho. Estou emocionado, muito feliz. Estou muito feliz. Quero ajudar. Estou realizando um sonho de estar em mais que um clube. Chego para ajudar Messi a continuar sendo o melhor jogador do mundo. Visca el Barça!”

Apesar de sua saída, tantos amigos, felicidades, títulos, comemorações, Neymar deixou para o Santos e para o futebol brasileiro uma grande “amostra” de um futebol arte, esperando agora que possa demonstrar todo seu talento no Barcelona.



Apresentação de Neymar no Barcelona

“APESAR DAS DIFICULDADES...”

Denis de Souza, jogador de vôlei, superou vários obstáculos ao longo de sua carreira, mas continuou jogando

Denis de Souza, é um jovem jogador de vôlei que recebeu uma proposta para jogar no clube americano Scorpions Volleyball Club. Apesar de diversas contusões, ele vem se esforçando cada vez mais para se recuperar e chegar a seleção brasileira.

Jornal: Denis, você é um jovem habilidoso jogador de vôlei. Atualmente, está jogando em algum time?

Denis de Souza: Sim, estou jogando no Anhanguera, Federação Universitária. Participando da Liga Universitária, como bolsista, há 2 anos.

“Eu me tornei líbero contra a minha vontade.”

J: Você recebeu uma proposta por um time dos Estados Unidos, Texas. Essa mudança o tornaria um jogador mais experiente?

D: Claro, sempre quando é uma proposta internacional, tende a acrescentar bastante no currículo. Técnicas diferentes, novas culturas, você vai se aprimorando cada vez mais. Nosso time vai jogar o torneio Nationals, na Rússia, como se fosse a Super Liga brasileira.

J: Você já teve uma contusão muito séria no joelho. Isso o prejudicou muito na sua carreira?

D: É complicado. Lesão é sempre complicado, em termos psicológicos e físicos. Você fica bastante abalado. Para quem é atleta, está sempre em quadra, sempre treinando, sempre viajando é muito ruim. Por exemplo, minha última lesão foi no tornozelo: rompi três ligamentos. Eu assistia pela televisão o meu time jogando a Super Liga. Eu ficava muito aflito, porque queria estar em quadra, ajudando os meus companheiros, mas não podia.

J: Você não é muito alto em relação aos outros atletas. Acha que essa foi a sua maior dificuldade para se tornar um profissional?

D: Sim, a altura influencia bastante, porém você tem que se destacar de alguma maneira. No meu caso, saltando bem. Desde os quinze anos de idade até o sub-21, que é o juvenil, eu era atacante de ponta, apesar da altura de um metro e setenta e seis, eu alcançava três metros e dezenove saltando; uma impulsão boa compensava a altura baixa. Mas quando eu subi para o adulto, enfrentando atletas de dois metros e dezessete, tive que virar líbero. Então tive que compensar a altura na defesa, no passe e na parte técnica.

J: Em contrapartida, sua posição é a de líbero, que exige agilidade e

não é preciso ser alto. Acha que, por ser menor, beneficiou-se dessa característica?

D: Sim, com certeza. Na verdade, eu me tornei líbero contra a minha vontade. Não tinha mais como ser atacante, então eu comecei a treinar de líbero. Por ser líbero, sendo mais baixo, você está mais perto do chão. Pessoas mais altas têm menos coordenação motora e menos agilidade. Já as pessoas menores têm mais agilidade e são mais rápidas, portanto conseguem se deslocar com mais facilidade.

J: Como profissional, se espelha em algum jogador para se empolgar ou melhorar o seu desempenho?

D: Sim, bastante gente. Ricardinho, Bernardo, Camila, Peixoto, são atletas que eu me espelho bastante. Às vezes, vejo diferentes maneiras de defender e tento colocá-las em prática. É dessa forma que eu consigo aprimorar minhas técnicas.

J: O estilo de jogo americano é completamente diferente do brasileiro. Acha que seria uma dificuldade se adaptar a essa mudança?

D: Sim, a fase internacional é bem complicada. Por isso, sempre quando vamos jogar, nós viajamos sempre mais de um mês antes do início dos treinos fora do país, para se adaptar ao clima, aos costumes etc. Nós vamos jogar um campeonato em Moscou, na Rússia. O clima do verão de Moscou é bem parecido com o do Brasil, mas na Sibéria, a temperatura no inverno pode chegar a -42°C, isso é comum lá. Na Rússia, existem regras e técnicas diferentes, e isso eu devo me adaptar.

J: Na sua opinião, quais são as suas vantagens e seus defeitos?

D: As vantagens são a minha determinação e muito esforço no treino. Eu sempre treinei 110%. Pela altura, eu sempre fui instruído desde 14 anos (minha primeira Federação) a desempenhar algo a mais, já que eu não sou muito alto. Então eu sempre treinei mais defesa do que todo mundo, mais impulsão, mais treino físico, tanto que consegui alcançar uma altura quase surreal: 3,19m para um atleta de 1,76m. O meu principal defeito é não saber perder. Às vezes, quando jogamos contra um time inferior ao nosso e perdemos, eu perco a cabeça. Isso me deixa muito chateado. Eu não gosto de perder e

não quero que isso aconteça a custo nenhum. Uma vez, eu tomei uma bronca do psicólogo, porque eu não queria receber a medalha de prata. Eu prefiro ganhar a disputa de 3º lugar, do que perder a final.

J: Qual é o título que você ganhou que considera o mais importante?

D: Acho que são dois. Um que foi mais importante em termos de classificação de vôlei, que foi o Pré-Olímpico; o outro foi o Grand Prix, que ficamos em 3º lugar. Apesar do Pré-Olímpico ser menos importante que o Grand Prix, foi o título que me marcou mais, porque foi a minha primeira vez como capitão, foi o meu primeiro campeonato televisionado, foi a 1ª vez em que eu dei um autógrafo na minha vida. Mas em termos técnicos, o campeonato mais importante que eu ganhei foi o Grand Prix.

J: Quais são as suas metas como profissional? Sonha com a seleção brasileira?

D: Com certeza. Todo atleta que disputa uma competição profissional sonha com a seleção. Eu já fui convocado para a seleção, no juvenil. Mas não cheguei a jogar, como titular. No final da seletiva, não acabei sendo selecionado para os torneios internacionais. Mas quem sabe mais para frente; nunca se sabe o dia de amanhã.



Denis de Souza, jogador de vôlei

“FOI MUITO DIFÍCIL NO COMEÇO PAGAR O PÃO DE CADA DIA”

Leo Miranda pensa em ganhar a superliga de vôlei



Leonardo Miranda, ponteiro do SESI-SP, contou um pouco sobre sua carreira. Falou sobre as dificuldades encontradas para conseguir se tornar um jogador profissional de vôlei, sua trágica saída do Cruzeiro, onde ganhou duas temporadas. Foi considerado melhor jogador. Ainda, revelou o que pretende fazer para essa nova temporada.

Jornal: Sabemos que você iniciou sua carreira no time Méritos, de Contagem. Você passou por muitas dificuldades para chegar onde está hoje?

Leonardo Miranda: Passei por muitas dificuldades, principalmente financeira, não tinha estrutura, muito difícil no começo pagar o pão de cada dia, difícil conseguir lugar para jogar vôlei.

J: Quando você começou a praticar o voleibol? Além do vôlei, você pratica algum outro esporte?

LM: Comecei a praticar em 1999, com 17 anos. A partir daí, gostei muito do esporte e quis praticar profissionalmente. Nas férias, gosto de jogar futebol.

J: Gostaríamos de relembrar daquelas excelentes temporadas no Cruzeiro, em 2008 e 2009. Você considera a melhor fase de sua

vida como profissional?

LM: Acho que sim. Um momento muito feliz como atleta, momento em que me concentrava bastante no vôlei.

J: Sabemos também, da sua saída do Cruzeiro. Por que você optou pelo SESI? Foi por questões financeiras?

LM: Todo atleta, sempre vai para onde pode ser melhor beneficiado, onde pagar mais para ele jogar. Na televisão você vê os jogadores falando de “amor ao clube”, isso não existe, ele vai para onde pagarem mais.

J: Você acha que foi justo a vitória do Cruzeiro sobre o SESI na superliga?

LM: Individualmente, nós estávamos bem melhor do que eles, nosso time na parte individual estava mais forte do que o deles. Porém, o vôlei é um esporte muito coletivo, todos devem estar bem e bem entrosados, e foi esse o ponto forte deles. Coletivamente, eles estavam melhores, mais compactos e por isso conseguiram a vitória sobre o nosso time.

J: Léo, sabemos que a comissão técnica inteira foi mandada embora. Como está o clima no grupo?

LM: O clima ficou ruim. Realmente estava ruim. Muitos jogadores ficaram surpresos com isso, muitos não renovaram contrato, preocupando o clube, alguns deles como Murilo e Cidão.

J: Você está em fase de recuperação de uma lesão, você acha que, após recuperado, na próxima temporada, terá sucesso?

LM: Infelizmente tive essa lesão, que limita muito a rotina do jogador, tanto como profissional como na vida pessoal. Porém já fiz a cirurgia, foi muito bem sucedida e acredito que estou me recuperando bem. Vou fazer o possível para realizar uma boa tempo-

rada pelo meu clube.

J: Vida de atleta não é fácil, tem que viajar semana sim, semana não pelo Brasil e até pela própria cidade. Considerando também o seu relacionamento com a sua namorada, isso causa certo stress?

LM: Eu e ela nunca tivemos esse problema (risos). Está sendo tranquilo, ela também gosta bastante de vôlei, e nós temos uma vida tranquila nesse sentido.

J: Considerando esse fato de viagens e treinos intensos, como sua namorada encara sua ausência nos períodos de competição?

LM: Está tudo muito bem também, ela nunca teve nenhum problema com a minha carreira, sempre foi bem compreensiva com isso.

J: Sabemos que você gosta muito do que faz, sua namorada também gosta de praticar esportes?

LM: Sim, ela chegou a jogar vôlei profissionalmente, porém em um clube menor, o XV de Piracicaba. Mas, ela sofreu uma lesão no quadril e agora não joga mais.

J: Você ainda sonha em ser convocado para seleção brasileira de vôlei?

LM: Acho que o sonho de todo jogador profissional é chegar a seleção brasileira. Acredito muito que posso ser convocado, é claro, com muita dedicação.

J: Vida de atleta é repleta de sonhos, o mais importante para você é ganhar algum título específico ou encerrar a carreira em algum time querido?

LM: Não tenho muita preferência por nenhum clube, pelo menos não por enquanto, mas eu gostaria bastante de poder ser campeão novamente da superliga, tirando isso acho que não tenho nada de tanta importância.

“Na televisão você vê os jogadores falando de “amor ao clube”, isso não existe, ele vai para onde pagarem mais”

MAIS QUE UM NÚMERO, UMA HISTÓRIA

O filme 42 mostra a história de uma lenda dos Estados Unidos

O esporte não representa apenas um jogo, representa uma luta, onde qualquer pessoa pode provar do que é capaz. O filme “42, A História de uma lenda”, demonstra perfeitamente esse ato. Jackie Robinson foi o primeiro jogador negro a jogar em uma grande equipe de beisebol.

Ao receber a notícia que iria jogar em um afilhado da equipe do Brooklyn Dodgers, Jackie recebeu diversas ofensas, como na cena em que o técnico do time adversário o humilha ao chamá-lo de macaco, e outros xingamentos, e ameaças de morte ordenando-o para deixar de jogar beisebol.

Após um ano jogando no Montreal, Branch Rickey (dono do time) o recrutou para a equipe principal dos Dodgers. Em seu primeiro ano, Jackie levou seu time à final da liga, ven-

cendo não só jogos, mas também a luta contra o racismo.

Apesar do filme ser bem dirigido e ter uma boa trilha sonora, já que retrata a época dos anos 40 (data em que ocorreu o acontecimento) pode-se dizer que nas cenas de certos jogos, ultrapassa os limites de veracidade, quando, por exemplo, em sua primeira partida, Robinson consegue roubar uma base, uma jogada muito rara e difícil de acontecer.

O número 42 foi aposentado em todos os times e todo ano, por um dia, apelidado de Jackie Robinson Day (15 de maio), todos os jogadores de todos os times usam o número 42 para homenagear um ídolo, não só do esporte, mas de uma nação.



DAVID BECKHAM: A TRAJETÓRIA

Aos 38 anos, o jogador de futebol deixa os campos



David Robert Joseph Beckham, um famoso jogador de futebol, nasceu no dia 2 de maio de 1975, em Leytonstone, Inglaterra. Beckham fez seu primeiro jogo profissional no Manchester United, em seu país natal.

O grande e experiente jogador tomou uma decisão inesperada: astro do futebol anunciou sua aposentadoria no dia 16 de maio de 2013. Ele comunicou à imprensa que é grato ao Paris Saint-Germain pela oportunidade de continuar, porém esta seria a melhor hora de encerrar sua carreira.

O jogador relatou que realizou todos os seus sonhos e está feliz pela decisão.

Carreira

Beckham passou por vários clubes durante sua carreira futebolística, entre eles, grandes times como: Manchester United, Real Madrid, Milan, Los Angeles Galaxy e Paris Saint-Germain.

Ao longo de sua carreira, ele conquistou muitos títulos pelos clubes em que passou. David tem uma

vasta lista de conquistas, sendo elas: um Mundial de Clubes (1999), uma Liga dos Campeões (1998/1999), seis títulos ingleses (1995/96, 1996/97, 1998/99, 1999/00, 2000/01, 2002/03), um título espanhol (2006/07), um título francês (2012/13), além de nove copas nacionais vencidas na Inglaterra, Espanha e Estados Unidos. Além de todos esses títulos, ele foi eleito duas vezes como 2º melhor jogador do mundo pela FIFA em 1999 e 2003.

Fim de Carreira

O inglês se aposentou sendo o jogador mais rico em atividade. O britânico tem uma fortuna estimada em 612,5 milhões de reais.

Seu último clube foi o Paris Saint-Germain. "Sou sortudo de ter realizado esse sonho e nada irá substituir jogar o esporte que amo. Sinto que estou animado com o que está por vir", diz Beckham em uma entrevista coletiva.

Vida Pessoal

Em 4 de junho de 1999, o atleta David Beckham casou-se com Victória Beckham, a ex-Spice Girl (a

cerimônia foi estimada em 500 mil libras).

O casal Victória e David tiveram quatro filhos, entre eles: Brooklyn, Romeo, Cruz, Harper. A família Beckham mudou-se para uma mansão em 2007 em Beverly Hills, entre seus vizinhos está o casal Tom Cruise e Katie Holmes.

Com certeza, os planos de David estarão relacionados ao esporte, já que sua paixão pelo futebol é muito grande. Assim o bonito e famoso jogador fecha com chave de ouro sua profissão, contendo vários conquistas, e iniciará uma nova fase em sua vida.



David Beckham e sua família

UM FILME FORA DA LEI

Lançado em 2005, a maior parte do filme se passa na cadeia

Como protagonista do filme Golpe Baixo, Adam Sandler interpreta Paul Crewe, um ex jogador de futebol americano, que foi expulso da NFL (National Football League) por fraudar um jogo, acabando na prisão. O presidente do presidiário obriga os presos a formarem um grupo de futebol americano. Esse grupo iria jogar contra os guardas. O "time" tem apenas quatro semanas para treinar, Paul convence os presos mais fortes e temidos a se juntarem a ele.

Depois de treinados e preparados para o grande dia, os burladores da lei começam o jogo, que consideram ser sem regras. No entanto, quando inicia o intervalo da partida, o diretor do presídio vai falar com o ex-jogador profissional para tentar comprá-lo com pena reduzida na cadeia. Crewe continua jogando bem e dando uma "surra" nos guardas, mas no fim, fica sabendo que ele permanecerá por mais 25 anos no presídio por desacato a autoridade. Com isso, ele se vende durante metade do último tempo do jogo, fingindo dores no joelho. Quando vê seus amigos ficarem desapontados, o quarterback pede tempo e faz um pedido de desculpas e deixa todos emocionados.

Embora o final do filme seja muito previsível, o longa apresenta um bom enredo, já que mostra pessoas desonestas se tornarem honestas e leais, a partir de um simples jogo entre presidiários e os guardas, onde a amizade prevalece forte entre os presos.

Muitos dos filmes de Adam Sandler são comédias, mas esse filme tem uma moral por trás dessa história, o que desperta uma

atenção maior ao filme. Todavia, algumas partes do filme decepcionam, pois muitas delas são monótonas, tornando-se cansativa.

Se consideramos a mensagem que o longa nos traz, o filme é considerado um exemplo de superação e persistência.



Paul Crewe chegando na prisão

“SEMPRE FUI HUMILDE NA QUADRA”

Laura Saracchi conta sobre sua carreira de tenista

Conversamos com Laura Saracchi, jogadora profissional de tênis que já ganhou vários campeonatos internacionais e nacionais. Aos 12 anos de idade, Laura ganhou o título máximo em um torneio paulista.

Jornal: O tênis sempre foi seu esporte preferido desde criança? Tem algum outro esporte que você se dedique?

Laura Saracchi: O tênis é o único esporte que eu me dediquei e ainda dedico. A partir dos 8 anos, eu já sabia que queria ser profissional e seguir carreira.

J: Laura, sabemos que você ganhou seu primeiro torneio com apenas 12 anos de idade. Você se lembra do nome dessa competição?

LS: O torneio que eu participei chamava-se o Campeonato Paulista de Iniciantes. Foi uma competição de dupla, eu e minha parceira ganhamos o título máximo.

J: Ter sido campeã sul-americana te motivou a continuar com a carreira e participar de mais campeonatos. Como você administra essa sensação em ter sempre que competir?

LS: Fui convidada para competir por clubes aqui em São Paulo, entre eles o clube Pinheiros, mas eu era sócia do clube Alto dos Pinheiros e permaneci lá. No início, não havia profissionais do tênis para dar aulas, então eu jogava com pessoas bem mais velhas que eu, na época. Como existia muito inveja entre as mulheres que jogavam, meus objetivos eram focar no meu jogo, continuar treinando e ser melhor a cada dia.

J: Sabemos que cada conquista tem um gostinho diferente. Você estreou o torneio Banana Bowl, o que você sentiu quando ganhou essa competição? Você esperava ganhar o título máximo?

LS: Todo jogo é uma incógnita, tem dias em que você tem um jogo bom e outros ruins. Com isso, eu não esperava ganhar o título, mas sabia que eu tinha possibilidade de conquistá-lo. Esperava ganhar o título, mas sabia que eu tinha possibilidade de conquistá-lo. Assim sempre fui humilde na quadra, me esforçava e treinava bastante para conseguir chegar ao 1º, 2º, 3º lugares.

J: De todos os jogos que você participou, qual foi a sua maior dificuldade e como a enfrentou?

LS: De todos os torneios que participei, a maior dificuldade foi a pressão durante os jogos, mas eu me concentrava em focar no jogo e

não me importar com os outros. Como meu pai dizia: Mesmo se o papai vier assisti-la, ponha uma cortina na plateia e se concentre no jogo.

J: Ter viajado tanto para competir afetou, de algum modo, sua família e estudos?

LS: Na escola, eu sempre fui uma boa aluna, tirava notas altas, porém faltava em algumas aulas e fazia provas atrasadas pelo fato de competir em outras cidades, estados ou países. Já com a minha família, afetava um pouco já que não era todas as vezes que minha família viajava comigo para me assistir nos jogos.

J: Você continuou a carreira até quando?

LS: Quando fiquei noiva, aos 25 anos, o melhor a se fazer era parar de viajar e competir pois afetaria um pouco nosso casamento, mas como minha paixão pelo tênis era muito grande, resolvi me tornar professora.

J: Hoje em dia você dá aulas para jovens e adultos. O que você sente quando passa seu conhecimento e experiência para seus alunos?

LS: Eu fico muito feliz, pois eu vejo meus e minhas alunos(as) pondo em prática o que eu ensinei, competindo e ganhando torneios do clube.

J: Qual foi o momento que marcou mais em sua vida em relação a esse esporte?

LS: Esse momento aconteceu em uma final de um campeonato brasileiro, em dupla. Eu não sabia que meu pai iria até Porto Alegre, onde estava acontecendo o jogo, para me ver competir. Quando eu o vi, eu quase caí no chão de tanta alegria e emoção, mas eu me concentrei e venci a competição.

J: O que você acha sobre a nova geração tenista? Acha que, com suas técnicas, eles possam ficar cada vez melhores? Qual sua visão sobre isso?

LS: A geração aqui do Brasil está bem atrasada em relação aos outros países. Lá, o curso de tênis é gratuito e tem uma aula bem forte para os alunos se federarem. Enquanto aqui no Brasil, as aulas são pagas e são mais recreativas. Eu já tinha e tenho alunos que competem em torneios, mas as minhas aulas são recreativa, então foi opção dele se federar e competir.



TERCEIRA ESTRELA NO PEITO

Após conquista do tri mundial, São Paulo lança filme sobre o título

Mais uma glória para a torcida são-paulina e para a história do grande soberano. Em 2005, o tricolor paulista tornou-se, pela terceira vez, campeão da Libertadores da América e, consequentemente, foi ao mundial e conquistou mais um troféu para sua nação.

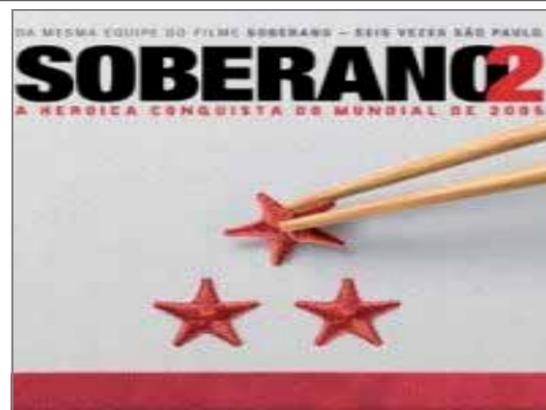
Não só como demonstração de amor ao clube, mas também de determinação, o filme Soberano 2, contado pelos próprios jogadores da época, e dos torcedores são-paulinos que participaram da vitória, contam sobre a heroica conquista do tricolor paulista realizada no Japão.

O filme nos relembra grandes lances das partidas, os bastidores dos jogos e bastidores da viagem, principalmente, com ênfase na final contra o Liverpool, da Inglaterra, que ganhou a Liga dos Campeões e que não perdia a

11 jogos.

Ao longo do filme, pode-se notar a emoção de cada um dos integrantes do clube e da torcida. Todos expressavam uma grande paixão sobre esse título. Porém, há cenas que se repetem e alguns recortes mostram cenas que não têm tanta importância. Isso torna o documentário cansativo.

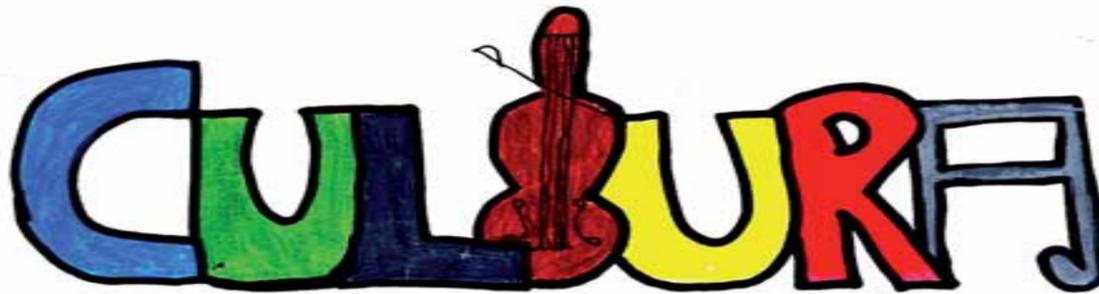
Em contrapartida, a torcida tricolor poderá vibrar e rever uma história marcada por títulos e emoções que ilustram “a jornada” dos atletas no Japão.



Gabriel Ribeiro Magalhães

Giovanna Tito Nastas

Julia Ribeiro Neubauer Silva



Leonardo da Almeida Ramos Vismona

Lucas Moraes Figueiredo

Marcello Ferreira Paim

MUSEU MAIS VISITADO DO MUNDO, LOUVRE, TEM ACERVO COM MAIS DE 380 MIL OBRAS

Ex-sede do governo francês recebeu mais de 12 milhões de visitas em 2012



O Louvre é um dos maiores museus do mundo, com um acervo de 380 mil obras, e o mais visitado (do mundo) em 2012. O palácio onde ele localiza-se já foi a sede do governo monárquico francês. Durante o império de Napoleão Bonaparte foi renomeado para museu Napoleão.

O museu é financiado pelo governo francês, possuindo algumas das obras de arte mais famosas da humanidade, como a Mona Lisa e a Vênus de Milo.

Departamentos do Louvre

Os departamentos de arte mais antiga são os de antiguidades, um do Egito e outro do Oriente Próximo, adquiridos principalmente nas expedições de Napoleão Bonaparte (Egito) e arqueólogos franceses (Oriente Próximo). A arte retirada do Egito se constitui principalmente em amuletos presentes em tumbas e sarcófagos, enquanto a arte do Oriente Próximo é composta principalmente por tapetes.

A seção de pintura é a mais famosa e a mais valorizada do museu, sendo que a maior parte das pinturas são francesas, (cerca de 2/3), mas também possui

importantes obras de pintores de outras nacionalidades, como a Mona Lisa, do italiano Leonardo Da Vinci e o autorretrato do holandês Rembrandt.

O departamento criado mais recentemente é o de arte islâmica, que possui peças de metal, madeira e tapetes, recolhidos do norte da África à península Ibérica.

A seção que engloba o maior período de tempo é a de arte grega romana e Etrusca, que possui peças da arte mediterrânea de todo o período de sua história.

O departamento de esculturas, assim como o de pinturas, possui mais obras francesas.

Os dois últimos departamentos são também os dois menores, que são os de gravuras e desenhos e o de artes decorativas. O de gravuras e desenhos é basicamente a coleção adquirida pela monarquia francesa, enquanto o de artes decorativas inclui também as decorações dos apartamentos de Napoleão III e obras confiscadas da Revolução Francesa.

No dia 10/04/13, os agentes de segurança do museu fizeram uma greve para receber mais ajuda da polícia na segurança do museu em virtude do número crescente de batedores de carteira que agrediam e xingavam os seguranças. Mesmo quando presos, muitas vezes eram soltos e voltavam a furtar os visitantes.

Como o Louvre tem tantas obras tão importantes e tão famosas, é possível perceber a razão de sua imensa fama no mundo da arte.

FAROESTE CABOCLO

A música que virou sucesso das telas do cinema

Foi a partir de brechas na letra de Faroeste Caboclo, composta por Renato Russo e immortalizada pelo grupo Legião Urbana, que os roteiristas Marcos Bernstein, Vitor Atherino e José Carvalho, conseguem finalmente levar essa triste história aos cinemas.

É impossível assistir a esse filme sem lembrar da letra da música, pois a cada ação de João (Fabrício Boliveira) é completamente igual ao que é retratado na música, desde sua saída do sertão até sua morte.

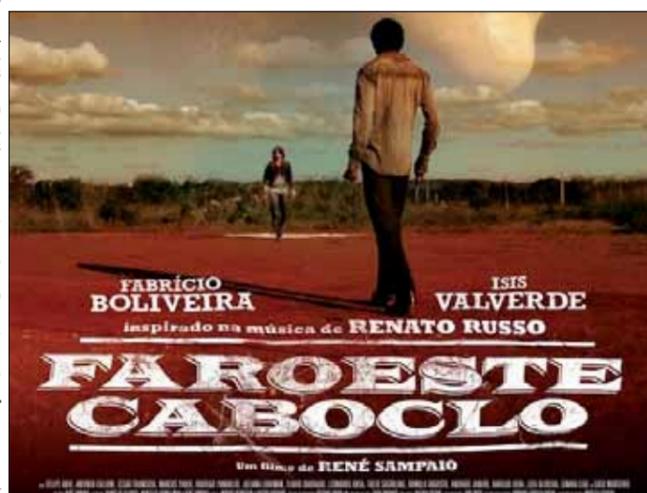
Infelizmente, o diretor Renê Sampaio, não soube construir algumas cenas de uma maneira tão impactante quanto poderia ser, por exemplo, durante o combate de João de Santo Cristo contra os “playboyzinhos da cidade”, liderados por Jeremias (Felipe Abibi).

Algumas partes do filme também apresentam incoerência e falta de lógica por conta das personagens, como na cena onde João se esconde no quarto de uma menina qualquer, pois estava fugindo da polícia.

Esta, além de deixa-lo se esconder no quarto dela, ainda aceita sair escondida com ele, no meio da noite, por Brasília. Os embates de Jeremias e João são crus e violentos, lembrando um pouco os filmes de Quentin Tarantino.

Em contrapartida, o filme foi feliz em diversos aspectos, como o figurino, a ambientação e, especialmente, no confronto final, uma cena inesquecível. O papel de Antonio Calloni também pode ser destacado, pois ele soube atuar muito bem no papel de Marco Aurélio, personagem inexistente na música, porém, no filme, ele é um policial corrupto sócio de Jeremias.

O filme não tem nada de mais, porém pode render ótimos momentos de suspense e tensão. Para os fãs de Legião, vale pena assistir ao longa, pois ele junta os fatos apresentados na letra de Renato Russo e, ainda, corrige brechas com cenas novas (mesmo que incoerentes).



"UMA EDITORA É UM PROJETO GRANDE"

"Se eu soubesse o tanto de trabalho que eu teria, talvez eu nem tivesse começado"

Márcia Leite, escritora de diversos livros, ganhadora de inúmeros prêmios, educadora, professora, assessora de língua portuguesa do Vera Cruz, contou para a nossa equipe como é trabalhar na editora que ela mesmo criou - Pulo do Gato. Ainda, como acontece o processo de criação de suas histórias.

Jornal: Junto com outros profissionais, você criou a editora "Pulo do Gato", de onde surgiu esta ideia?

Márcia Leite: Criar uma editora nova é um projeto grande, se eu soubesse o tanto de trabalho que eu teria, talvez eu não tivesse começado. Bom, a ideia surgiu quando, eu e meu marido (meu sócio e editor), que já trabalhamos há muitos anos para outras editoras, como escritores ou próprios editores, pensamos: "por que não fazer nossa própria editora?". Sem contar a ideia de selecionar nossos próprios livros. Todavia, esse é um projeto de longo prazo. A editora só tem dois anos.

J: Considerando o significado da expressão pulo do gato, qual é o diferencial da sua editora para as demais?

ML: Existem várias editoras no mercado, algumas com gêneros específicos e outra não. O diferencial da "Pulo do Gato" para as outras é que seus donos já têm muita experiência nesse mercado; nós fazemos o que acreditamos ser o melhor, que é trazer livros com muita qualidade na escrita. Não pretendemos, de maneira alguma, trazer livros que não acreditamos, apenas porque são best-sellers e sabemos que venderiam.

J: Você começou a escrever na adolescência. Desde então, você já escrevia títulos infantis e juvenis?

ML: Não. Na adolescência, eu escrevia textos que eu achava bacana, onde normalmente eu e minhas amigas éramos as protagonistas. Escrevia um capítulo um dia, mostrava para minhas amigas, escrevia outro... Mas esses textos diziam muito mais a mim, na ocasião, do que os títulos que escrevo agora. Mas eu descobri que eu gostava de escrever. Muito mais que isso, eu conseguia criar nesse período.

J: "Aqui entre nós" ganhou inúmeros

prêmios. Qual foi o impacto desse livro na sua carreira?

ML: Um dos prêmios que este livro ganhou foi o prêmio Nestlé, porém ele não existe mais hoje em dia. Mas na época, o prêmio era muito midiático, pois os vencedores apareciam na televisão, no jornal e em revistas. Naquela ocasião, foi ótimo, pois quando o livro é premiado ou traduzido (como este livro foi) é um atestado dizendo que você está no caminho certo. Em qualquer carreira, as premiações o estimulam a continuar— me ajudaram nesse sentido.

J: Mesmo sabendo que cada criação é singular, qual de seus livros você sente mais orgulho em ter escrito? Nos fale um pouco sobre ele.

ML: É difícil responder, pois cada livro foi feito em um momento da sua vida e cada um mostra seu sentimento diante do fato retratado. Diante disso, a escolha fica difícil. Porém eu tenho um livro pelo qual eu sinto muito orgulho, chamado: "Olívia tem dois papais" que foi o primeiro livro que apresentava uma visão um pouco diferente de uma família qualquer. São poucos os pais que comprariam o livro pensando em mostrar um outro modelo de família aos filhos, pois existem crianças que têm essa realidade. No sentido de ser uma obra importante, inovadora, eu acho que esse é um livro que eu tenho muito apreço.

J: Seus livros juvenis retratam momentos difíceis de algumas época da vida. De onde você busca inspiração?

ML: Agora, acho que meus livros falam por si. Mas antes, eu era professora de Língua Portuguesa e, na época, os livros publicados retratavam a adolescência de uma maneira muito rosa, mostrando apenas o lado bom, como se não houvesse preconceito, exclusão... Porém, eu queria trabalhar outros conteúdos com meus alunos. Como o momento era favorável, eu escrevi meu primeiro livro juvenil, pois eu havia escrito apenas livros infantis. Porém, junto com isso, também acho necessário lembrar que, para mim, mesmo envelhecendo, eu não perco as memórias da Márcia criança ou adolescente.

J: Seus filhos já foram, de certa

forma, protagonistas dos seus livros?

ML: Não, eu acho que os autores costumam escrever sobre eles mesmos, contando experiências e demonstrando sentimentos.

J: Você costuma receber críticas? E quando recebe como as encara?

ML: Nunca é legal receber críticas, mas é bom saber lidar com elas. As críticas que eu recebi foram boas, mas a maior parte foi quando eu tentava apresentar o livro original para uma editora, e ela recusava dizendo que o livro não era adequado ao catálogo. Antigamente, alguns editores escreviam críticas e, às vezes, eles não tinham critério. Para lidar com a crítica, deixe a raiva de lado. Depois de uns dois ou três dias, quando você rele o que foi dito, você percebe que aquilo é interessante e que pode ajudá-lo. Há algumas que são subjetivas; essas, você deixa de lado.

J: E há novos projetos para a editora?

ML: Sim, em junho estaremos lançando um catálogo impresso, isto é, um catálogo em papel com todas as obras. Já temos publicados nove livros novos. Nós já temos cinquenta e três livros prontos, porém não publicamos todos. Imagine, você entra em uma livraria e vê as estantes preenchidas de livros de uma editora nova que você não conhece. Para 2013, vamos publicar nove livros; no segundo semestre, mais quatro. E aos poucos, expandimos o catálogo.

Nunca é legal receber crítica, mas é bom saber lidar com ela. (...) Para lidar com a crítica, deixe a raiva de lado.



Aqui entre nós, de Márcia Leite

NÃO SEI DE NENHUM PROGRAMA QUE SUBSTITUA O TRADUTOR

Alexandre Hubner conta como é a vida de um tradutor

Alexandre Hubner, 47, tradutor de vários livros, mora em São Paulo, onde formou-se em Ciências Sociais pela USP. Traduziu artigos para jornais como o *Valor Econômico* e a *Folha de São Paulo* e livros de ficção, para as editoras Companhia das Letras, Cosac Naify e Conrad.

Jornal: Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou em sua carreira?

Alexandre Hubner: Acho que a maior dificuldade foi pegar minha primeira tradução em uma editora legal. Foi a Cosac Naify. Quando eu resolvi que eu queria fazer tradução, mandei currículo para alguns lugares e não consegui nada. E aí, por um acaso, fui a um lançamento de um livro de uma amiga minha e encontrei um conhecido que eu não via há muito tempo. Comentei que eu queria fazer tradução e ele me contou de um conhecido dele que trabalhava na Cosac. Ele pediu para eu fazer um teste. Esse cara da Cosac conhecia alguém na Companhia das Letras e, a partir daí, eu comecei a ter muito trabalho. Acho que essa foi minha maior dificuldade.

J: Você falou de quando você decidiu que queria fazer tradução. O que fez com que você se decidisse?

AH: Eu me formei em Ciências Sociais, queria seguir uma carreira acadêmica, mestrado, doutorado, ser um pesquisador na área de ciência política, que era área que mais me agradava. A certa altura, isso não deu certo. Desisti de seguir essa carreira, mas eu já tinha certa idade, 30. Pouco tempo depois decidi que queria fazer alguma coisa com literatura e, como eu já tinha um bom conhecimento de inglês, pensei que fazer tradução de ficção, me manteria em contato com literatura e, ao mesmo tempo, era um trabalho que me daria algum dinheiro.

J: Você pensa em fazer algum curso ou coisa do gênero? Mestrado ou doutorado?

AH: Mestrado não. Mas eu penso sempre em aprender outras línguas, traduzir de outras línguas... pretendo traduzir de dinamarquês, uma língua que eu gosto. Fazer outros cursos? Acho que seria basicamente isso.

J: O que você acha dos programas de tradução automática, que substituem o tradutor?

AH: Olha, eu não sei de nenhum programa que realmente substitui o tradutor, mas tem programas muito sofisticados, que ajudam o tradutor a fazer traduções mais técnicas, como o manual de um automóvel, são traduções que tem certas estruturas de frase que se repetem com frequência. Nesses casos, esses softwares ajudam muito os tradutores que trabalham nessa área. Eu não sei muito, pois nunca trabalhei nessa área. Na área que eu faço – principalmente literatura, mas faço também para jornal –, não consigo imaginar um *software* que dê conta

de construir um texto que não importa só o que está escrito literalmente no original, mas certas adaptações precisam ser feitas.

J: O que é ser fiel ao texto?

AH: Essa é difícil. Eu acho que ser fiel ao texto, na tradução de ficção, de literatura... Eu tenho uma coisa que eu acho que é muito pessoal: quando eu leio um livro em que fico entusiasmado, que eu sinto um prazer muito grande no texto, de alguma maneira quero fazer com que o leitor – em português – tenha uma experiência parecida com a minha. É claro que eu não vou falar que é torneze-lo, se o autor falou que é joelho. Acho que essa é uma das grandes dificuldades da tradução: você tem que se prender ao texto e, ao mesmo tempo, se você fizer uma tradução estritamente literal, é como muitos livros que a gente às vezes pega; traduções geralmente muito malfeitas, perde muito da graça dos textos originais. Acho que minha principal preocupação em fazer uma tradução fiel é essa. Respeitar as intenções que eu estou vendo do escritor e, ao mesmo tempo, fazer com que, em português, esse texto tenha também uma graça para quem está lendo. Então, às vezes, eu mudo: a frase está construída de um jeito, mas se eu reproduzir exatamente do jeito que está, não vai fazer sentido. Você pode dizer que fazer uma tradução fiel é se prender totalmente no texto. Às vezes, se você fizer isso, como as regras gramaticais diferem, não fica bom. Então, às vezes, se eu inverter um pouco, eu consigo manter o mesmo sentido e ter uma frase mais bem construída.

J: Então você deixa o texto mais com a sua cara com essas adaptações?

AH: Eu também não diria isso. Acho que a intenção tem que ser de deixar o texto com a cara do autor, mas se eu reproduzir do jeitinho que o cara escreveu, não tomar cuidado, vai ficar uma coisa um pouco sem pé nem cabeça.

J: Sendo tradutor há 13 anos, quais foram os livros que você mais gostou de traduzir?

AH: Os que eu mais gostei foram: Uma série de 4 livros do Philip Roth, chama *Zuckerman Acorrentado*, ele é um escritor americano; gosto muito do jeito com que ele escreve. Tem também um outro, um livro de contos, de um cara que é conhecido mais pelas peças que ele faz, é o Tennessee Williams, existem umas peças que viraram filmes, como o *Bonde Chamado Desejo*, que é super famoso. Há uns contos também, foi muito bacana traduzi-lo - chama-se *49 contos de Tennessee Williams*. Outro que eu gostei também, foi um livro de um cara, um judeu que nasceu na Polônia no começo do século passado, antes da Segunda Guerra, em 33, algo assim, e foi embora da Polônia, para os Estados Unidos. Ele escrevia em ídiche, a língua que os judeus fala-

vam, principalmente no Leste europeu, e pedia para pessoas que ele conhecia traduzirem para o inglês e ele mesmo falava inglês também. Os livros dele são traduzidos diretamente do inglês para outras línguas. Tem um livro que é de memórias, de quando ele era menino, na Polônia, e a família dele era muito religiosa, eram judeus muito tradicionais, e foi muito bacana traduzir: o livro se chama *O Tribunal de Meu Pai*.

J: Como é para você ler uma língua tão fora do comum como o Dinamarquês?

AH: Eu não consigo ler dinamarquês com a fluência como eu leio inglês. Muitas vezes tenho que ler com um dicionário e uma gramática ao meu lado. Acho que é uma coisa muito louca você começar a ouvir um som que não faz o menor sentido para você e, de repente, aquilo começa a fazer sentido.

J: Como é feita a escolha dos livros que você vai traduzir?

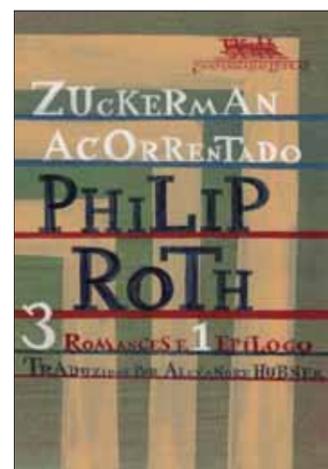
AH: Em noventa por cento dos casos é a editora que escolhe. Não posso traduzir um livro do meu interesse e “chegar” nela, dizendo para publicarem, ela pode não ter interesse em publicá-lo. Primeiro a editora tem que comprar a minha tradução. Então, se ela não tiver interesse, eu vou ter feito um trabalho sem ganhar nada por isso. O que pode acontecer é a editora me dar algumas opções e, nesse caso, eu escolho o livro de minha preferência.

J: Sendo tradutor, você claramente tem um bom conhecimento das línguas e de ficção também, pois você traduz ficção. Você já pensou em usar esse conhecimento para escrever um livro?

AH: Já, como todo tradutor tenho uma vontade de escrever, principalmente ficção, no meu caso é um projeto. Não de escrever um livro, mas sim de expressar as ideias que eu tenho durante uma tradução, essas ideias são opiniões minhas de textos, que podem ser modos de escrever diferentes ou semelhantes ao do autor do livro, por exemplo. Assim, você começa a ter uma ideia maior do que é entender e escrever um livro, mas acho que dessa “posição” que estou, para a escrita de um livro, seria um passo muito grande, por isso ainda é apenas um projeto.

A maior dificuldade foi pegar minha primeira tradução em uma editora legal

Como todo tradutor, eu tenho vontade de escrever



"Marcamos a história da música Popular Brasileira"

Sérgio de Britto Álvarez Affonso tecladista da banda Titãs

Sérgio de Britto Álvares Affonso nasceu no Rio de Janeiro, no dia 18 de setembro de 1959. Desde muito cedo, mostrou interesse pelas artes, especialmente por pintura. Em 1974, passou a estudar piano, violão e começou a esboçar as primeiras composições. No começo dos anos oitenta, junto com ex-companheiros do Colégio Equipe, onde cursara o ensino médio, formou a banda Titãs. Em 1982, o primeiro disco do grupo foi lançado com grande êxito. Ele cresceu ouvindo Beethoven, Chopin e outros monstros sagrados da música clássica que o pai escutava, mas até os 13 anos seu desejo era um só: ser pintor. Graças a sua irmã, que tinha aulas de violão, descobriu o disco "Help", dos Beatles, e passou a se interessar por música.

Jornal: Sabemos que cada música representa algum momento na vida de alguém. Ao compor a música *A minha cara*, você estava querendo sintetizar um recorte de sua vida?

Sérgio de Britto: Acho que, nesse caso, não é bem por aí... Essa canção, na verdade, é na voz de um personagem, um cantor, um artista de rua. Obviamente existe uma certa identidade como que eu faço, mas não acredito que esse tenha sido o propósito dessa canção.

J: Como os Titãs passam muito tempo juntos, já ocorreu algum desentendimento?

SB: Sim, já tivemos muitos! Isso é inevitável e acontece em qualquer um que trabalhe em grupo por algum tempo. É até bom que aconteçam - sempre se pode aproveitar alguma coisa quando se confrontam opiniões divergentes. No fim das contas, quando as pessoas têm bom senso, acaba sempre sendo produtivo.

J: Quais as adversidades de uma carreira solo?

SB: Sou conhecido como membro de uma banda de sucesso, isso abre algumas portas, é claro. Por outro lado, as pessoas têm curiosidade em ouvir é, prioritariamente, o meu trabalho com a banda. O que faço sozinho, na maioria das vezes, tende a ficar em segundo plano. Fora isso, há a questão do tempo: em uma banda do tamanho dos Titãs, há shows semanais por todo o Brasil, reuniões, questões administrativas, financeiras etc. É uma verdadeira empresa e, às vezes, acaba tomando todo o meu tempo.

J: Como o Titãs já compuseram muitas músicas. Qual é a "menina dos olhos"? Ou seja, aquela música preferida?

SB: Felizmente não somos uma banda de uma música só, temos várias canções que marcaram época, impossível citar apenas uma... O disco que mais marcou a nossa carreira (embora não tenha sido o que mais vendeu) foi o "Cabeça Dinossauro" que foi lançado há mais de duas décadas e continua sendo atual e relevante.

J: O que o motiva no palco a tocar com toda aquela alegria?

SB: Não diria alegria, mas sim energia. Tocar e fazer música era o meu sonho de adolescente, poder ver isso se realizar a cada show é um tremendo barato. Tem também a vibração e a cumplicidade do público que nos renova sempre - mesmo em noites ruins, faz tudo valer a pena.

J: Como você se prepara para entrar em uma apresentação? Há alguma alteração na sua alimentação?

SB: Não faço nada de mais... Costumo me concentrar e tomar um pouco de espumante, rs. Mas é só.

J: Sabendo que você não concluiu as faculdades de artes plásticas e filosofia, o que o motivou ingressar na música?

SB: Sempre tive paixão por artes em geral. No começo dediquei um bom tempo às artes plásticas. Com o passar do tempo, a ideia de fazer canções acabou tomando conta de mim, não tive como evitar.

J: Esperamos pelo melhor sempre, você acredita que o Titãs tornará uma espécie de banda imortal?

SB: Não sei se imortal é a palavra certa, mas com certeza, de alguma maneira, marcamos a história da música popular brasileira. Isso nos enche de orgulho e satisfação.



História do Futebol Brasileiro

Grandes ídolos que revolucionaram o futebol brasileiro

Charles W. Miller pode ser considerado o “pai” do futebol brasileiro. No ano de 1894, retornando de seus estudos na Inglaterra, trouxe, em sua bagagem, a primeira bola de futebol que rolaria nos campos brasileiros.

No governo de Vargas, o Brasil construiu o Maracanã para a copa do mundo. Sem contar na vitória no mundial de 1958 que aconteceu de um time comandado por Pelé, Didi, Garrincha e Belini.



Pelé e Garrincha, na década de setenta

Amigos em campo, Pelé e Garrincha

Pelé, “o rei” do futebol, era um gênio que constantemente estava reinventando o jogo do futebol. A cada toque na bola era capaz de produzir algo novo que deixava os torcedores impressionados. Jogou no Santos e no New York Cosmos, marcou 127 gols, em 1959; 110 gols, em 1961. Além de ter vencido duas vezes a copa Libertadores (1961, 1962), dois campeonatos mundiais de clubes (1962, 1963) e nove campeonatos paulistas.

Garrincha foi um futebolista brasileiro que se notabilizou por seus dribles desconcertantes, apesar do fato de suas pernas tortas. É considerado por alguns “o rei dos reis”. Foi um dos heróis da conquista da Copa do Mundo, em 1958, principalmente, na copa do mundo, em 1962, quando após a contusão de Pelé, tornou-se o principal jogador do time brasileiro e o liderou ao título.

Garrincha e Pelé, os dois maiores gênios do futebol, tiveram uma trajetória na seleção brasileira. Juntos, nunca perderam um jogo com a camisa do Brasil (período de 18 de maio de 1958 à 12 de julho de 1996). No total foram 40 jogos, com 36 vitórias e quatro empates. Marcaram 55 gols, 44 de Pelé e 11 de Garrincha. O primeiro jogo juntos foi no dia 18 de maio de 1958 no Pacaembu em um amistoso preparatório para a copa do mundo da Suécia. Brasil venceu com dois gols de Pelé e outro de Pepe.

Esses dois “reis” chegaram a copa da Suécia como reservas. Garrincha, reserva do ponta Joel do Flamengo; Pelé, reserva de Didi, do Flamengo. Nessa copa atuaram juntos, enfrentando a União Soviética após os jogos contra Áustria e Inglaterra.

Sempre tive muita confiança em mim, sabia que ia jogar na seleção, que ia ser titular. Minha meta era jogar igual ao meu pai, mas, quando comecei a viajar, o pessoal começava falar “Pelezinho”. Aí, comecei a ter mais confiança, mas essa coisa de “rei” nunca pensei. Uma revista francesa foi a primeira a me chamar de

“rei”, diz Pelé em entrevista publicada na Folha de S.Paulo.

Primeiros times

São Paulo Athletic Club foi a primeira equipe do Brasil, formada em 1894, por Charles Miller já associação atlética Mackenzie Collage foi o primeiro time voltado para o Brasileiros, em 1898. Logo depois, no mesmo ano, foi fundado o esporte Club Germânia, pelo alemão Hans Nobling; hoje, com o nome de esporte Clube Pinheiros. A Associação atlética Ponte Preta (AHPP) de Campinas, São Paulo, é o clube mais antigo em atividade.

Em 1902 foi realizado o primeiro campeonato oficial no Brasil, o campeonato paulista de futebol, onde o extinto São Paulo Athletic Club consagrou-se campeão.

Embora historicamente tenhamos craques como Pelé, Garrincha e Bellini, ainda são lembrados por suas conquistas da copa de 58, 62. Quem sabe na copa de 2014, outros campeões como Neymar, Oscar, Lucas também farão parte desta lista de craques.



RIO-XINGU

O filme estreou no cinema 6 de abril

A trajetória dos irmãos Villas-Bôas é relatada no filme Xingu, lançado em 2012, por Cao Hamburger.

Nos anos 40, os irmãos Leonardo, 23, Claudio, 25, e Orlando, 27, alistam-se na expedição Rocandor-Xingu para desbravar o Brasil Central.

A saga é parte da história brasileira que é contada em uma grande aventura em que os irmãos viveram.

Na aventura, os irmãos se envolvem com povos indígenas e, a partir daí, eles começam uma grande relação. No começo, a missão era abrir espaços para pistas de pouso e uma base militar. Em virtude do contato com índios, passaram a protegê-los e a preservar todo o ambiente em que eles viviam, sendo responsáveis pela idealização do parque Nacional Xingu (hoje parque Indígena do Xingu) inaugurado em 1961, apresenta diversas culturas aos espectadores.

Durante os 103 minutos de filme pode-se aprender muito com a história relatada, é emocionante ver o envolvimento com a cultura dos indígenas.

Caio Blat interpreta Leonardo Villas-Bôas; Felipe Camargo passa-se por Orlando Villas-Bôas; João Miguel atua como Claudio Villas-Bôas. Os atores trabalharam muito bem, dão emoção ao filme. João Miguel destaca-se em

sua atuação, pois consegue interpretar com mais realidade o seu personagem do que os outros.

O longa é encenado em uma paisagem muito bonita, na Amazônia. Há cenas muito marcantes como o encontro dos irmãos com os índios; sem mencionar a parte em que sobrevoam parte da Amazônia.

O filme, em geral, é ótimo! Prende a atenção dos espectadores com um enredo que nos conta uma parte da história Brasileira. O filme provoca sensações como alegria de ver os irmãos salvando e protegendo os índios; tristeza, quando a metade da aldeia é morta por uma gripe desconhecida.



A ARTE DE RUA

"A pichação é a fala dos sem falas"

Não é novidade que grafites e pichações constroem o cenário urbano, mas qual a finalidade de apresentar as obras (ou protestos) nas ruas de uma metrópole? Pelo simples fato que nos muros todos podem ver.

Todos que olham um grafite pintado em um muro fazem suas próprias interpretações, alguns enxergam um protesto, uma crítica, às vezes, até um desrespeito aos muros de São Paulo. Já outros enxergam apenas um desenho bonito, afinal, os grafites não são feitos para isso?



Grafite de Os Gêmeos

Grafite

Existem muitos grafiteiros famosos, como Os Gêmeos, Sep-to, Kobra e as Mulheres Barbadas.

"Uma obra apresentada em um museu é apenas para os que podem ver, e uma obra na rua é para todos" diz Tiago Moraes, dono da revista Soma. "Essa é a principal diferença entre artes plásticas e arte de rua".

Muitos confundem pichação com grafite, inclusive a Subprefeitura de São Paulo. Os gêmeos haviam feito um grafite no viaduto Glicério (centro de SP), porém a subprefeitura entendeu como uma pichação, e apagaram a arte. Os artistas revidaram e escreveram "Nesta cidade existem muitos problemas sérios! Não gaste dinheiro apagando grafite nas ruas". Uma semana depois, a prefeitura reconheceu o erro.

Nesta cidade existem muitos problemas sérios! Não gaste dinheiro apagando grafite nas ruas!" dizem os Gêmeos

Pichação

A pichação existe há muitos anos, mas pouca gente sabe por que ela existe. "A pichação é um protesto, ela é a fala dos sem-fala", diz Tiago Moraes. Ou seja, pichação e grafite são coisas completamente diferentes, com focos diferentes. Porém muitas pessoas ainda os confundem ou não consideram o termo "Arte de Rua".

Arte de Rua

Além das pichações e grafites, muitos outros movimentos também são considerados arte de rua, como o Break, Hip Hop e intervenções urbanas feitas por artistas, como forma de provocar um governo ou uma autoridade.

Um desses artistas é Alexandre Orion, ex-artista Plástico paulistano, conhecido por suas inteligentes e sarcásticas provocações na cidade. Agora, ele apresentou novas obras que combinam técnicas luminosas e grafite. Ele e outros artistas fazem suas "intervenções urbanas" de forma que o embate envolvendo a obra se torne ideológico e não estético. Os grafiteiros e os pichadores também fazem suas obras ou pichações sempre carregados com algum sentido além do óbvio.

Portanto, da próxima vez que você se deparar com um grafite, pare alguns minutos, e tente descobrir o sentido verdadeiro da imagem, já que elas carregam um sentido que merece ser interpretado,



Dança de Rua também é Arte"

DROGA DA OBEDIÊNCIA

Turma de adolescentes tentam resolver sequestros em livro de Pedro Bandeira

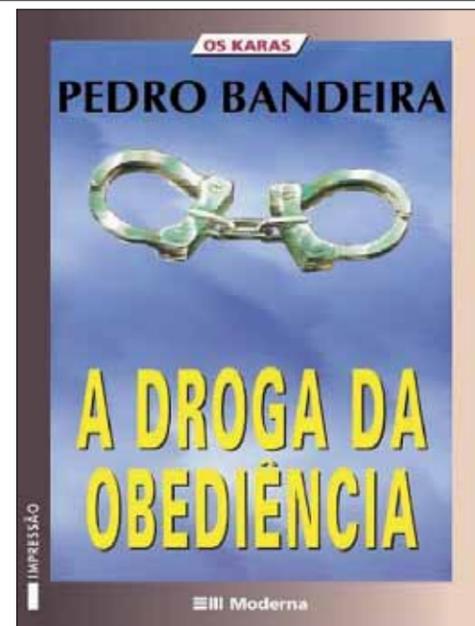
O livro, escrito pelo brasileiro Pedro Bandeira, fala sobre uma turma de adolescentes - Os Karas - que tenta resolver misteriosos sequestros que ocorrem nas principais escolas da cidade de São Paulo.

O livro é muito bom, com um enredo interessante, onde acontecem coisas o tempo inteiro, pois mostram todos os métodos de investigação, mesmo os que não dão certo, o que gera algumas reviravoltas muito surpreendentes.

Outra parte muito interessante do livro é a complexidade do sistema de organização do grupo, com seus diversos códigos, desde gestos a códigos escritos

e esconderijos.

O livro, escrito em meio à ditadura militar no Brasil, mostra que a maneira mais complexa e eficiente de dominação. Dominar o que a pessoa pensa e as informações que chegam até ela, não a dominação por força pura e simples (isso também é demonstrado, de forma ainda mais complexa, no livro 1984, de George Orwell). Também mostra que uma sociedade que está baseada na obediência completa está fadada ao fracasso, pois acaba com a liberdade criativa das pessoas.



Bento Pestana Hubner

Catarina de Melo Saraiva B. Guimarães

Marina Jordão Whittle



Téo Puliti Serson

Theo Levin Ceccato

Tiago Mestriner Costa

PREMIAÇÃO BILLBOARD MUSIC AWARDS 2013

Premiados, gafes, apresentações: tudo sobre a premiação

Na noite de domingo (19/05), no MGM Grand Garden Arena (em Las Vegas), ocorreu a edição 2013 da premiação "Billboard Music Awards" com transmissão ao vivo da rede ABC, às 20h (horário da costa leste americana).

A Billboard Music Awards tem como objetivo premiar os artistas levando em conta seu desempenho nas paradas radiofônicas, vendas de CD e downloads digitais, citações em redes sociais, visualizações de vídeos musicais e arrecadações em turnês realizadas.

História

A Billboard é uma revista semanal norte-americana, fundada em 1894, ela é especializada em informações sobre a indústria musical. No início, a revista tinha o foco no mercado publicitário, mas nos anos de 1950, passou a tratar apenas de música. A Billboard tem vários rankings que classificam músicas e álbuns populares em várias categorias e estilos. O ranking "Hot 100", o mais popular, mostra as 100 músicas mais vendidas e tocadas nas rádios, ele é muito utilizado nos Estados Unidos para medir a popularidade dos artistas e das músicas. Já o ranking "Top 200" corresponde aos álbuns mais vendidos.

A Billboard Music Awards é uma premiação patrocinada pela revista Billboard, realizada nos Estados Unidos, para homenagear artistas da indústria musical. Até o ano de 2007, foi realizada em dezembro; a partir de 2008, passou a ser realizada em maio. Na história da premiação, a artista mais premiada foi a cantora Madonna com a soma de 37 prêmios; o artista foi o cantor Michael Jackson, com 30 prêmios; a banda foi os Backstreet Boys, com 24 prêmios.

Apresentações

O cantor Bruno Mars abriu a noite com a sua banda The Hooligans, cantando a música "Treasure". A banda The Band Perry fez uma apresentação da sua música country "Better Dig Two". Aino e Caroline, a dupla sueca Icona Pop, apresentou seu single "I Love It". O famoso cantor Chris Brown, cantou seu novo single "Fine China". Junto com Pitbull, a cantora Christina Aguilera e com a participação de Morten Harket, vocalista do A-ha, apresentaram a música "Feel This Moment". Jennifer Lopez junto com Pitbull cantaram a música "Live It Up". O DJ David Guetta, acompanhado dos artistas Akon e Ne-Yo apresentaram o single "Paly Hard".

Com um cenário cercado de grandes faixas de tecido branco, a cantora Selena Gomez fez uma performance da sua música "Come & Get It", com o tema indiano. Macklemore & Ryan Lewis acompanhados de Wanz cantaram o single "Thrift Shop", que está fazendo muito sucesso esse ano.

A cantora Taylor Swift fez uma das melhores apresentações da noite, cantando a mú-

sica "22". Com uma super coreografia, o cantor canadense Justin Bieber, apresentou sua música "Take You" de seu álbum de sucesso "Believe". Com a coreografia ensaiada, o cantor Will.i.am junto com o jovem Justin Bieber apresentaram "That Power". Também tivemos a apresentação da rapper Nicki Minaj com a participação de Lil Wayne cantando seu mais novo single "High School".

A grande vencedora da noite foi a cantora Taylor Swift, que ganhou oito prêmios, um deles foi o "Top Artist", uma das categorias mais importantes da premiação. No final, na sala de imprensa, a cantora de apenas 23 anos, disse que "há um motivo significativo para cada um desses oito prêmios" e que "é inacreditável".



Taylor Swift com seus 8 prêmios

A cantora Rihanna também fez sucesso ao levar quatro prêmios para casa, um deles pelo seu novo álbum "Unapologetic". O cantor Gotye foi outro que ganhou quatro prêmios, todos pelo seu single "Somebody That I Used To Know" com a parceria de Kimbra. A grande boyband britânica-irlandesa, One Direction, também foram um dos premiados, ganhando em três categorias, porém estes não estavam presentes na premiação.

A rapper Nicki Minaj, que se apresentou, ganhou três prêmios, um deles pelo seu álbum "Pink Friday: Roman Reloaded". A famosa cantora Madonna foi outra que ganhou três prêmios. Ao subir no palco para receber um de seus prêmios na categoria "Top Touring Artist", ela agradeceu a todos os envolvidos na produção da turnê e deu uma pequena alfinetada nas outras produções dizendo: "desculpa, mas eu tenho os melhores dançarinos".

Outro que levou três prêmios foi o cantor Justin Bieber, vaiado ao subir no palco para receber um de seus prêmios na importante categoria, "Milestone Award". Os artistas que levaram dois prêmios foram: a latina Jenni Rivera, o rapper cristão tobyMac, a cantora Carly Rae Jepsen e o DJ Baauer.

A banda Maroon 5 ganhou um prêmio na categoria "Top Hot 100 Artist", como a banda Fun, este na categoria "Top Rock Artist".

Outros artistas também faturaram um prêmio, como: Adele, Mumford & Sons, Skrillex, PSY, Matt Redman, David Guetta e Macklemore & Ryan Lewis. O brasileiro Michel Telo também ganhou um prêmio, na categoria "Top Latin Song" pela sua música "Ai Se Eu Te Pego".

Gafes

Enquanto o cantor Miguel apresentava seu single "Adorn", ele resolveu pular por cima da plateia de um pedaço de palco para o outro, mas infelizmente o artista acabou acertando os pés na cabeça de uma mulher na audiência. Mas, logo depois do término da premiação, a cantora usou o próprio Twitter para informar que a jovem estava bem. Outra gafe super comentada da premiação foi o cantor Justin Bieber, vaiado ao subir no palco para receber um de seus prêmios na importante categoria "Milestone Award". No seu discurso, o canadense disse que tinha apenas 19 anos e que achava que estava fazendo um bom trabalho, ele também falou: "sou um artista e deveria ser levado a sério. E toda essa besteira não deveria ser comentada".

Um outro vexame, foi quando a cantora Miley Cyrus subiu no palco para anunciar o ganhador da categoria "Top Male Artist". A cantora fez careta ao ler o nome do ganhador no envelope; claro, era Justin Bieber. A Madonna também foi outra que cometeu gafe, porém pequena. A cantora subiu ao palco de óculos escuros para receber um de seus prêmios. Durante seu discurso, ela percebeu que seria bom tirar o acessório para encarar a plateia e agradecer aos fãs. Nos bastidores da premiação, enquanto Taylor Swift estava saindo da sala de imprensa, ela viu sua melhor amiga, Selena Gomez, cumprimentando o ex namorado, Justin Bieber, com beijinhos. Sua reação foi uma cara feia. E por último, no blue carpet da premiação, a cantora Kesha apareceu sem calcinha, usando um vestido curto com uma fenda na lateral.



A Billboard Music Awards desse ano foi um sucesso. O grande evento da indústria fonográfica norte-americana, exibido ao vivo pelo canal ABC, registrou sua maior audiência em 12 anos, assumindo a liderança na noite nos EUA. A premiação foi vista por 9,47 milhões de telespectadores no país. Esperam ainda que, em 2014, seja um sucesso ainda maior.

O ROCK VAI SER SEMPRE O MESMO

Trajatória do jazz ao rock



Ivan Busic: no Dr.Sin help 2

Ao chegar ao local da entrevista, nossa equipe deparou-se com fotos e CDs de diversas bandas, algumas famosas, outras irreconhecíveis; no meio de tudo aquilo, encontramos o entrevistado, Ivan Busic, um dos maiores bateristas do Brasil. Hoje, Ivan toca na banda Dr.Sin. Ele nos conta sobre sua carreira como artista, e analisa o rock nesses últimos anos.

Jornal: Sabemos que você vem de uma família de músicos voltada ao jazz. De onde vem sua paixão pelo rock?

Ivan Busic: Apesar do meu pai ser jazzista e a gente crescer no chamado “berço do jazz” ouvindo músicos muito tradicionais do jazz, meu pai diversificou o estilo de sua música. Ele gravou discos de country e outros estilos fazendo até o próprio rock nos shows dele. Com isso, acabei me apaixonando mais pela energia do rock and roll. Meu pai também deu para mim e meu irmão discos do Led Zeppelin, do Deep Purple que, para nós, foi uma inspiração imensa. Dali em diante nós sabíamos que iríamos tocar rock pelo resto da vida.

J: Com 17 anos você formou sua primeira banda, Platina. Como foi a divulgação da banda e como o público os recebeu?

IB: A banda Platina veio em uma época que não existia internet, era muito difícil ter alguém com a disponibilidade de um VHS em casa para assistir vídeos, só se conseguia ouvir um disco na vitrola. E o disco era feito de uma forma diferente; como existiam poucas músicas, ele girava 45 vezes no LP, enquanto os outros não, o que gerava uma qualidade de áudio maior. Então, as possibilidades de divulgação era somente por papel e boca a boca, mas sempre quando tínhamos possibilidades de tocar no rádio e na TV nós abraçávamos esta oportunidade. Então o Platina começou a ter um número muito grande de fãs, foi uma das bandas que levantou a bandeira do Metal no Brasil.

J: No seu primeiro show com a banda Platina no Lira Paulistana, como você estava se sentindo e como vocês foram recebidos pelo público?

IB: Era uma época engraçada porque o começo da carreira você não toca pensando se vai ganhar um real, se vai dar trabalho carregar a bateria, você tem uma paixão muito grande pelo que está fazendo, você faz tudo aquilo para tentar se parecer como seus ídolos. Então foi assim e, quando a gente percebeu, já tínhamos um fã clube, já tinha shows lotados. Esse show, inclusive, marcou o primeiro show profissional do Viper. Foi uma sensação muito legal, foi um tremendo susto como fomos recebidos pelo público.

J: Na banda Platina você tinham um visual glam metal. Você era chamado de poser, naquela época?

IB: Naquela época não. O termo poser surgiu depois, no final dos anos 80. Se eu não me engano em 87 começou a se falar muito desse termo poser, porque as bandas de thrash começaram a fazer tanto sucesso quanto as de hard rock, então todos começaram a se vestir com roupas coloridas, passar maquiagem, passar batom. Por exemplo, o Ozzy, da banda Black Sabbath, parecia que ele estava vestindo uma roupa de lantejola da minha tia. A única banda que não trocou seu visual foi o ACDC. Mas hoje em dia, quando as pessoas vêm o estilo glam metal, daquele tempo, elas falam que nós éramos totalmente posers.

J: Wander Taffo chamou vocês para gravar o CD “Taffo”. Vocês já se conheciam pessoalmente?

IB: Sim, já nos conhecíamos, na realidade muito de longe, o Taffo era uma pessoa inatingível e nós não éramos uma banda muito famosa. Naquela época, estávamos na banda Cherokee, que foi uma banda que tivemos logo depois do Platina, inclusive ele foi assistir a gente com essa banda, e foi a noite que ele falou que nós estávamos aprovados. A partir daí, começamos a conhecê-lo melhor, a ensaiar e preparar nosso primeiro CD solo gravado em Los Angeles. Nosso segundo CD, Rosa Branca, foi feito quando já fazíamos parte da banda Taffo.

J: Nos anos 90 você gravou um comercial para marca ALL STAR, mas você estava tocando guitarra. Por que você não estava tocando bateria?

IB: Eu sempre fui apaixonado por guitarra e quando saiu essa propaganda precisava de um guitarrista que tivesse um visual que lembrasse artistas famosos da época. Quando cheguei para o teste me

“A família pode e tem muita influencia sobre o gosto musical dos filhos”

deparei com meia dúzia de guitarristas e cento e cinquenta modeletes. Quando chegou minha vez para fazer o teste, eu toquei uma música que havia escolhido; o produtor gostou do meu desempenho e acabou me escolhendo para a propaganda. Esse comercial eu fiz com a Gisele Bündchen, mas naquela época eu nem sabia quem era a Gisele, eu estava mais preocupado em dublar a música direito. Aliás, faz pouco tempo que descobri que estava fazendo a propaganda com ela, já que, naquela época, ela não era famosa. Esse comercial foi o “culpado” por ela ser quem ela é hoje (risos).

J: Vocês gravaram o segundo CD do Supla, Encoleirado. Por que vocês saíram da banda para formar o Dr. Sin? Vocês tiveram algum desentendimento com o Supla?

IB: Não, na época quando eu fui tocar com o Supla, era eu, o Andrea, o Conde, e o Luiz Carlinea, mas nesse meio tempo, o Conde se acidentou e precisava de um novo guitarrista. Como a gente tinha acabado de gravar um CD solo do Edu, que nunca foi lançado para o público, então a gente o convidou para o Supla, e ele aceitou. Em seguida, o Carlinea saiu e ficou apenas eu, o Andrea, e o Edu. Já era natural nosso entrosamento e o tipo de som que a gente queria fazer, mas nós tínhamos o sonho de cantar em inglês; então, nós formamos o Dr. Sin para cobrir essa nossa necessidade.

J: Sabemos que vocês convidaram o André Matos para cantar a música FIRE, na comemoração do aniversário do Dr. Sin. Por que o convidaram?

IB: Nós pensamos que ele seria uma boa pessoa para cantar alguma música na apresentação. Desde o começo da carreira do André, nós nos conhecíamos muito bem. Por coincidência, uma semana antes da apresentação, eu comentei com ele que estávamos pensando em chamar alguém para se apresentar junto de nós. Ele falou que gostaria de cantar a música FIRE. No final a participação do André, ficou muito boa, o público adorou a música.

J: Você fez parte da banda Mundo Cão. De onde surgiu a ideia da banda?

IB: São dois amigos meus o Fábio e o Zeca e o Mundo Cão era uma banda com outro baterista que virou substituto da banda Sepultura, e teve de viajar com ela. Como o Mundo Cão estava prestes a gravar o CD oficial deles, então eles me chamaram para se juntar a essa banda que é de hard rock respeitável. Eu adorei porque era uma banda com músicas esplêndidas. Hoje quem toca nela é um aluno meu chamado Luiz Abidala, que fui eu quem indicou.

J: Você participou de duas bandas ao mesmo tempo, Mundo Cão e Dr. Sin. Como foi lidar com a agenda de shows das bandas?

IB: A banda Mundo Cão já sabia que seria difícil eu continuar, eles sabiam que eu teria que fazer o disco e alguns shows quando fosse possível, já que o Dr.Sin não faz tantos shows, por sermos um pouco exigente com o lugar da apresentação. Mesmo assim, foi difícil conseguir acompanhar todos os compromissos da banda. Eles sabiam que teriam que ter eu e um substituto prontos, mas chegou um ponto que eles acharam melhor ter um substituto fixo para o grupo.

J: Após passar por diversas bandas, algumas muito famosas como Taffo e Dr. Sin. No seu ponto de vista, o rock continua o mesmo?

IB: Para mim, o rock e os roqueiros vão ser sempre os mesmos, o que muda é a forma de mídia, muda as gravadoras, os formatos de divulgação. Hoje em dia apesar de ter muito mais formas de divulgação do que a gente sempre sonhou na década de 80; naquela época, existiam gravadoras que investiam pesado no rock and roll. Naquele tempo, havia discos de ouros e de platina que valiam uma fortuna, hoje em dia eles não valem quase nada se formos comparar com 20 anos atrás. Atualmente, o que está fazendo com que as bandas restabeçam as vendas, a compra de suas músicas, é o iTunes: a venda digital. Mais o que mais mudou são as formas de você chegar ao rock and roll, já que este continua firme e forte. Sempre vai ter um estádio lotado com o show de uma grande banda de rock.

J: Hoje em dia, sua banda é muito famosa. Vocês se inspiram em outras bandas?

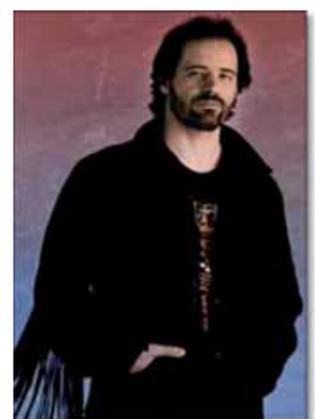
IB: Com certeza. Quando comecei no Platina, eu disse que sempre me imaginava um integrante do Kiss, do Iron Maiden, e a inspiração não deixa de existir até hoje. Todo o dia que entro no meu carro coloco meu som favorito, para ir empolgado para casa. Para todo o lugar que vou sempre tem um som que eu gosto. Sem dúvida, não deixa de me inspirar. Essa inspiração pode causar várias empolgações, mas isso não pode se tornar um motivo para copiar alguém, mas sim deixar com que aquilo te influencie no seu trabalho. Eu vejo muita gente corrompida pelo sistema e pela cultura. Então a meu ver, a família pode e tem muita influencia sobre o gosto musical dos filhos.

J: Falando em inspiração, a faixa 2, do disco Animal, Lady Lust, tem alguma inspiração no Black Sabbath?

IB: Sim, acho que é impossível você fazer um riff pesado e não lembrar de Black Sabbath. Eles são os deuses dos riffs, os deuses do Metal, é uma banda de rock and roll pesado. É inevitável essa comparação.

J: Mas apesar de idolatrar tanto o Rock, você não deixou de tocar Jazz.

IB: Não, toquei a vida inteira Jazz com o meu pai. Até hoje eu gosto e escuto. Uso para minha metodologia de ensino, acho que você adquire muita técnica através do Jazz.



Ivan Busic: álbum Animal

“DEDIQUE-SE AQUILO QUE VOCÊ QUISER”

Luiz Bueno - Duofel play The Beatles

Luiz Bueno é um músico membro do Duofel, um grupo de música instrumental, junto com Fernando Melo. Os dois tocam violão. Em 2009, lançaram o “Duofel play The Beatles”, um disco que fez muito sucesso de crítica e público, que lhes rendeu um memorável show no Cavern Club. Porém Luiz já foi roqueiro, é um músico autodidata com muito sucesso na música instrumental. Através de uma conversa com a nossa equipe, ele contou um pouco sobre sua vida e sua carreira.

Jornal: Luiz, quando você era jovem, ouvia e tocava Rock n' roll. Hoje, você toca música instrumental na banda Duofel. Como foi essa mudança?

Luiz: Eu gostava disso, de rock. Nos anos 60, o rock era instrumental, não era cantado. Ouvia muito The Shadows, The Venger no Brasil tinha um grupo que chamava The Black Jacks, e eu curti isso. De repente eu sentia o som da guitarra, ficava arrepiado com determinadas notas. Comecei a tocar violão, meu pai não me deu uma guitarra, mas eu queria tocar guitarra. Foi aí que eu cheguei num momento na minha vida em que eu formei uma banda, uma banda de baile. Naquela época era assim, todo mundo fazia um grupo de baile e ia tocar em missa e em lugares assim. Depois eu comecei a fazer meu próprio som. Juntei uma banda chamada Boiçucanga, de rock progressivo. Éramos três: baixo, guitarra e bateria. Depois começamos a perceber que o rock não era uma música original, não era brasileira e então comecei uma banda com o Fernando Melo. A gente é uma dupla que tem a música fluindo entre nós como mágica, nossas histórias são iguais, ele e eu somos autodidatas. Só tem uma única diferença: ele é de Arapiraca e eu, de São Paulo.

J: Você era roqueiro, numa época de muito preconceito. Era difícil viver nessa situação?

L: O maior preconceito que tinham comigo era o meu cabelo comprido, a turma caía de pau. A gente vivia uma época muito homofóbica e qualquer detalhe que levasse à desconfiança de que você fosse gay, fazia todo mundo cair de pau. Eu fui agredido mais de uma vez na rua, por exemplo. Mas eu nem ligava, continuava com o cabelão e roupas exóticas que me faziam sentir muito bem. Quando eu ia visitar a namorada na casa dela, o pai perguntava o que eu fazia com meu cabelão, e eu respondia “sou músico”, e o pai falava para filha, na minha frente, que vida músico estava fadada a ser vida de pobre. E é engraçado, você não pode fazer uma profecia que a vida de artista é uma vida de pobre. Veja onde o Picasso chegou. Um quadro dele vale mais que um apartamento no Rio, no Leblon.

J: Em 2011, o Duofel tocou no Cavern Club, famosa casa de shows onde os Beatles tocavam. Qual foi o sentimento de subir ao palco onde seus ídolos subiram?

L: Eu tinha um sonho desde garoto: o sonho de tocar no Cavern Club. Fernando e eu fomos lá para tentar realizar esse sonho; o barato da vida é esse, tentar buscar os sonhos. E a gente trabalhou muito para conseguir isso. Na hora, a agitação de subir ao palco foi embora e ouvimos a música fluir. Depois que acabou, aí sim veio a emoção. A ficha caiu “Nossa, a gente tocou no Cavern Club”. E no outro dia, a imprensa inglesa nos chamou de “The fab two”, como chamavam os Beatles, “The fab four”; os quatro fabulosos, e isso foi animal. Depois, quando estávamos indo embora, todos estavam gritando “The fab two”. Foi muito gratificante.

J: De todos os álbuns que você tem, qual foi o que mais gostou e o mais difícil de produzir?

L: O disco que eu mais gosto até hoje, amo de paixão, é o “Atenciosamente Duofel”, que foi gravado em 1999 e há vários convidados; é uma mudança de fase nossa e... é isso (risos).

J: Existe alguma ligação entre os álbuns mais difíceis que você produziu e os mais bem recebidos pela crítica e público?

L: Não, isso é um fato curioso. Por exemplo, os shows que eu e o Fernando menos gostamos são os que a plateia mais gosta, e os shows que nós mais gostamos, a plateia não gosta tanto. O CD “Duofel Play The Beatles”, nós gravamos aqui no estúdio, foi muito simples de gravar e é nosso best-seller. Mas nós fizemos um disco com música eletrônica, 2 DJs, e é um disco bárbaro, cara... eu adoro. Foi muito trabalhoso, demorou três anos para terminar o CD por conta de horários, mas ele não houve grande impacto nos fãs e na mídia.

J: Como você aprendeu a tocar guitarra e violão?

L: Eu sou autodidata, ou seja, aprendi a tocar sozinho. Sentindo o som da guitarra no rádio, o que me dava arrepios (risos).

J: O que você acha que está faltando na música de hoje em dia?

L: Eu acho que a música é uma expressão artística, toda expressão artística tem compromisso com o seu tempo. Um artista jovem vai colocar sua visão nas suas músicas. Mas o que eu acho que está faltando é que quando você vai viver de arte, temos que colocar nossa emoção, seja ela qual for. Hoje, eu acho que as pessoas só querem fazer sucesso, então a performance chama mais atenção que a música e... esse sucesso que nós vemos, não é sucesso. É só uma maneira de aparecer no jornal e na TV, um jeito de ficar famoso.

J: Você não sente falta de um baixo, bateria e até mesmo uma voz na sua banda?

L: Olha, de voz não... Na verdade eu sinto falta dos meus avós (risos)... Mas de outros instrumentos sim, muitas vezes. E nessas horas que o nosso Duo cresce, tentamos buscar um som no violão. E isso fez com que nos tornássemos grandes no nosso negócio. Às vezes também fazemos temos participações de outros instrumentos.

J: Para finalizar, Luiz, você tem alguma mensagem ou dica para as gerações futuras?

L: Eu queria dizer que música é um assunto muito sério e que, como músico, você pode construir pessoas e destruir outras. O mais importante é dedicar-se aquilo que você gosta, com afeto e perseverança ao seu som. E a outra coisa que eu ia falar é sobre drogas e álcool: quando é jovem, a gente acha que algum tipo de droga vai melhorar a nossa performance. Mas isso é só ilusão. Todos os meus amigos que tocavam mais rápido do que eu, agora tocam mais devagar. E o álcool é uma coisa que acaba com tudo! Se você gostar de usar, use, mas não na música. Deixe a música fluir...Falei!



PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA BANDA PANTERA

HÁ história por trás da música da lendária banda de metal

Eles quebraram os limites. Quatro homens com seus respectivos instrumentos fizeram o que parecia impossível: fizeram o metal mais pesado e brutal jamais visto. No início da década de 90 estavam todos cansados do som retido. O metal clássico estava em um mal momento: O Metallica estava comercial, Bruce Dickinson havia deixado o Iron Maiden, todos cansados das bandas de Hard rock; as cenas como Death, Thrash estavam fracas e seus sucessores estavam apenas no underground.

Então veio o Pantera...e mudou as regras do jogo.

Trajetória da banda

Dimebag Darrel Abbot (guitarrista) e seu irmão, Vinne Paul Abbot (baterista), formaram uma banda de Glam-Metal. Chamaram Rex Brown para o baixo e Terry Glaze para o vocal, fundando o Pantera. Eles se vestiam com calças apertadas e spandex no cabelo, um clichê de estilo. A banda começou de verdade quando começaram a ser influenciados por Slayer e Exodus, metal brutal. Agora se vestem com roupas largas e trocaram Glaze por um jovem rebelde briguento, chamado Philip Anselmo.

Phil, na voz; Dimebag, na guitarra; Vinne, na bateria; Rex, no baixo. Lançaram o álbum "Cowboys From Hell" e estouraram de sucesso. Logo depois, lançaram "The Vulgar Display of Power", o álbum que os consagrou com hits como: Walk, Mouth for War, Fucking hostile e This love. Com Vinne martelando na bateria, Rex dando um peso como nunca visto antes, Dimebag fazendo os mais épicos do metal em sua guitarra e Phil Anselmo gritava letras sobre a vida, em geral no limite de não soar fascista. A fórmula se repetiu em "Far Beyond Driven", só que mais pesado, esse foi considerado o auge do Pantera.

O estilo de vida abusado começou a ter suas consequências. Quem não bebesse no Pantera, era demitido", diz Zakk Wylde. Mas o álcool não era o maior problema. Depois de anos de show, pulando e balançando a cabeça, Phil Anselmo teve hérnia em três discos da coluna. Mas a cirurgia exigia um ano de recuperação, e ele não queria parar. Para aliviar a dor, Phil começou a usar heroína.

A banda lançou mais dois álbuns: "The great southern trendkill" e "Reinventing the Steel", mas estavam distantes uns dos outros. O vício de Anselmo separou a banda. Em 2000, Pantera se separou e, em 2004, Dimebag foi assassinado em um show da sua nova banda Demageplan.

O Futuro de Pantera

Depois do fim do Pantera, Phil Anselmo virou vocalista do Down, Rex está em outra banda, Vinne toca agora no Hell Yeah e Dimebag morreu.

Foi cogitado muitas vezes a possível volta da banda, com Zakk Wylde(ex- Ozzy e Black Label Society) na guitarra substituindo Dimebag. Rex Brown disse que não há volta sem Dimebag (morto), porém ele gostaria de voltar a tocar com os antigos colegas.

Phil disse que quer muito se reaproximar dos antigos amigos. "Eu e o Rex somos ainda muito próximos, mas Vinne me odeia desde a morte de Dimebag, minhas portas sempre estarão abertas. Pois éramos irmãos; agora, nem conseguimos olhar para a cara do outro", diz Phil Anselmo

"Eu simplesmente não tenho interesse em me reaproximar de Anselmo. Estou muito feliz tocando com pessoas que realmente gostam de estar juntos. O que Phil fez para mim e Dimebag foi imperdoável", disse Vinne Paul, negando-se a volta da banda.

Todos os fãs de Pantera esperam uma reunião" Você sabe, a música do Pantera mudou a vida de muitas pessoas" "Eles mudaram as regras do jogo".

Todos esperam pela volta da banda. Mas os fãs podem se contentar, por enquanto, com as antigas e boas músicas dos eternos "Cowboy From Hell".



Banda, no começo da carreira



Dimebag Darrel e Phil Anselmo, no auge do Pantera

NOVO ÁLBUM DA DEMI LOVATO NÃO SURPREENDE E NEM DECEPCIONA

O álbum "DEMI" tenta demonstrar que a cantora está crescendo

A cantora Demi Lovato surpreendeu todo mundo ao lançar seu CD "Unbroken", falando dos problemas enfrentados em sua vida. Mas com o novo CD intitulado "DEMI", ela quis mostrar que havia crescido, superado as adversidades, porém não demonstrou muita evolução desde do álbum anterior (Unbroken). As músicas "Heart Attack" e "Made In The USA" tiveram destaque em seu novo álbum, ela se preocupou tanto com os dois títulos que foi feito um clipe para cada uma delas.

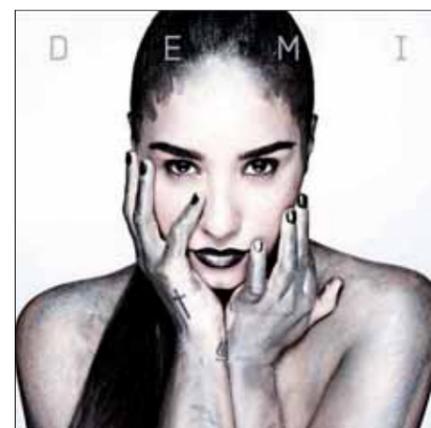
O refrão da música "Heart Attack" não é um dos melhores, se compararmos com as outras faixas do álbum, porém foi de grande sucesso e uma das mais ouvidas na rádio. A faixa fala sobre paixões não correspondidas: a figura de um garoto que a faz sentir como uma menina novamente, ou seja, ela mesma. Já o single "Made In The USA" tem um refrão funcional e direto, com rimas fáceis. A música diz: "*Não importa o que as pessoas vão dizer/ Eu sei que nós nunca iremos terminar/ Porque nosso amor foi feito nos E.U.A*".

A única música que teve uma participação especial foi a faixa "Really Don't Care", acompanhada da cantora britânica Cher Lloyd que fez um rap animado, porém curto. A música demonstra um término de namoro, mas por outro lado, a faixa é bem agitada.

Para fechar o álbum, a música "Warrior" aborda todos seus proble-

mas e tudo que a cantora superou vencendo esta batalha como uma guerreira.

No "DEMI" há faixas muito interessantes e envolventes, como também há faixas que não nos surpreendem. É um balanço perfeito. O CD mostra claramente o avanço vocal e técnica de Demi Lovato, assim como nas letras do álbum.



Capa do álbum "DEMI"

JEAN WILLIAM: REVELAÇÕES DE UMA CARREIRA DE SUCESSO

Tenor Jean William lança seu primeiro CD solo

Jean William, tenor, é solista da Orquestra Bachiana, estudou com importantes professores do Teatro Alla Scala em Milão. Ele já se apresentou nas salas de concerto mais importantes do mundo, como Lincoln Center, Metropolitan Museum e Sala São Paulo entre outras. Nesse ano, lança seu primeiro CD solo, chamado "Dois Atos".

Jornal: Quando você despertou o gosto pela música?

Jean William: A música sempre fez parte da minha casa, aprendi a gostar com meu avô que toca violão.

J: Quando você percebeu que realmente tinha talento? De que forma isso aconteceu?

JW: Eu percebi que tinha talento aos 16 anos quando fui ter aulas de canto e a professora percebeu que eu havia um potencial vocal diferenciado.

J: Você, ainda jovem, tem uma carreira de sucesso. É uma carreira que requer muito trabalho ou apenas basta talento?

JW: Acima de tudo, muita disciplina, pois o talento apenas, pode inclusive te atrapalhar, pois pessoas muito talentosas costumam ter facilidade com as coisas e logo deixam tudo para a última hora. Se não aliarmos o talento à disciplina, não se consegue uma carreira de sucesso, apenas aplausos momentâneos.

J: Você é um tenor. O que isso significa e como se identifica o tipo de voz de cada cantor?

JW: Tenor significa ter a voz masculina mais aguda, normalmente as classificações básicas são: soprano, que é a voz feminina aguda, contralto, voz feminina grave, tenor, voz masculina aguda e baixo que é a voz masculina grave.

J: Um cantor erudito precisa estar sempre com a voz afinada. Como você faz para ficar com a voz sempre "em dia"?

JW: Estudo canto há 10 anos e todos os dias eu faço exercícios de respiração, vocalises que são exercícios baseados nas vogais para aumentar a capacidade de acúmulo de ar e projeção vocal.

J: A voz muda ao longo da vida? Como o cantor se adapta a isso? Até quantos anos é possível cantar? Você tem auxílio de uma fono?

JW: Sim, nossa primeira grande mudança é na adolescência, depois segue mudando ano após ano de maneira menos perceptível, mas sempre constante. Existem casos de pessoas que morreram com 80 anos, cantando

em plena forma, todavia a maioria dos cantores profissionais tem sim uma vida útil, que varia, no entanto com a maneira como você usou essa voz ao longo de sua carreira. Eu costumo ir de 3 em 3 meses à fono para avaliar meu material vocal e ver minha saúde.

J: Grandes óperas foram escritas em italiano ou alemão. Foi preciso aprender essas línguas para interpretá-las?

JW: Eu sempre me interessei por idiomas e aprender alemão, inglês, francês, italiano foi um grande diferencial para saber como atuar, o que fazer no palco e principalmente muda sua conexão com o público e sua maneira de chegar até ele e emocioná-lo.

J: Você já se apresentou em várias das maiores salas de concerto do mundo. Como você avalia a Sala São Paulo?

JW: A Sala São Paulo é um tesouro, tanto pela beleza, quanto pela acústica, um templo onde você se transporta quando está lá dentro, seja como público ou no palco como artista.

J: Você vem trabalhando com grandes nomes da música erudita. Esses grandes artistas se comportam como celebridades? Você se considera uma celebridade?

JW: O mundo artístico é formado por pessoas muito distintas umas das outras, já encontrei gente que não fala com você e gente que te "pega no colo". Tudo isso é sempre uma questão de educação, acho que ser considerado uma celebridade pode ser interessante, quando seu exemplo de vida e trabalho inspiram outras pessoas. Mas eu não me considero uma celebridade.

"O mundo artístico é formado por pessoas muito distintas"

J: Como foi o grande passo para o sucesso?

JW: Acredito que todos os dias se caminha um pouco para o sucesso quando a gente está disposto a ter sucesso. Mas acredito que, me unir com as pessoas certas e ser sempre focado e disciplinado com meus estudos, foi o essencial e sempre será para novas vitórias.

J: É possível ter uma carreira internacional morando no Brasil?

JW: Uma carreira internacional torna você um cidadão do mundo, mas você pode ter uma casa no Brasil, apesar de não passar muito tempo nela (risos)... Todavia o Brasil está hoje no circuito internacional, logo, alguém que acontece como artista no Brasil, automaticamente, está acontecendo no mundo.

J: Você está lançando seu primeiro CD solo. Dá para ganhar dinheiro com a venda de CD no Brasil, ou isso fica difícil por conta da pirataria?

JW: O mercado fonográfico mudou muito ao longo dos anos, não dá pra ganhar dinheiro vendendo CD, mas esse projeto pode me garantir outras formas de sucesso, como boas críticas e prêmios; não existe valor maior do que ter seu trabalho reconhecido por quem você ama e por colegas e profissionais de sua área, além de registrar uma fase de sua vida como documento histórico.

J: Você já cometeu alguma gafe no palco?

JW: (muitos risos) sim, algumas como: ficar muito nervoso e errar a letra, tirar o banco do pianista, encostar no arco do celista e impedi-lo de tocar (risos). Coisas de iniciante e jovem.



Tenor Jean William

New York (Lou Reed)

Um dos maiores álbuns de Lou Reed

No ano de 1989, Lou Reed lançou seu 18º álbum homenageando a cidade que sempre retratou em suas músicas. Nova York, New York, foi, sem considerar o seus anos de Velvet Underground, o álbum que mais fez sucesso depois de Transformer (1972).

O álbum abre com a eletrizante "Romeo had Juliette", uma versão de como seria a velha história de amor contada nos subúrbios de Nova York.

O grande destaque do álbum é a faixa 2 "Halloween Parade" uma música que fala sobre terrível epidemia de AIDS no final dos 80 que matou muitos gays, prostitutas, junkies. Em resumo, muitos amigos de Lou Reed morreram e ele dedicou essa

música a eles.

Outras recomendadas são as faixas: 3 (Dirty Blvd), 4(Endless Cycle), 8 (Busload of Faith).

O ponto mais baixo do Cd está na faixa 5 "There is no Time" a música é muito simples e repetitiva o que realmente não é o ponto forte do CD nem de Lou Reed.

Um álbum duro, porém poético sobre a vida da vanguarda cultural do subúrbio, que aborda temas como: tráfico, uso de drogas e preconceito - bem no estilo bom e velho Reed. Na opinião dos fãs, o melhor álbum do mestre.



Capa do CD New York

O ROCK IN RIO SOBREVIVE

Duas grandes bandas do metal nacional irão pela 1ª vez ao Rock in Rio



Nos dias 13, 14, 15, 19, 20, 21 e 22 de setembro de 2013, acontecerá um dos maiores festivais de música do mundo, o Rock in Rio, no Rio de Janeiro.

Neste ano, a 5ª edição do festival, no Brasil, contará com uma grande mudança: a venda de ingressos. Em 2012, houve uma superlotação no espaço do festival, que dificultou a circulação pelas áreas de atração. Então a diretoria do evento achou que seria prudente diminuir a quantidade de ingressos disponíveis para compra, de 100.000 diárias para 85.000 diárias.

HISTÓRIA DO ROCK IN RIO

O Rock in Rio é um festival originado no Brasil, idealizado pelo empresário Roberto Medina. A ideia do evento era ampliar o universo musical brasileiro, trazendo bandas internacionalmente famosas para o Brasil, como por exemplo, o Queen e o Iron Maiden.

A primeira edição ocorreu em 1985, no Rio de Janeiro, especialmente voltada ao rock, por isso o nome Rock in Rio. O espaço onde foi montado o evento possuía um terreno de 250.000 metros quadrados, hoje conhecida como Cidade do Rock, o equivalente a cinco Woodstock. Ele contava com o maior palco já construído no mundo, até então, com 5.000 metros quadrados de área.

O festival, ao longo dos seus anos, ganhou uma grande fama mundial especialmente na América do Sul. Isso se deu por dois fatores: primeiro porque o público da América do Sul teve pela primeira vez a oportunidade de ver seus ídolos de perto. Ainda, porque as bandas que vinham para o evento já aproveitavam a viagem e faziam uma turnê, o que todos os amantes do rock adoravam.

VIPER

Uma das bandas confirmadas para a quinta edição é a banda brasileira de metal Viper que após uma pausa em 2009, retornou aos palcos com o vocalista André Matos.

O Viper, formado em 1985, junto com a primeira edição do Rock in Rio, tinha fonte de inspiração o Iron Maiden, que teve a primeira apresentação no Brasil, no festival. Essa fonte de inspiração influenciava tanto o visual da banda quanto a música produzida, tanto é que eles são chamados de Iron Maiden brasileiro.

Os dois primeiros álbuns do Viper, Soldeir of Sunrise e Theatre of Fate, que conta com os clássicos Living for the Night e Prelude of Oblivion, serão tocados na íntegra do show que fará parte do Rock in Rio.

KRISIUN

Krisiun é uma banda brasileira formada em 1990 na cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul. Os irmãos Alex, Max e Moisés, os integrantes da banda, tinham como maior influência o grupo Slayer, que fará participação no festival deste ano como o Krisiun, que se apresentará junto do Destruction.



A banda será a única de death metal a tocar no festival, e também uma das únicas a fazer um grande sucesso internacional junto ao Sepultura.

HOMENAGEM A CAZUZA

O artista e compositor Cazuza, que se apresentou na 1ª edição do evento, receberá uma homenagem na 5ª edição, depois que Renato Russo foi homenageado em 2011.



O show que fará a homenagem abrirá a 1ª noite do festival. O curador do show, Frejat, disse que a ideia foi juntar pessoas que estivessem envolvidas com a história dele, e uma geração nova de artistas que tiveram um vínculo com sua mensagem, para montar uma apresentação.

Restará saber se na edição de 2015, que acontecerá novamente no Rio de Janeiro, os organizadores irão prever com mais precisão o número de ingressos disponíveis para cada dia, acomodando melhor as pessoas.

SUPER COLLIDER, SERÁ QUE É REALMENTE MEGADETH?

Novo álbum da banda causa polêmica no mundo da música

Uma das maiores bandas do mundo de thrash metal, que faz parte do BIG 4 (as quatro maiores bandas de thrash metal dos Estados Unidos), com 13 álbuns de estúdio lançados, entre eles "Peace Sells ... But who is buying" e "Rust in Peace", a banda Megadeth lança seu 14º álbum "Super Collider".

O Megadeth, caracterizado por tocar o thrash metal, este ano produziu seu novo CD voltado ao hard rock, assim frustrando seus fãs que esperavam seu velho estilo e diminuindo as expectativas do público em geral. Apesar disso, o grupo atingiu um novo público, os que preferem o hard rock.

Um exemplo dessa radical mudança foi o clipe da música "Super Collider", que batizou o nome do álbum. O

clipe baseia-se em uma história de amor adolescente, e aborda a ruptura de um casal, assim mais uma vez perdendo sua essência. O grupo sempre passou uma imagem polêmica nas entrevistas, mas desta vez foi o álbum que se tornou polêmico, já que as letras não abordam assuntos tão profundos, quanto suas músicas antigas, e os riffs na guitarra passaram a ser muito simples dando a impressão que uma criança compôs a melodia.

O principal problema foi que os fãs estavam esperando muito do CD, já que os integrantes da banda eram capazes de fazer músicas de muito sucesso, superando as lendárias, mas eles demonstraram que nunca conseguirão superá-las, perdendo vários fãs.

Por fim, vendo a decadência do

Megadeth, há rumores vindo de um grupo de fãs que esse álbum foi mais um que visava apenas o lado comercial. Será que eles irão arriscar e arruinar de vez a carreira da banda?

